



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

O TEMPO E A ÁGUA

Um mergulho nas concepções de tempo experimentadas por um grupo de idosos no Parque Nacional de Brasília.

INAÊ QUIRINO SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Patriota de Moura

Brasília, 2024

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

O TEMPO E A ÁGUA

Um mergulho nas concepções de tempo experimentadas por um grupo de idosos no Parque Nacional de Brasília.

INAÊ QUIRINO SANTOS

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cristina Patriota de Moura – **Presidente da Banca**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília (DAN/UnB).

Prof. Dr. Henyo Barreto Trindade Filho – **Membro Interno Titular da Banca**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília (DAN/UnB).

Dr. Vinícius Prado Januzzi – **Membro Externo Titular da Banca**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-DF).

Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá – **Membro Interno Suplente da Banca**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília (DAN/UnB).

Brasília, 2024

RESUMO

O presente trabalho busca discutir a possível relação entre a maneira de lidar com o tempo e as condições de saúde e bem-estar experimentadas pelas pessoas na atualidade. Trata-se de uma pesquisa empírica realizada com um grupo de idosos, muitos deles longevos, que adotam, há décadas, a rotina de práticas físicas diárias no âmbito do Parque Nacional de Brasília. Além da pesquisa etnográfica feita formalmente no período entre março de 2023 e julho de 2024, foram consideradas, para efeito de reunião e elaboração de dados e informações, as memórias das experiências vivenciadas entre a pesquisadora e seus interlocutores durante os muitos anos de convívio nas áreas de uso público daquela unidade de conservação. Pôs-se em questionamento de que maneira o ritmo acelerado de vida contemporâneo dificulta ou impede a adoção de práticas de cuidado com a saúde, sendo esta considerada tanto nos aspectos físicos quanto mentais e psicológicos. Percebeu-se, primeiramente, que as noções de tempo, velocidade, saúde e práticas benéficas são todas construídas socialmente e dependem do contexto a que se lança o olhar. Além disso, constatou-se que a relação com o tempo, assim como muitos dos aspectos da vida contemporânea, é atravessada pelos diferentes marcadores sociais da desigualdade, fazendo com que a oportunidade e experiência do descanso, do cuidado de si e do vagar, todos reconhecidamente necessários à manutenção da saúde e do bem-estar, não sejam as mesmas para todas as pessoas e dependam, entre outras coisas, das condições socioeconômicas, da cor da pele e, ainda mais notadamente, do gênero. Pretende-se, dessa forma, lançar luz à questão de forma a contribuir na formulação da noção de descanso como um direito.

Palavras-chave: Tempo. Envelhecimento. Saúde. Bem-estar. Pressa.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the possible relationship between the way people deal with time and the health and well-being conditions experienced by people today. This is an empirical study conducted with a group of elderly people, many of them long-lived, who have adopted a routine of daily physical activities within the Brasília National Park for decades. In addition to the formal ethnographic research carried out between March 2023 and July 2024, the researcher and her interlocutors' memories of their experiences during the many years of living in the public areas of that conservation unit were considered for the purpose of gathering and preparing data and information. The study questioned how the accelerated pace of contemporary life hinders or prevents the adoption of health care practices, considering both physical, mental and psychological aspects. First, it was noted that the notions of time, speed, health and beneficial practices are all socially constructed and depend on the context in which one looks. Furthermore, it was found that the relationship with time, as well as many aspects of contemporary life, is permeated by different social markers of inequality, meaning that the opportunity and experience of rest, self-care and leisure, all of which are recognized as necessary for maintaining health and well-being, are not the same for all people and depend, among other things, on socioeconomic conditions, skin color and, most notably, gender. The aim is to shed light on the issue in order to contribute to the formulation of the notion of rest as a right.

Key words: Time, Ageing, Health, Well-being, Speed

Agradecimentos

O presente trabalho é fruto de uma conjunção de fatores sobre os quais figuram algumas pessoas importantes de mencionar. Sem elas, o que aqui se apresenta não seria possível.

Em primeiro lugar, agradeço à Cristina Patriota. Pela abertura, pela aceitação, pelas colocações cirúrgicas e cuidadosas. Se o aqui escrito pode ser considerado um trabalho acadêmico, isso se deve à sua orientação.

Às Luciana Portela (Petita), Monique Pyrrho e Samanta Madruga. Três mulheres que me incentivaram e, mais do que isso, me instigaram a voltar a estudar e a fazer esse mestrado.

Aos colegas e professores do DAN que compartilharam os momentos em sala de aula comigo. Foi importante tê-los ali.

Aos meus interlocutores de pesquisa. Vcs me inspiram diariamente.

Para além do mestrado, tudo o que acontece na minha vida é plural. Como na música¹, “sou uma, mas não sou só”.

Ao Tito. Pelas conversas, pelas infinitas leituras, pela paciência, pela motivação. Obrigada. Quando eu penso em aproveitar o “meu” tempo, penso nele com vc.

Aos meus pais, Miriam e Toni, e ao meu irmão, Rafael. Por tudo, por sempre.

Aos meus filhos, Lis, Pablo, Felipe e Marina. Tudo que eu faço na vida é dedicado a vcs.

¹ Povoada, de Sued Nunes.

Sumário

Introdução.....	página 7
Capítulo I	
Metodologia.....	página 16
O tempo e a água para mim.....	página 22
Capítulo II	
A Água.....	página 36
Capítulo III	
O mergulho.....	página 59
Os mergulhadores.....	página 70
Capítulo IV	
A ação do tempo.....	página 109
Conclusão.....	página 125

Introdução

“Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio, no ponto em que “ele” está; e a posição “dele” não é o presente, na sua acepção usual, mas, antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças à “sua” luta constante, à sua tomada de posição contra o passado e o futuro”.

Hannah Arendt

Objeto de profundas e incontáveis reflexões, o tempo está na literatura, na arte, na filosofia, na metafísica, nas religiões, nos saberes populares, nas mais diversas ciências, e em tantos outros debruçares. Do mais popular ao mais erudito, em diferentes momentos históricos, a partir de inúmeras formas de expressão, o tempo tem presença inequívoca na vivência humana e na reflexão que esta pratica sobre si. Visto como uma das formas puras da intuição sensível² (KANT, 1983), o tempo é considerado como um elemento fundamental nas elaborações sobre o mundo.

A concepção do tempo é, nesse sentido, um dos marcadores referenciais da humanidade. Uma vez que haja consciência a respeito do ser e do estar no mundo, há um alinhavar entre os momentos do agora, do antes, do depois. A relação estabelecida entre a humanidade e o tempo se dá em diferentes sentidos. As pessoas o percebem, vivenciam, interpretam, significam, categorizam, definem como medir, como lidar. Por outro lado, a noção construída de tempo modula, limita, condiciona e impõe muitos elementos de suas

² Para Immanuel Kant, as formas puras da intuição sensível seriam o tempo e o espaço. Essas seriam dadas a priori em um indivíduo, uma pré-condição do espírito do sujeito, que antecedem a experiência. Essas formas puras seriam a condição para a formação do conhecimento.

vidas em níveis essenciais e abrangentes, tanto no âmbito individual quanto no âmbito social.

Outro aspecto relevante é o fato de que a experiência do tempo antecede a consciência de si em um ser humano. As noções de temporalidade da forma como são experimentadas por uma comunidade da qual um indivíduo faça parte estão lá antes mesmo de sua existência e permanecerão ali após o seu desaparecimento. Sob muitos aspectos, a maneira como um indivíduo experimentará o tempo em sua vida é definida independentemente de sua existência e da sua individualidade.

É como se o tempo fosse, simultaneamente, interior e exterior ao indivíduo. Nesse sentido, as concepções de tempo assumidas por um grupo de pessoas, qualquer que seja ele, em que época for, trazem em si alguns elementos relevantes sobre a forma como esse povo se identifica, se organiza e atua no mundo.

É possível encontrar, nos mais diversos agrupamentos humanos, marcadores de organização, de métrica, associação etária, de atividades que assinalam o passar do tempo, posicionamento de eventos com referências cronológicas, e tudo isso é acessado e praticado de maneira coletiva. Nas ciências sociais tal tema já foi objeto de diversas reflexões, dentre as quais algumas já se mostram relevantes na construção do olhar sobre o tempo a que se pretende nessa pesquisa.

Entre os clássicos, ressalta-se a relevância de Durkheim para a pesquisa a partir da noção do tempo como categoria do entendimento. Em linhas gerais, para a escola francesa, da qual Durkheim é considerado um dos maiores nomes, as categorias de entendimento reúnem, entre suas características, o fato de serem construídas socialmente e de estarem presentes em todas as sociedades, mesmo que as diferenças culturais as apresentem de maneiras distintas. Além disso, tais categorias podem ser pensadas como os fundamentos do conhecimento, ou seja, representam as noções elementares a partir das quais pode se pensar a realidade.

A importância atribuída a tal abordagem diz respeito ao fato desta indicar, não somente o tempo, como as outras categorias de entendimento com as quais ele está intimamente relacionado, como um instrumento de comunicação humana, elemento essencial quando se pretende investigar como a sociedade se pensa e como as representações coletivas imprescindíveis à vida social são construídas. Para além das questões já superadas de totalidade, ou da busca pela forma primeira e elementar, a noção

sobre a qual parte-se na pesquisa aqui proposta é aquela que considera o tempo como um dos fundamentos do conhecimento em qualquer sociedade, mas a concepção que se tem desse tempo é socialmente construída e, por esse motivo, se dará a depender da especificidade do contexto a que se insere.

Mais especificamente na Antropologia, é possível indicar a contribuição da noção de tempo estrutural, já presente em Evans-Pritchard, quando este o distingue do tempo ecológico. Segundo Cardoso de Oliveira (1993), tal desmembramento da noção de tempo seria um artifício para demonstrar a diferença nas condições de utilização dos conceitos, apontando o tempo estrutural como sendo relativo³. Para o antropólogo britânico, a noção de tempo é sempre estrutural na medida em que até mesmo os conceitos relativos ao tempo ecológico são definidos a partir das relações sociais. Além disso, tal aceção é dada por uma ordem de acontecimentos de significação importante. Isso implica dizer, e é nisso em que se pretende basear os estudos propostos, que o entendimento sobre o tempo pressupõe conceituações e atribuições de relevância que são particulares a cada grupo.

Tem-se como premissa, portanto, a percepção antropológica do tempo como uma construção social, ou seja, de que cada sociedade constrói à sua maneira, a partir das suas formas de pensar o mundo, as suas formulações sobre o tempo, e a aplicam e reproduzem na dinâmica social. Tal constatação já aponta a contribuição de Roberto DaMatta tanto na noção de construção social como no entendimento de que a temporalidade, historicamente construída, opera em diferentes camadas da experiência humana. Uma das peculiaridades do tempo é a sua constatação (o tempo existe) e a sua percepção (o tempo passa). Assim como apresenta DaMatta (1997), essa simultaneidade a respeito da experiência temporal alcança, de diferentes formas, a sensibilidade humana e conduz a uma elaboração sociológica a respeito desse elemento que subjaz toda a existência.

As noções de velocidade e ritmo são ditadas pela forma específica de cada grupo social em perceber o tempo e, por esse motivo, tem sido considerada um elemento chave na busca do entendimento a respeito sobre a forma de pensar, sentir, agir e ser dos nossos contemporâneos. Estudos sobre as novas mídias, comunicação, modelos educacionais, produtividade, entre outros assuntos indicam uma valoração de um ritmo acelerado. É possível considerar a imposição de uma maior velocidade como uma característica

³ Discussão presente em “As categorias do entendimento humano e as noções de tempo e espaço entre os nuer” de Luiz Roberto Cardoso de Oliveira.

importante da atualidade. Atribui-se maior valor à pressa do que ao vagar. Estimula-se o acelerar em detrimento do frear ou do permanecer inerte. E tudo isso interfere na maneira como as pessoas experimentam suas vidas.

O sociólogo alemão Hartmut Rosa (2018), ao tratar sobre a transformação das estruturas temporais na contemporaneidade, desenvolve a ideia de que não se trata apenas de uma percepção sobre a aceleração, mas que, de fato, vive-se atualmente um tempo “comprimido”. Faz-se mais coisas nas mesmas unidades de tempo, e faz-se muitas coisas ao mesmo tempo. Ou seja, além de fazermos as coisas de forma mais rápida atualmente, usa-se a mesma unidade de tempo para fazer um número maior de coisas. Essa forma acelerada e multiatarefada seria, para o autor, consequência de uma relação entre a acelerações de ordens distintas, como a aceleração técnica, a aceleração do compasso de vida e o ritmo em que se dão as transformações sociais.

Na atualidade, muitos são os “efeitos colaterais” da forma de lidar com o tempo nas sociedades ocidentais e regidas pelo capitalismo. Há uma vasta produção a respeito da associação entre jornadas de trabalho e adoecimento, surgimento de síndromes relacionadas ao estresse, exaustão ou esgotamento, além de estudos sobre gestão de tempo e qualidade de vida. Além disso, é possível constatar a existência de movimentos, tanto no âmbito individual quanto no âmbito coletivo, que questionam e resistem a essa relação instaurada com o tempo.

Exemplo disso é o movimento *Slow*, que propõe uma mudança cultural para a desaceleração da vida cotidiana e que pode ser atualmente encontrado em diversas vertentes, abordando os mais diferentes aspectos da vida social, como o *slow food*, *slow shcool*, *slow cities*, entre tantos outros já experimentados pelo mundo. No Brasil, é possível citar a criação do Instituto Desacelera, uma organização sem fins lucrativos que se propõe a contribuir na reflexão, mobilização, formação e produção de conteúdo relacionados à saúde mental, o bem-estar e o cuidado relacionados à forma como lidar com o tempo na vida contemporânea.

A presente pesquisa propõe a realização de uma reflexão a respeito da concepção de tempo assumida por um grupo de pessoas e as suas relações com a noção de viver bem, problematizando temas como saúde e qualidade de vida. A partir do entendimento de que o debruçar antropológico sobre o tempo como categoria de entendimento pode contribuir com os saberes sobre a contemporaneidade, esta pesquisa propõe um estudo sobre a

concepção do tempo adotada por um grupo específico e suas condições de saúde emocional, bem-estar e felicidade.

O recorte empírico adotado foi um grupo de idosos frequentadores assíduos de um parque ecológico e tal escolha se justifica por estarem ali presentes e associadas algumas representações do passar do tempo e do bem-estar. Adeptos de práticas físicas e recreativas diárias ao ar livre, reúnem-se há décadas nas piscinas naturais da área de preservação ambiental. Com uma média de 15 a 20 integrantes, o grupo é composto majoritariamente por pessoas acima dos 75 anos de idade⁴ dotadas de boa saúde física, mental e emocional. A intenção da pesquisa foi, em linhas gerais, a de refletir sobre a relação entre tal condição e o mencionado costume, tendo como foco de análise as noções de tempo por eles adotadas.

Importante mencionar, para uma contextualização do grupo em comento, que se tratam majoritariamente de pessoas brancas que podem ser consideradas como sendo de classe média. Essa última categoria se presume pela observação e pela leitura de alguns aspectos de suas vidas evidentes em suas falas, mas não foram feitos questionamentos a respeito de questões econômico-financeiras. Tal escolha se deu primeiramente pelo foco do trabalho, que visava elaborações mais subjetivas do que materiais. Além disso, considerou-se que perguntas com esse viés pudessem constranger os entrevistados, o que não se pretendia nem no que tange à pesquisa, nem no que tange à relação dos interlocutores com a pesquisadora, sobre o que se discorrerá adiante.

Outro aspecto importante de frisar é que a noção de saúde mencionada diz respeito tanto aos aspectos físicos quanto mentais e emocionais. O pequeno grupo observado na pesquisa tida como base para a escrita desta dissertação pode ser considerado como uma “elite” quando se avalia níveis de saúde sob os diversos ângulos. Tendo em vista a qualidade de vida experimentada por aquelas pessoas, a intenção inicial foi a de discutir como a acepção de tempo poderia estar relacionada com tal conquista.

Pensar o tempo por meio do diálogo com aqueles idosos se mostrou interessante, em primeiro lugar, em razão de suas idades, pelo passar do tempo nas vidas individuais e particulares de cada um. Também por tratar-se de um grupo de convívio ativo por, em alguns casos, até 4 décadas, o que permite uma perspectiva relacional entre eles com o

⁴ De acordo com o Estatuto do Idoso, publicado em 1º de outubro de 2003, são consideradas idosas as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

passar dos anos. Além disso, a rotina estabelecida entre as pessoas naquele ambiente promove também o encontro com os familiares dos integrantes, fazendo com que a questão geracional pudesse ser acessada no âmbito das histórias particulares.

A espacialidade também assumiu um papel relevante nas reflexões aqui desenvolvidas na medida em que a identidade do grupo tido como interlocutor se constitui, entre outras coisas, enquanto inserida naquela paisagem. Eles se apresentam e se reconhecem como “amigos do parque”, “membros da associação”, “frequentadores de longa data”, estabelecem relações a partir disso, e os hábitos ali estabelecidos repercutem em outros níveis de suas vidas pessoais. O ambiente é tão definidor do entendimento do que são como grupo que faz sentido conjecturar que aquele grupo é o que é por estar onde está.

Ainda a respeito do “*locus*” de observação, buscou-se observar de que forma os aspectos naturais aos quais os idosos são expostos diariamente naquele ambiente, como os ciclos de vida botânicos e animais, assim como os elementos climáticos, se relacionam com as concepções relativas ao tempo adotadas por aquela comunidade. Por outro lado, pretendeu-se observar a existência de uma possível interlocução entre a significação do tempo para aquelas pessoas com as escolhas que as levam àquele costume.

Nessa linha, parte-se do entendimento de que a Água Mineral é um parque urbano, situado próximo às áreas centrais de Brasília, a capital do país, e tal fato modula a lógica assumida na relação com o ambiente natural em questão. Assim como tratado por Guattari (1992), o homem contemporâneo, que vive na cidade, experimenta a vida a partir de uma lógica urbana, mesmo naquilo que remete ao “não urbano”. No caso em foco, a relação com o parque, inclusive naquilo que tem por motivação a consciência e a conservação ambiental, é modulado por um prisma urbano.

Importante mencionar, ainda, que aquele ambiente e aquelas pessoas já foram foco de atenção de outros olhares atentos de pesquisa. Em pesquisa bibliográfica de trabalhos acadêmicos a respeito do Parque Nacional de Brasília, destaca-se alguns também realizados no âmbito da Universidade de Brasília, formulados a partir de diferentes áreas do conhecimento, com diferentes focos e abordagens. Cada um deles, a sua maneira, contribuiu para uma visão mais ampliada do Parque, lançando luz em aspectos não vislumbrados na presente pesquisa.

O primeiro deles é o trabalho de Andrea Lobo (LOBO, 1998)⁵, *Parque Nacional de Brasília: uma tentativa de análise sócio-antropológica de um espaço artefactual*. Defendida no Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, a monografia é o resultado de uma pesquisa a respeito de como os diferentes grupos identificados no Parque, tais como frequentadores (assíduos ou não) e gestores da unidade de conservação, se relacionam com o parque e suas diferentes concepções quanto ao que se destinaria aquele lugar. Nessa linha, a autora traça uma história social do Parque, demonstrando que desde a delimitação do Parque como tal, assim como em todo o processo político de modulação, gestão e manejo do Parque, ocorreram redefinições, conflitos de legitimidade e de representações entre os atores sociais envolvidos, fazendo com que aquela área pudesse ser enxergada como um espaço “artefactual”.

O segundo trabalho é a dissertação de Gustavo Souto (SALGADO, 2000) apresentada no departamento de Economia da UnB à título de conclusão do mestrado em Gestão Econômica do Meio Ambiente, a qual discute a economia e a gestão de áreas protegidas e tem como foco de análise o Parque Nacional de Brasília. Em resumo, o trabalho abordou a problemática da valoração de bens e serviços ambientais em áreas protegidas, tendo em vista que tais áreas estão incluídas na categoria de bem público. Adotando o PNB como estudo de caso, e fazendo uma análise sobre como a aplicação de metodologias de valoração ambiental naquela área definiu e define os valores de uso direto e indireto, o autor demonstra como o “valor positivo dado pela sociedade em geral às áreas protegidas” tais como o parque, não implica necessariamente em modificações nas práticas de gestão que, segundo ele, são excludentes. Apesar da presente pesquisa não se ater às questões mencionadas, o trabalho se fez relevante não apenas pelas informações trazidas sobre o parque, mas especialmente pelo fato do autor ser um dos interlocutores da pesquisa, fazendo com que a produção feita por ele traga um pouco sobre sua perspectiva sobre o parque enquanto frequentador.

A terceira produção a que se pode citar a respeito do parque é de Gabriela Fávero Rocco (ROCCO, 2005), intitulada como “Mergulho nas águas da Mineral”, na qual busca identificar as percepções e significados atribuídos pelos frequentadores à experiência vivida naquele ambiente. Ressalta-se que, apesar de se tratar de uma monografia

⁵ Andrea Lobo é, hoje, professora do quadro permanente do Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais da UnB.

apresentada ao Centro de Excelência em Turismo, a pesquisa tem um relevante olhar para os aspectos socioculturais, possivelmente pela ilustre orientação de Marisa Veloso, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Tratando a questão sobre a integração do sujeito na natureza por meio de práticas de lazer, a autora confirma haver uma relação entre a busca pelo prazer e bem-estar com a escolha pelo contato com ambientes naturais.

Outro deles é a dissertação de Wilson Vieira (VIEIRA, 2010) defendida no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UnB. A pesquisa do referido autor lançou o olhar para os vestígios de ocupação humana na área do PNB dos idos séculos XVIII a XX. Com a intenção de dar visibilidade e inventariar, por meio da narrativa histórica, os achados que fazem daquele lugar não apenas um patrimônio ambiental, como também um patrimônio histórico e cultural.

Por último, cita-se a monografia defendida por Mariana Machado (MACHADO, 2019) no Departamento de Antropologia – UnB, que apresenta um trabalho etnográfico sobre as relações entre humanos e macacos-prego no PNB. O trabalho aponta, entre outras coisas, como a lógica dicotômica entre animal e homem, selvagem e civilizado, natureza e cultura é relativizada e, muitas vezes, rompida nas diferentes formas de interação, apesar das ações e políticas de separação e delimitação de espaços (Machado, 2019). Essa suposta dicotomia, tema tão amplamente discutido no âmbito da Antropologia, não será tema de aprofundamento na discussão aqui proposta, mas a perspectiva de que há uma conexão entre as diferentes formas de vida e de que há uma teia em que se conjugam elementos dos quais o ser humano é um dos constituintes, tão partícipe e dependente da manutenção dessa existência quanto os demais, é compartilhada nas narrativas aqui trazidas. Nesse sentido, o referido trabalho contribui para a ponderação, que aqui também se faz necessária, de que não a noção de natureza, tal como largamente apresentada pelo pensamento ocidental como algo distinto e estanque da existência humana, não é universal.

Apesar da contribuição dada pelos mencionados trabalhos, vale discernir os momentos, as formas e os focos de análise. Tendo sido produzidos há mais de 8 anos, ao menos, entende-se interessante um debruçar mais atual sobre o Parque Nacional, inclusive, sob a perspectiva temporal a que aqui se propõe. O que aquelas abordagens falam do Parque e dos interlocutores desta pesquisa no período em que foram feitas e o que se vê agora? Além disso, nenhum deles abordou a concepção da passagem do tempo

para aquelas pessoas, mesmo que isso tenha se mostrado de alguma maneira, pois o tempo, a depender da perspectiva, está em todo lugar.

Outra discussão a que se pretendeu contribuir diz respeito às questões metodológicas a respeito do distanciamento e neutralidade idealizados na ciência social clássica. Em consonância com o entendimento que na Antropologia método é teoria, almeja-se contribuir também com as discussões relacionadas especialmente ao papel da pessoa pesquisadora tanto no recorte daquilo a que se lança o olhar como no desenvolvimento e nas interpretações que uma pesquisa promove.

Sendo assim, organizou-se a presente dissertação da seguinte forma: o primeiro capítulo foi destinado a apresentar as questões relativas à metodologia e, como se fará relevante, uma contextualização sobre a relação da pesquisadora com o campo de pesquisa. No segundo capítulo foi feita uma apresentação sobre o Parque Nacional de Brasília – a “Água” Mineral e buscou-se algum diálogo com outras produções sobre o Parque realizadas no âmbito da Universidade de Brasília. O terceiro capítulo trata da pesquisa empírica propriamente dita, com uma descrição mais detalhada sobre como se deu a aproximação com os interlocutores, além de uma apresentação sobre esses últimos individualmente. No quarto e último capítulo foram trazidos para a conversa alguns autores da Antropologia, na intenção de enxergar naquilo que se viu em campo algumas questões teóricas já desenvolvidas na área.

Capítulo I

Metodologia

Partiu-se do consenso que, na Antropologia, quando se pensa sobre metodologia, não há um caminho manualístico a ser seguido. A definição e manutenção do recorte, a totalidade da situação em campo, o acesso e o envolvimento com os interlocutores, nada disso é objetivamente programável para que se defina previamente um passo a passo a seguir. A teoria antropológica a respeito do método, além do acesso a um maior repertório de possibilidades por meio da leitura de diferentes experiências etnográficas, auxilia nas escolhas metodológicas a serem feitas no decorrer do percurso, mas é o contexto de pesquisa que indica, em última instância, os mais adequados meios de abordagem do tema.

Apesar de contar com os aspectos variáveis, adotou-se como passo metodológico inicial a realização de pesquisa bibliográfica das produções teóricas a respeito da concepção do tempo na contemporaneidade e daquelas relacionadas à qualidade de vida. Além disso, a pesquisa teórica abarcou os estudos a respeito da pessoalidade da pesquisadora enquanto constituinte do recorte, do olhar e, conseqüentemente do produto da pesquisa.

Considera-se que a construção das narrativas é uma forma de atribuir sentido às experiências de vida e, por esse motivo, teve-se como foco principal na abordagem empírica as narrativas do grupo pesquisado. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os membros do grupo de idosos, além dos funcionários do parque que pudessem contribuir com informações sobre a relação daqueles com o parque e sobre suas condições de saúde como, por exemplo, os profissionais dos postos médicos presentes nas piscinas e os servidores de limpeza e segurança com quem se estabeleceu uma convivência diária. Como em todos os casos foram autorizadas a gravação, utilizou-se a transcrição de forma a contar também com o material em texto para que fossem possíveis comparações e análises temáticas que se mostraram relevantes.

A respeito das transcrições, algumas constatações relevantes se deram sobre esse aspecto da pesquisa. Atualmente é possível contar com a tecnologia para a transcrição das

gravações em textos. Há inúmeras ferramentas de transcrição disponíveis aos pesquisadores que não precisam “gastar” tanto tempo na demorada tarefa de transpor em texto aquilo que foi dito em entrevista gravada. Para aquelas pesquisas que contam com um grande número de entrevistados, acredita-se que o uso dessas opções seja indispensável para a viabilidade do acesso integral ao que foi dito. Contudo, a escuta cuidadosa da gravação em momento posterior à conversa (que no caso foi realizada enquanto era feita, pela própria pesquisadora, a transcrição), demonstrou ser, para a experiência da presente pesquisa, um elemento fundamental de análise.

Foi na escuta, na “somente escuta”, que se alcançou algumas nuances do que foi conversado. Talvez isso tenha se dado pelo teor filosófico da proposta, com convite a aprofundamentos, mas pode ser que isso faça sentido em outros contextos de pesquisa. No momento da conversa, outros elementos competiam e se sobrepunham à escuta. Nesse sentido, apenas no momento do retorno aos áudios para transcrição é que se pode prestar total atenção audível aos tons, ao contexto sonoro ao redor, às pausas, às respirações profundas, às gargalhadas.

A observação participante também foi um método utilizado, uma vez que o convívio com o grupo em análise ocorreu durante todos os meses de pesquisa, apesar de não apenas nesse período o que remete à outras considerações metodológicas que serão desenvolvidas adiante. Mas, para efeitos do modelo de abordagem clássica da etnografia, no período formal de pesquisa, que se deu a partir da definição do objeto de estudo do trabalho final do curso de mestrado até a conclusão da escrita desta dissertação, houve um debruçar mais intenso por parte da pesquisadora naquele universo, aguçando o olhar analítico e aplicando práticas de registro em caderno de campo e tentativa de elaboração posterior a cada vivência das informações e percepções ali adquiridas.

A pesquisadora convive com o grupo de interlocutores há décadas e tal relação se estabelece justamente no âmbito das práticas diárias e matinais que se dão no Parque Nacional de Brasília. Por esse motivo é imprescindível considerar como se dão as aproximações e os afastamentos em um contexto em que a pesquisadora está inserida, em algum grau, no recorte escolhido de observação. Uma vez relativizadas as condutas de objetificação e distanciamentos clássicos do fazer antropológico (PEREIRA, 2020), a intenção é a de refletir sobre as consequências de um olhar de perto e de dentro (MAGNANI, 2002).

Tal rotina, quando pensada no decorrer dos anos, permitiu um conhecimento mútuo de situações de vida que, inevitavelmente, impacta o olhar analítico. Alguns daqueles idosos acompanharam suas gestações, viram e ainda veem os seus filhos crescerem. Ela conhece alguns de seus filhos, seus netos. Já foi convidada a participar do ritual de despedida de um deles, quando um grupo restrito da família jogou suas cinzas em um curso d'água. Ela se preocupa com suas ausências e a recíproca também acontece. Essa dinâmica oportunizou algum conhecimento sobre seus nomes, idades, posicionamentos políticos, questões de saúde, além de alguns aspectos de suas vidas para além da Água Mineral.

Apesar desse envolvimento descrito, a pesquisadora não é idosa e, por consequência, não compartilha de muitos de seus pressupostos, saberes, experiências. Além disso, o período em que está no parque, não permanece com os idosos nas áreas das piscinas, principais locais de convívio. Ela passa por eles, divide alguns breves momentos, mas não é um deles. Nesse sentido, fez-se uso da ideia de *outsider within*⁶ (COLLINS, 2016) enquanto uma forma particular de ver a realidade. Na visão dos interlocutores, é como se ela fosse uma estranha que está dentro. Uma “não nós” que compartilha dos nossos amanheceres em “nosso lugar”. Assim como se evidencia na fala da Dona Maria Borboleta “quando me disseram que você queria conversar comigo, disseram: aquela que passa aqui sorridente todos os dias, mas que nunca fica aqui”.

Essa perspectiva é, sob alguns aspectos, privilegiada. Patrícia Hill Collins (2016), ao tratar do ponto de vista de pessoas que, por consequência de algum contexto social, são indivíduos à margem, mas que estão dentro (as empregadas domésticas, no caso tratado no artigo em comento⁷), afirma que apesar dos obstáculos decorrentes do lugar ocupado por essas pessoas, o *status* de *outsider within* tem algumas vantagens, ou utilidades proveitosas à pesquisa de campo.

A primeira delas, segundo a autora, remete à definição de objetividade de Simmel (1921), quando da elaboração sobre o significado sociológico de “estrangeiro”, como sendo “uma peculiar composição de proximidade e distância, preocupação e indiferença”.

⁶ Essa expressão foi mantida em inglês por considerá-la mais adequada do que suas possíveis traduções para português.

⁷ COLLINS, Patricia Hill. “Aprendendo com a outsider within”. *Sociedade e Estado*, 31(1), pp. 99–127, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6081/5457://p>

Outra vantagem apontada por Collins seria a tendência das pessoas de se abrirem para “estranhos” de maneiras que não o fariam entre os seus. E uma terceira diz respeito à habilidade do estrangeiro em ver padrões que dificilmente podem ser percebidos por aqueles que se encontram imersos nas situações. Apesar das diferenças existentes entre as pesquisas, onde as questões raciais, de subordinação e de invisibilidade das mulheres em suas atividades como empregadas domésticas não se aplicam ao contexto da Água Mineral, identifica-se algumas similaridades no que diz respeito a essa perspectiva peculiar que permite um olhar de dentro para fora e de fora para dentro.

Ainda sobre isso, percebe-se os benefícios que o posicionamento da pesquisadora frente ao grupo trouxe às abordagens e ao envolvimento com o tema de pesquisa. Ser ela quem é, alguém que, apesar de estranha, é familiar, permitiu que aquelas pessoas se permitissem ao contato. Isso pode ser percebido pela fala da dona Lurdinha. O primeiro contato com ela foi feito por *WhatsApp*, mas não houve resposta. Quando houve o encontro na Água Mineral, e confirmou-se que havia sido a pesquisadora a enviar aquela mensagem, ela respondeu: “ah, se eu soubesse que era você, teria respondido. Fiquei com medo de ser um golpe desses que contam por aí”.

O convívio já estabelecido com os interlocutores e anterior ao olhar específico da pesquisa acadêmica afeta não apenas a percepção da pesquisadora a respeito daquelas pessoas, como também a percepção daquelas pessoas a respeito da pesquisadora. E isso interfere nos acessos, nas aberturas ou nas resistências a serem vivenciadas em campo. Mas, além disso, considera-se que esse contato anterior tenha sido fundamental na construção do recorte de pesquisa, pois o convívio com aquelas pessoas é, de forma inequívoca, uma das motivações para se estudar a relação entre a concepção de tempo e os índices de bem-estar.

O que se pretende levantar como discussão metodológica, no entanto, para além das questões de acesso e inspiração já mencionados, diz respeito à vivência compartilhada entre os envolvidos com o passar dos anos e o que disso pode ser convertido em dado de pesquisa. Tudo o que se viu, ouviu, experimentou, interpretou ao longo desses muitos anos deve ser desconsiderado por não estar nos limites estabelecidos como tempo de pesquisa?

Ousa-se a dizer que considerar que a pesquisa começou no momento do aceite da orientadora a respeito do tema seria uma hipocrisia metodológica. Os questionamentos

sobre a forma de lidar com o tempo, a observação dos hábitos daquelas pessoas, o interesse sobre seus índices de saúde e bem-estar já se faziam presentes na percepção da pesquisadora antes mesmo de se cogitar em fazer um curso de mestrado.

Outro aspecto importante diz respeito à formação acadêmica da pesquisadora. Graduada no ano de 2004 como bacharel em Antropologia por essa mesma Universidade de Brasília – UnB, foi levada, por uma conjuntura de vida⁸, a ter uma atuação profissional afastada da academia e da Antropologia. Contudo, quando questionada a respeito de sua formação “peculiar” no universo dos investimentos e previdência complementar em que trabalhava, e sobre de que forma os saberes adquiridos na universidade contribuíam para a sua atuação naquele setor, a pesquisadora respondia orgulhosa de sua escolha acadêmica respondendo que a Antropologia havia constituído a sua forma de olhar o mundo.

Essa consideração não tem por intenção afirmar que tudo o que se fez a partir da conclusão do curso de graduação tenha sido antropologia. Claro que não. Pretende-se apenas demonstrar como, de alguma maneira, o olhar antropológico esteve presente nas interações anteriores à decisão de pesquisa.

Com isso, a proposta é a de levar em conta, para efeito dos dados a serem considerados na pesquisa, também aquilo que se tem na memória, por meio de uma antropologia *ex post facto* (MACHADO, 2023). A partir da flexibilização dos limites de um trabalho etnográfico, fugindo das tradicionais e, em alguma medida arbitrárias, noções de começo e fim, põe-se em questionamento a necessidade de um deslocamento físico e uma definição temporal rígida para se produzir um conhecimento antropológico.

Segundo Igor Machado (2023), a antropologia já flexibilizou seus limites no que diz respeito aos aspectos espaciais, como pode se confirmar pelas etnografias feitas no mundo digital, ou até mesmo pelas chamadas “etnografias multissituadas” – situações em que os sujeitos não se limitam a espaços definidos (MARCUS, 1995), por exemplo. Contudo, segundo o autor, a questão temporal ainda é um limite definitivo e não superado por essa área do conhecimento. Nessa linha, propõe, em seu último trabalho, a adoção da memória como um recurso metodológico. Argumenta, em linhas gerais, que tal proposição se baseia no fato de que o próprio retorno aos cadernos de campo como fonte principal de informação é, em alguma medida, um acesso à memória, uma vez que o que se descreve naquelas anotações tão relevantes para o fazer etnográfico são narrativas

⁸ Alguns aspectos de ordem pessoal serão melhor desenvolvidos no subitem “A água e o tempo para mim”.

sobre eventos passados. Nesse sentido, haveria algo de antropologia *ex post facto* em qualquer etnografia.

Para refutar possíveis comparações com a história, com a autobiografia ou com outros gêneros existentes dentro da própria antropologia, como a antropologia da biografia, a etnografia autobiográfica ou a autoantropologia, o autor define algumas características do que seria a antropologia *ex post facto*. No método em questão, a memória seria um recurso para pensar a experiência passada como um trabalho de campo. Há um esforço reflexivo e metodológico, segundo práticas próprias à antropologia, a respeito de um evento que, apesar de remeter a situações autorreferentes, trata de algo para além da vida do pesquisador. A experiência biográfica seria, em última instância, o meio de produzir um conhecimento antropológico sobre o outro, tendo como resultado uma etnografia e não uma narrativa sobre o *self*.

A antropologia *ex post facto* produz, de certa forma, no antropólogo que a performa, uma cisão entre o “eu” subjetivo que viveu alguma experiência e um “eu” antropológico que a relê como um campo etnográfico e produz um conhecimento distinto do que o “eu” subjetivo havia produzido. (MACHADO, 2023)

Nesse sentido, a presente dissertação é fruto de uma pesquisa de campo nos moldes convencionais associada com uma proposta de antropologia *ex post facto*, em que se leva em consideração também a memória das experiências vivenciadas nos anos de convívio da pesquisadora com o grupo de interlocutores antes mesmo da decisão de se tê-los sob essa ótica.

O tempo e a água para mim

“A imersão do sujeito na natureza é como uma busca solitária [...] de si mesmo [...] numa forma de intimidade com os seres e o cenário do mundo natural [...] uma difícil naturalização de si mesmo”.

Carlos Drummond de Andrade

Tendo em vista o exposto tanto nas apresentações preliminares do trabalho como na metodologia, considerou-se importante contextualizar o lugar da pesquisadora no campo etnográfico. Algo que se aproxima da chamada “etnografia íntima” (WATERSON, 2014), na medida em que há uma dupla posição por parte do pesquisador, sendo parte íntima da história que se narra e buscando, ao mesmo tempo, ter uma postura analítica antropológica ao lidar com as narrativas. Para tanto, e para fazer jus à personalidade dessa relação, esse será o único trecho da dissertação em que o texto será escrito em primeira pessoa. Será a Inaê, portanto, que falará por si e sobre si nessa sessão sobre a sua relação com Água Mineral e sobre as suas percepções sobre o tempo.

Sou frequentadora assídua da Parque Nacional desde os meus 18 anos. São 26 anos de relação e muito me emociona constatar esse tempo decorrido. Desses, já morei em diferentes lugares de Brasília, já fiz e desfiz dois casamentos e tive, banhada por aquelas águas geladas, gestações que me proporcionaram a experiência de ser mãe de quatro pessoas.

Tudo começou quando eu “tirei” a carteira de motorista, o que me permitiu acessar lugares antes mais dificultados pela dinâmica do transporte público. Minha mãe, meu irmão e eu dividíamos o mesmo carro. Nos dias em que eu era agraciada em ficar com ele, aproveitava o fato de estar na asa norte para as aulas da UnB e “fugia” para o parque nos intervalos entre as aulas. Foi ali, naquele momento, em que me dei conta do oásis que tínhamos por perto. Em seguida, comecei a namorar aquele que seria o meu primeiro marido e pai dos meus dois primeiros filhos. Ele morava em uma *kitnet* na comercial da

316 norte. A proximidade permitiu a ida ao parque nas primeiras horas do dia, o que virou a rotina adotada até os dias de hoje. Ali eu já conheceria alguns dos que são os meus interlocutores neste trabalho.

Desde aquela época, o momento preferido do meu dia é o início da manhã. Sou dessas pessoas que gosta de dormir e acordar cedo. E, sempre que posso, estou em lugares próximos à natureza. Caminhar, nadar, correr, fazer alongamento e yoga, estão entre as práticas físicas que me agradam e aquele lugar me parecia e ainda parece o lugar ideal para realiza-las. A rotina estabelecida no parque foi, nesse sentido, uma conjunção de fatores que incluíam as minhas escolhas pessoais.

Importante frisar que, no decorrer desses 26 anos, nem sempre pude ter a assiduidade que gostaria. Nos períodos em que morei muito longe do parque ou que a dinâmica de vida não permitiu, minhas idas ao parque foram escassas, o que me fazia sentir falta a ponto de desejar organizar a minha vida de uma forma em que coubesse a ida diária à Mineral. Há 9 anos moro em um lugar e tenho uma rotina que permitem que eu seja uma “mensalista”.

Eu sempre tive uma memória olfativa relevante. Lembro de parentes, casas antigas, experiências de infância ao sentir um cheiro que lhes seja pertinente. As coisas do meu pai têm um cheiro, as coisas da minha mãe outro, a biblioteca da UnB, a presença de um bebê a metros de distância. Volta e meia sinto o cheiro da minha avó, mesmo ela já tendo ido embora há mais de 10 anos. Com o parque não é diferente. Eu reconheço o cheiro da Água Mineral. Minha relação com ela é tão antiga e tão importante que penso ser capaz de me saber dentro dela mesmo de olhos fechados.

Trago isso em texto motivada pelas leituras de Ingold (2020), que tratam da importância de vivificarmos os sentidos. A partir da constatação da limitação da escrita, o autor sugere que tenhamos mais consciência do nosso corpo e dos nossos sentidos quando estamos em campo. E a minha relação com a Água Mineral não poderia deixar de ser trazida sem falar da minha experiência sensorial. E essa constatação perpassa as elaborações pessoais que tenho sobre o tempo, como como veremos adiante.

Como sempre tive o hábito de acordar cedo, a minha frequência no parque sempre se deu no período entre 7h e 8h30. Esse horário coincide com aquele escolhido pelo grupo de idosos que frequentam assiduamente o parque. Alguns deles chega no horário de abertura do parque, 6h. A depender da época do ano, a chegada deles se dá antes mesmo

do nascer total do sol. Faça chuva ou faça sol, calor ou frio, estamos todos (ou buscamos estar) naquele lugar, todos os dias.

Eu vou de carro, logo após deixar os meus filhos na escola. Meu companheiro, Tito, geralmente vai comigo, mas nem sempre. Sua disponibilidade em acordar tão cedo e sua disciplina com o autocuidado não são marcas tão fortes em sua personalidade, o que, para efeitos dessa dissertação, poderíamos definir como: “nossos tempos são diferentes”. O percurso feito entre a escola das crianças e o parque leva uns 10 minutos apenas, passando ao lado do bairro Noroeste e pegando um trecho da movimentada avenida EPIA.

Na entrada, já se distingue o tipo de usuário do parque na passagem dos guichês de pagamento. Aqueles que frequentam diariamente o parque são “mensalistas”, ou seja, optam por pagar um valor por mês (atualmente R\$180,00⁹) ao invés de pagar a diária (atualmente R\$18,00¹⁰). Eu sou mensalista. Os idosos são isentos¹¹ do pagamento da taxa. Dado o tempo de convívio, conheço grande parte dos funcionários que atendem nos guichês de entrada do parque e das piscinas, assim como aqueles responsáveis pela orientação pública e limpeza dentro do parque. Assim como ocorre em relação aos idosos, nutro, por alguns desses funcionários, o sentimento de simpatia e afeto. São eles que me avisam se a trilha está fechada, se os porcos estão por perto, se alguma região do parque está pegando fogo, ou até mesmo se há alguma presença que seja motivo de preocupação¹².

Meu percurso preferido, feito na maior parte dos dias, é o que passa pela “piscina velha” (formalmente denominada piscina areal), e é especialmente nessa passagem que se dá o meu encontro com a maioria dos idosos. Do estacionamento, passando pela portaria de entrada da piscina, atravessando a matinha fechada (o lugar onde automaticamente eu respiro mais fundo, para tentar colocar dentro de mim a maior quantidade possível daquele cheiro), passando pela piscina, ao lado do postinho médico e banheiros, é o trecho em que os contatos acontecem. Para além desses, alguns encontros acontecem pela ladeira que dá acesso à trilha Capivara e nas áreas adjacentes à administração do parque, à área

⁹ Esse valor foi aumentado para R\$ 190 em outubro de 2024.

¹⁰ Esse valor foi aumentado para R\$ 19 em outubro de 2024.

¹¹ São isentos do pagamento da taxa de entrada no parque os idosos (a partir de 60 anos) e as crianças menores de 12 anos.

¹² Até hoje, são apenas duas as fontes de preocupação nesse sentido, sendo um rapaz com desvio mental e um senhor agressivo com os funcionários. Ambos andam sozinhos pela mesma região do parque que costumo realizar as minhas práticas e, por isso, os funcionários me avisam de forma que eu fique alerta.

de serviços do ICMBio e ao centro de visitantes, trechos que percorro diariamente por caminhada ou corrida, ou na entrada da trilha Cristal Água, onde há um chuveiro aberto ininterruptamente com o respiro da água que desce para a piscina, lugar onde realizo minhas práticas de alongamento e yoga.

Bons dias, apertos de mão, abraços, acenos ao longe, brincadeiras sobre o marido que não veio, notícias dos netos, breves relatos de viagens. Essas são interações que fazem parte desse momento de chegada em sua grande maioria das vezes. Mas no decorrer de todos esses anos, diferentes ocasiões levaram a que tivéssemos e ainda tenhamos, eu e aquelas pessoas, diálogos mais longos, mais aprofundados sobre diferentes assuntos. Um trecho de manhã em frente à piscina enquanto os filhos nadam, uma caminhada em que são coincidentes os percursos, a espera de um mecânico para solução de uma questão com o carro, ou até mesmo por iniciativa de um de nós, por se interessar em dedicar um tempo àquela troca.

Esses diálogos giram em torno de assuntos dos mais diversos. E neles, a importância e a desimportância qualificadas na “vida real” parecem trocar de lugar. Ali nos importa mais a florada da quaresmeira, o eclodir do fruto do Chichá¹³, o romper a ladeira no frio intenso das auroras de julho, o encantamento e cuidado experimentado com a mais nova ninhada nascida de quero-queros. Mas também conversamos, mas tendemos a nos ater menos a esses “assuntos menores” ou “ali minorizados”, como o meu desemprego, a situação política do país, ou alguma questão que tenha se feito presente na vida de em algum de nós.

Essas trocas, como mencionei, são feitas esparsamente, pontualmente, sendo o meu tempo ali vivido mais ocupado por solidão e silêncio do que pelo convívio humano. Por onde passo, troco mais presenças com quero-queros, bem-te-vis, pica-paus, tucanos, beija-flores, carcarás, tesourinhas, gralhas do cerrado, o que, às vezes, me faz sentir dentro do livro *Mil pássaros pelos céus*, de Ruth Rocha (ROCHA, 1969), o qual indico a quem tem criança por perto. Para além deles, compartilho meus momentos com alguns lagartos (há um azul gigante que mora próximo à área do chuveiro que só acredita quem já viu), quatis, porcos, antas, cachorros do mato e, mais raramente (há anos não vejo) capivaras. Os macacos pregos, muito famosos por suas condutas intrusivas, com roubos de comidas

¹³ Ou Xixá do cerrado. Há várias pelo parque. Dona Cassiana diz (e confirmei por pesquisa) que o tucano adora comer seus frutos. Estes também são comestíveis por nós humanos, *in natura* ou torrados.

e pertences, se fazem presente principalmente nos arredores da piscina e, por isso, meu convívio com eles se limita aos raros dias que vou à piscina (geralmente quando levo os meus filhos).

São raríssimos os problemas com os animais do parque. Nesses 26 anos tive, uma vez apenas, que fugir do ataque de um grande macaco (o chefe do bando, o macho alfa do grupo de macacos segundo os funcionários do parque ao ouvir a descrição do tamanho, coloração e humor), já tive que subir em árvore para esperar a passagem de uma grande família de porcos selvagens (que podem ser agressivos, mas nunca o foram comigo, além de muito fedidos) e já me amedrontei com algumas poucas cobras. Sobre essas últimas, identifico que a presença delas no parque é, só perdendo para o medo de estupro, o maior desafio que enfrento como frequentadora. Para enfrentar esses medos, acesso a minha crença de que estou ali em missão de paz, que prezo e cuido daquele lugar e que, por isso, todo o resto há de me proteger.

Como mencionei anteriormente, a motivação de estudar o tempo naquele lugar parte, indubitavelmente, das reflexões que venho alimentando internamente nos últimos anos da minha vida. O parque e tudo o que ele me traz induz, contribui e até promove uma relativização do tempo nos moldes em que o ritmo de vida diário me impõe. Como eu disse aos idosos quando da apresentação da pesquisa e dos motivos que me levaram a ela, o parque é o lugar onde eu pauso a correria do dia para respirar com mais calma e esvaziar um pouco a mente.

Aqui talvez seja adequada a noção de heterotopia apresentada por Foucault (1966)¹⁴, quando este discutia a sua tese de que a época em que se vivia, século XX no caso, deveria ser observada a partir do espaço e de suas múltiplas qualidades. Fazendo uma distinção entre os espaços de dentro (em que estariam a “nossa percepção primeira”, os “devaneios”, com qualidades intrínsecas) e os espaços de fora (nos quais somos lançados para fora de nós mesmos), o autor se propõe a discutir esses últimos. Os espaços podem, ainda, ser definidos a partir de uma perspectiva relacional, ou seja, a partir da relação que estabelece com os outros lugares ao redor, e a partir disso, serem percebidos

¹⁴ O conceito foi apresentado pela primeira vez no prefácio de *As palavras e as coisas*. Sobre o conceito, vide [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807535/mod_resource/content/1/Castro.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807535/mod_resource/content/1/Castro.pdf)

como “alocações”. Foucault destaca, como foco de seu interesse, algumas dessas alocações:

Mas o que me interessa, dentre todas essas alocações, são algumas que têm a curiosa propriedade de estar em relação com todas as demais alocações; mas, de um modo tal, que elas suspendem, neutralizam, ou invertem o conjunto das relações que são por elas designadas, refletidas ou reflexionadas.

e

Esses espaços que, de alguma forma, estão ligados a todos os outros, e que, no entanto, contradizem todas as outras alocações. (FOUCAULT, 1966)

Dentre essas, haveriam aquelas que não representam um espaço físico real, mas mantêm com os espaços reais uma relação de analogia, direta ou invertida, que seriam as utopias. Já as heterotopias estariam sim vinculadas a um espaço físico real e localizável, mas seriam como “espaços outros” ou “contra-espaços”. Essas heterotopias guardariam em comum com as utopias a propriedade de suspender, neutralizar ou inverter “o conjunto das relações inicialmente designadas para aquele ambiente.

Para se fazer uma heterotopologia, ou seja, uma descrição sistemática para estudo e análise desses espaços, o autor enuncia alguns princípios que cabem ao que aqui se pretende elaborar. Um dos princípios que se sobressai é o que estaria associado ao tempo. Nas heterotopias o tempo se apresenta em ruptura com o tempo tradicional. E foi essa a percepção que me instigou a realizar o presente trabalho. Na Mineral o tempo corre de outra maneira para mim e isso era um dos elementos que me faziam estar ali. Outro princípio que se mostra compatível com o contexto que tento expor é o da compensação. As heterotopias cumpririam uma função em relação aos demais lugares que as circundam ou, “ao espaço restante”. Nelas seriam criados espaços com qualidades positivas que colocam em evidência os aspectos negativos dos demais espaços e por isso seriam chamadas de heterotopias de compensação.

Ao escrever sobre esse conceito, Castro (2013) afirma que apesar de ter sido poucas vezes retomado na obra de Foucault, foi de grande contribuição para o entendimento de que os espaços seriam suportes físicos de situações, seriam uma moldura para a vida. Percebo, e é a partir disso que se dá a pesquisa, a Água Mineral como uma heterotopia que serve de suporte físico para as vivências que aqui abordarei.

Sou mãe de 4 filhos e tal fato, por si só, já ressaltou em mim uma maior atenção sobre o tempo. A parentalidade da forma como é experimentada na sociedade na qual

estou inserida é, na minha leitura, um dos modelos de relação social mais permeados pelo tempo ou, onde se tem mais consciência sobre a passagem dele. Supõe-se que seja uma relação vitalícia ou, no mínimo duradoura, próxima, com a força de entrelaçar diversos aspectos das vidas daqueles que por ela estejam vinculados. Da forma como vivenciada por mim, e já tendo passado por duas décadas nessa perspectiva, a maternidade é a experiência em que a noção do tempo mais se expõe. Quando se está grávida, “espera-se” um bebê. O crescer, desenvolver, amadurecer, todos são processos que se dão necessariamente em uma perspectiva temporal. Presenciar o nascimento, a infância, o adolescer, o amadurecer de alguém é acompanhar o tempo. É vê-lo a olho nu. A voz de Gal Costa cantou sobre isso em “eu vi o menino correndo, eu vi o tempo brincando ao redor do caminho daquele menino”.

Essa maternidade elevada à quarta potência impõe a mim um nível alto de resolutividade diária. Só as leitoras mães ou equivalentes¹⁵ terão a real dimensão do que estou dizendo. Para além disso, assumi, entre 2012 e 2021 um cargo em uma Fundação que exigia uma atuação intensa e constante da minha parte, extrapolando, muitas vezes, as 8h diárias de atividades definidas em contrato de trabalho. A quantidade de demandas a que eu era submetida contribuiu para aquela que seria a minha mais relevante questão de saúde, a enxaqueca. E tudo isso ambientado, não posso deixar de mencionar, por uma crise política ideológica nacional (e mundial) nunca antes vivenciada por mim, o que me afetou profunda e sensivelmente.

Interessante mencionar que a atividade profissional desempenhada por mim no período mencionado também, em alguma medida, influenciou para uma maior atenção, por parte do meu olhar, destinada aos idosos em detrimento de outros frequentadores assíduos do parque. A empresa na qual trabalhei é uma entidade fechada de previdência complementar que, em linhas gerais, administra recursos vertidos, tanto pelo segurado quanto pelo seu empregador, no decorrer de toda a sua vida laboral, de modo a constituir uma reserva que servirá para garantir benefícios futuros de aposentadoria. Ou seja, há todo um conhecimento aplicado para pensar, no decorrer de uma vida, de que forma recursos devem ser geridos para que, em determinado momento da vida, em que se prevê uma incapacidade laboral que pode se dar, como fator primordial, mas não único, com o

¹⁵ Incluo os “equivalentes” pois a depender do contexto, outras pessoas além da mãe assumem o papel de criar uma criança.

alcance a determinado patamar etário. A atividade previdenciária seria, nesse sentido, uma medida de proteção às limitações impostas, entre outras coisas, pelo passar do tempo na vida das pessoas.

Questões relativas à aposentadoria e à inatividade, e suas relações com o tempo decorrido de vida de uma pessoa (idade), serão retomadas no transcorrer do trabalho, mas o que importa neste momento do texto é ressaltar que ter trabalhado por tanto tempo com o intuito de garantir a manutenção de qualidade de vida na fase “não laboral” da vida, certamente, influenciou a um olhar mais atento aos idosos do parque em detrimento dos outros frequentadores assíduos que naquele ambiente estão.

Retomando a descrição do contexto de excesso de atividades e a “falta” de tempo em que eu vivi na última década, a chamada de atenção se deu no final de 2019, alguns meses antes de entrarmos em pandemia. Foi justo naquele que seria um mini descanso, um respiro de 2 dias na praia com um show no meio, que o nível de stress gritou dentro de mim em uma crise de febre alta e adoecimento abrupto que me levou a um hospital do Rio de Janeiro às pressas. Lá fui revirada do avesso em busca dos possíveis motivos daquilo estar acontecendo uma vez que eu estava tão bem. Depois de exames de toda ordem, saí do hospital com um diagnóstico de estafa, com a prescrição de uma reavaliação de “ritmo de vida”.

Apesar da orientação médica, eu não poderia abdicar do emprego que tinha, pois precisávamos, eu e minha família, da renda que ele proporcionava. E a gestão da casa (na qual vivia alegremente tanta gente, com todo o seu apetite e movimento) não deixaria de ser assunto meu. Busquei diferentes auxílios para tentar aprender a atribuir e a delegar maior responsabilidades às pessoas à minha volta. Envolvi, a mim e aos que estavam próximos, em todos os ambientes em que eu estava inserida, em questionamentos e elaborações sobre o lugar da mulher tanto na maternidade (com questões relativas à parentalidade, à economia do cuidado, entre outras) como no mercado de trabalho (com suas lógicas de produtividade e “capitais humanos”). Isso pode ter me ajudado a reformular premissas internas, mas não gerou mudanças significativas no ambiente ao redor.

Nesse movimento reflexivo a respeito daquele momento pessoal de vida, considerei que alguns dos fatores que levavam àquela situação diziam respeito ao tempo. Fechando a lente para uma dimensão mais particular eu constatava que todo o meu tempo

era ocupado. Eu tinha atividades em atraso, eu tinha muitas atividades a cumprir naquele momento presente, e eu tinha à frente inúmeros afazeres¹⁶. Soma-se a isso o fato de algumas dessas tantas atividades não eram escolhidas por mim, ou não eram consideradas, por mim, como importantes. O meu tempo era dedicado, em uma parcela relevante do meu dia, a interesses que não eram meus.

Além disso, não havia tempo vazio, e essa constatação era feita tanto na perspectiva de uma lente mais fechada, focada em minha experiência pessoal, como também em uma lente mais aberta e ampla, no olhar ao redor. Era cada vez mais evidente e violenta a constatação, não só a meu respeito, mas também a respeito da sociedade em que vivo de forma geral, a constante motivação, indução e até mesmo imposição de se dedicasse o tempo a algo. Haveria uma demanda interna e externa de que o nosso tempo seja aplicado em algo com vistas a um resultado, um objetivo funcional, necessariamente. E quando se ocupa o tempo inteiro, não há tempo disponível para o nada. Haveria um ignorar, um não considerar o vazio, o nada, o não fazer, o “ver as horas passar”, como algo de importância.

Cabe aqui uma menção ao que Magnani (1994 e 2024) elaborou sobre o significado do lazer na sociedade contemporânea. Para basear seu entendimento, faz uma referência histórica que se inicia ainda nas primeiras fases da Revolução Industrial, onde o ritmo e a intensidade do trabalho só tinham como limite a exaustão física e psíquica dos trabalhadores, e a interrupção do trabalho só se dava pelos ciclos da natureza, nas separações entre dia e noite. Depois disso, a nova ordem econômico-social inaugurada pelo nascente capitalismo começa a ver esse trabalhador, segundo o autor, como um dos elementos envolvidos no processo produtivo, passando a percebê-lo como força de trabalho. Contudo, a manutenção dessa força de trabalho ficava a cargo de quem a vendia, no caso o trabalhador. Todos os aspectos de sua vida pessoal, como moradia, alimentação, saúde e, inclusive, o descanso, eram de responsabilidade desse trabalhador.

É nesse contexto que surgem as demandas advindas das classes operárias por redução de jornada de trabalho, férias, descanso semanal remunerado, entre outras. Magnani aponta que ali o tempo livre já era visto como algo de suma importância, ao menos para o trabalhador e real detentor desse tempo, não apenas por representar “a necessária reposição de energia, mas ocasião de desenvolvimento de uma cultura própria

¹⁶ Afazer. A fazer. A própria palavra vincula o tempo futuro.

e independente dos valores burgueses”. Há, portanto, ao menos desde o início da era moderna ocidental, uma oposição entre tempo de trabalho e tempo livre. A noção de lazer, nesse contexto, é concebida para tratar do conjunto de ocupações que “preenchem” esse tempo livre.

Depois do contexto apresentado a respeito do surgimento da noção de lazer, o autor volta o olhar para o lazer contemporâneo e, mais especificamente, para aquele praticado em países como o Brasil, que têm “problemas de base” por resolver e é marcado por profundas desigualdades. Para falar do lazer nesse contexto é preciso situar de qual parcela da população se quer tratar. O lazer não é o mesmo para todos uma vez que o tempo livre não é o mesmo para todos. Magnani trata de uma “região intermediária” entre os extremos socialmente em contraste, da parcela da população que está inserida no mercado de trabalho e que, por isso alcança legalmente direitos como férias e descanso remunerado, mas que, quando observadas as condições reais e objetivas, têm prejudicado o usufruto do lazer.

Essa noção cabe bem ao contexto pessoal e social que me circundava e que levavam a leituras que, por diferentes teores que tivessem, remetiam a questão da relação com o tempo. Uma delas, por exemplo, indicava que ainda temos muito caminho a percorrer no que diz respeito à conscientização e à adoção de medidas que minimizem a sobrecarga feminina. E essa discussão está totalmente associada à noção de tempo. Não apenas porque todo processo de conscientização social requer tempo, como a minimização da sobrecarga feminina precisar levar em conta, entre outras coisas, a necessidade ao descanso, ao tempo livre e, em uma análise mais aprofundada, à solidade, ao ócio, ao vazio.

Outra leitura que pode ser citada foi a de que, apesar de todos os avanços tecnológicos que permitiram várias melhorias de qualidade de vida, as pessoas pareciam estar cansadas, mais infelizes do que felizes, adoentadas, trôpegas em seus afazeres. E, dado o diagnóstico que fazia de mim mesma mencionado anteriormente, havia uma tendência a considerar que tal fato poderia estar também associado à forma como as pessoas gerem o tempo em suas vidas. A que dedicamos nosso tempo? A quem? Como é feita essa gestão entre vontades e necessidades? O que nos é imposto como sociedade a respeito da nossa relação com o nosso tempo?

Esse relato expõe um pouco do contexto que se contrapunha ao vivido no âmbito do parque. Lá as pessoas me pareciam mais saudáveis, mais felizes e, inclusive, mais sábias sobre a gestão de seus tempos, ao menos no que diz respeito à dedicação diária a práticas esportivas e/ou recreativas. É claro que se tratava, em sua maioria, de pessoas que já haviam alcançado a aposentadoria e, por isso, não deveriam ter tantos compromissos com tempos determinados, o que justificaria a ausência de pressa. Mas, em virtude da idade, outros obstáculos à adoção daquela rotina se apresentavam, como dificuldade de locomoção¹⁷, questões de saúde, entre outros. Mas não era só isso. A aparência saudável e feliz daquelas pessoas não pareciam ser, e por conhecê-los há tanto tempo eu sabia que não eram, resultado de práticas adotadas recentemente, mas de escolhas feitas no decorrer da vida, a mais longo prazo.

Foi exatamente nesse contexto que, em 2021, fui desligada da empresa para a qual trabalhava. A notícia da minha demissão foi uma explosão que trouxe, para os momentos subsequentes, um monte de cores, sabores e texturas diferentes. Eu estava desempregada e isso era uma informação preocupante, revoltante (pela forma como se deu). Mas não conseguia, em uma perspectiva personalíssima, ser ruim. Afinal, eu estava livre! E por mais tensão, revolta, preocupação que a novidade trouxesse, eu não pude conter a parte de mim que estava sinceramente aliviada. Esse alívio, em alguma medida, se dava pelo afastamento de situações que não eram agradáveis ou motivadoras no ambiente de trabalho, mas se dava, especialmente, por eu perceber a diminuição dos níveis de compromissos e afazeres, o que tinha como consequência, a disponibilidade de tempo. A partir daquele momento, o meu dia não estava todo tomado por atividades e responsabilidades não decididas como imprescindíveis por mim.

De repente, um tempo vazio. O mundo gritando para que eu me apavorasse, e eu achando lindo. E isso acontecia justamente na paisagem que tentarei, mas, em concordância com o querido Luís Clementino, não conseguirei explicar. Em nossa conversa, Luís, meu interlocutor mais emocionado, disse que “só conseguirá entender o que temos naquele lugar quem o viver”. E eu acrescento dizendo, só conseguirá entender de verdade quem for e for cedo (porque talvez o cheiro da aurora, ou a incidência

¹⁷ Alguns idosos têm dificuldade de andar. Há, entre eles, frequentadores que fazem uso de bengalas e cadeirantes. Além disso, o medo de dirigir (na EPIA, especialmente) já foi mencionado mais de uma vez.

específica da luz do sol, faça parte do processo). E precisa ir no calor e ir no frio. E precisa ir feliz e ir triste. E precisa ir de novo, e de novo, tantas vezes que virem muitas.

Foi nesse contexto de “tempo disponível” e preocupações relativas à situação de desemprego, que decidi, em 2022, fazer o mestrado. Eu havia concluído a graduação em Antropologia no início de 2004, ou seja, 18 anos antes. Na ocasião fui mãe da minha primeira filha. Como a prioridade à época era me manter no emprego que tinha e dedicar o meu *tempo* àquela nova relação que se apresentava pela primeira vez em toda a sua magnitude – a maternidade, não segui a trajetória acadêmica. A vontade de fazer o mestrado seguia adormecida em mim desde então.

Uma vez aprovada no processo seletivo, voltei a estudar no mesmo semestre em que minha filha mais velha também se tornaria uma aluna dessa Universidade de Brasília. Eu concluí a graduação com ela (as fotos de formatura são com ela no colo) e agora retornava à UnB também com ela, em uma dessas situações em que o tempo se faz perceber mais claramente. Retornar a um lugar ou a uma situação muitos anos depois é uma experiência peculiar. Há uma dupla e contrastante sensação: é aquilo de antes, mas não é. E voltar à UnB foi assim.

Eu saí na época das discussões por cota e entrei com uma UnB totalmente diferente por consequência, entre outras coisas, da implementação das cotas. A Universidade estava tão mais diversa, tão mais rica. E minha percepção se dava não somente em relação aos cursos de graduação (como o curso de artes cênicas da minha filha) como no âmbito da pós-graduação, o que aumentava ainda mais o meu encantamento e otimismo a respeito da produção universitária. Os corpos, vozes e pensamentos que passaram a dividir comigo o percurso acadêmico eram não apenas diversos em cor, língua, etnia, regionalidade, gênero, mas também em idade. E esse *tempo* decorrido na minha vida se mostrava em diversas ocasiões. Eu era uma das alunas mais velhas e isso se fez presente na minha perspectiva a respeito daquela experiência universitária.

A intenção ao entrar no mestrado era a de voltar a estudar, mas não havia um tema específico sobre o qual eu quisesse pesquisar. No decorrer do curso me apaixonei novamente pela Antropologia e tudo parecia me interessar. Além das disciplinas previstas como obrigatórias do curso (como clássicos, parentesco), cursei algumas que poderiam me ajudar a entender a conjuntura política que vivíamos, como antropologia das práticas

do poder, sobre cidadania e demandas de reconhecimento, e sobre etnografia das instituições. Mas apesar de ter lido e ouvido tanta coisa que instigasse o meu interesse, não me parecia possível, ao menos a mim naquele momento, um mergulho mais profundo.

Isso remete um pouco sobre a minha relação com a água. Eu sei nadar desde pequena, então não há em mim nenhum medo de afogamento. Gosto de estar perto dela, de tocá-la, de senti-la fluir por entre os dedos das mãos. Tanto que me movimento em direção a ela sempre que posso. Mas não sou “peixe” como são os meus filhos, por exemplo. Minha relação com a água é mais ponderada e limitada do que o é para eles. Eu a acesso, eu me exponho a ela, mas não me demorarei nela. Alguns sentires, como frio e receios, farão dessa experiência um tanto quanto desafiadora para mim.

As que me proponho a entrar são as águas naturais¹⁸, pois não gosto da experiência de piscina com cloro ou outros do gênero. E nessas, precisa haver alguma transparência para que eu tenha coragem de botar o pé. Como já mencionado, tenho medo de cobra. Então dedicarei algum tempo avaliando ao redor, identificando as pedras nas quais firmarei os meus pés. Caso não haja pedras firmes ou um chão ao qual eu possa enxergar, seguirei nadando até que eu consiga, o quanto antes possível, encontrar tais condições.

Apesar de todo esse cuidado, todas essas ressalvas e exigências que essa experiência do “entrar na água” represente, eu tendo a entrar sempre. Entrar na água seria não apenas a parte mais desejada, mas uma parte imprescindível do passeio. Talvez a minha vivência no cerrado desde a tenra infância tenha me condicionado a isso, mas subir um morro no Rio de Janeiro, apesar da extravagância daquela beleza visual que se tem ao concluir uma trilha, parece uma experiência incompleta por não ter a água e o seu banho como destino final.

Então, voltando à ponderação e ao desafio de escolher o assunto sobre o qual decidiria “mergulhar de cabeça” para a escrita da dissertação, foi relevante a dificuldade experimentada na definição do tema, apesar de fortemente instigada pelas discussões a que fui exposta no decorrer do curso. Acho importante trazer isso aqui por considerar que na Antropologia muito se é discutido sobre os desafios de pesquisa, mas pouco se trata sobre as dificuldades de se definir um recorte de estudo. Tive a sorte, e aqui agradeço à

¹⁸ Aqui falo da experiência com rio, córrego, lago. A experiência com o mar eu teria que elaborar de forma mais aprofundada. O respeito (até pelo nome que tenho) e as condições para que eu me sinta segura para entrar são de uma outra ordem. Tocar o mar é, para mim, um ritual criado por mim mesma.

Cristina Patriota por isso, encontrei uma professora que aceitou me orientar, mesmo sem que eu apresentasse algo de mais definido para além de “eu gostaria de estudar o tempo”.

Cristina ouvia, com uma qualidade paciente e acolhedora, sobre o que pulsava como questionamento em mim, mas que eu não conseguia definir um recorte. Foi em um de nossos encontros que, a partir das conversas preliminares de orientação sobre a minha rotina diária e disponibilidade para a pesquisa etnográfica, que a menção à ida ao parque pelas manhãs se apresentou como uma possível conexão entre tudo que era discutido, como algo passível de ser observado para se pensar o tempo. Atribuo a ela, então, a sensibilidade de me ajudar a ver que talvez o que eu tanto procurasse estivesse naquilo que eu vejo todos os dias. Quase como constatar aquilo que Câmara Cascudo cita, em o Tempo e Eu, como sendo uma fala de Chesterton: “a simples vida já é demasiadamente interessante”.

Outro evento importante na construção da dissertação foi o cursar, no terceiro semestre do curso, a disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia, ministrada pela professora Soraya Fleisher. Ali, como me foi colocada, a Antropologia deixa de ser uma fonte de admiração inalcançável a pessoas como eu, e passa a se materializar em abordagens mais próximas de campo. O fazer antropológico foi apresentado de forma tão essencial e genuína, aqueles textos foram escritos não apenas por ídolos intelectuais da qual se assume a impossibilidade de se entender tudo, mas por pessoas que estão aqui e ali ao lado, que sentem e reconhecem esse sentir em suas produções teóricas. Isso despertou em mim a vontade e a coragem de experimentar, de ousar a escrever sobre o que me fosse possível. Não à toa, muito do que aqui se escreveu foi motivado de alguma forma, naquelas aulas.

É por isso que neste trabalho, tentarei escrever sobre o mergulho mais empírico que vivencio, que se dá no Parque Nacional de Brasília, com aqueles idosos, nas nossas auroras compartilhadas. O que na minha experiência particular seria um questionamento, uma resistência, uma reação a relação temporal socialmente vigente, aqui farei o esforço de trazer como elaboração teórica e etnográfica de forma a contribuir com as discussões sobre saúde e bem-estar.

Capítulo II

A Água



Figura 1: Parte de Água Mineral vista de cima. Foto de Rafaela Felicciano

Água Mineral é o apelido dado à área de uso público do Parque Nacional de Brasília – PNB. Importante frisar que o Parque propriamente dito é muito mais amplo e extenso do que aquilo que se tem como Água Mineral, que não representa nem meio por cento (0,5 por cento) de toda a sua extensão. Neste item da dissertação, será feita uma breve apresentação sobre o Parque Nacional de Brasília, a unidade de conservação, para, então, situar o recorte da área de recreação (ou zona de uso intensivo), a Água Mineral. Para efeitos de nomenclatura, este será o único momento (capítulo II) em que se distinguirá o Parque da Água Mineral. Pelo restante da dissertação, a menção ao “parque” diz respeito ao *locus* da Água Mineral.

O Parque Nacional de Brasília – PNB, também chamado de PARNA Brasília, foi criado em 1961 e possui, conforme informações colhidas no site do Governo do Distrito Federal, uma área que supera 40 mil hectares. Localizado na região nordeste do Distrito Federal, tem como limites as regiões administrativas do Cruzeiro, Guará, Taguatinga,

Brazlândia e Sobradinho. Sua extensão não se limita àquele ente federativo, alcançando também o estado de Goiás pelo município de Padre Bernardo.



Figura 2: Imagem dos limites do PNB obtida pelo Google Earth

Em sua dissertação de mestrado, Gustavo Souto, um dos interlocutores de pesquisa, usa a expressão “em pleno Planalto Central” para falar da posicionalidade do Parque Nacional. A forma de apresentação do lugar em que se situa o parque destaca o Planalto Central tanto por sua relevância político-administrativa, uma vez que a expressão é recorrentemente associada ao lugar onde foi construída Brasília e, portanto, um “*locus*” de atividade política e governamental, como também sob a ótica dos elementos ambientais. A região tem como seu bioma predominante o cerrado que, além de ser um dos mais ricos pela diversidade biológica, é considerado o berço das águas por estarem ali as nascentes das maiores bacias hidrográficas da América do Sul¹⁹. Apesar da importância ambiental que representa, o cerrado é o menos protegido entre os biomas, com a menor porcentagem de área sob proteção legal.

¹⁹ A saber, Bacias Amazônica/Tocantins, São Francisco e Prata.

O Parque é dotado de forma abundante de recursos hídricos, suas águas têm importância estratégica para o Distrito Federal, não apenas no que diz respeito aos aspectos de preservação ambiental, mas também no fornecimento de água da região. Foi declarado, em 1992, pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – Unesco, como unidade da área nuclear da Reserva da Biosfera do Cerrado. Nele são encontradas diversas “comunidades de cerrado”, tais como o campo cerrado e a mata ciliar. No que diz respeito à flora ali representada, pode-se citar a presença de pequi, pau-terra, ipês, pau-santo, canela-de-ema, barbatimão, buriti, araticum, entre tantos outros. A diversidade de fauna encontrada é imensa, tendo-se como exemplos a existência de antas, lobo-guará, veado-campeiro, seriema, ema, tatu-canastra, tamanduá-bandeira, entre muitos.

Como uma unidade de conservação²⁰ de proteção integral, tem por objetivo básico a preservação da natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos recursos naturais ali disponíveis²¹. A previsão legal para definição de um Parque Nacional intenta a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica. São permitidos a realização de pesquisas científicas, o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, o turismo ecológico, além daquilo que interessa a esta pesquisa, a recreação em contato com a natureza. A visitação pública se dá conforme os ditames do Plano de Manejo (atualizado durante a pandemia) e as normas do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio.

A esse respeito, faz-se importante citar a percepção de Andrea Lobo²² ao escrever, em sua monografia de graduação, sobre as categorias e valorações construídas historicamente a respeito do Parque Nacional de Brasília. Ao elaborar sobre como os diferentes atores que se relacionam com o parque o caracterizam, representam e atuam sobre ele, a autora chama a atenção para o fato de que essas definições, sejam elas quais forem, constituem um produto da elaboração social “tanto quanto qualquer outro jardim imaginado”. Afirma que um Decreto formalizou a identificação daquele lugar como

²⁰ Definição de Unidade de Conservação dada pela Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC): "espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção da lei".

²¹ A Lei 9985/2000 prevê as exceções.

²² Andrea Lobo é professora do Departamento de Antropologia da UnB, no qual será apresentada a presente dissertação e cedeu, gentilmente, a versão de sua monografia de graduação, orientada por Henyo Barreto, feita a respeito do Parque Nacional.

importante e que foram (e ainda são) necessários vários outros atos para construí-lo e representa-lo como tal. Para tanto, cita Simon Schama, o qual vale aqui relembrar:

A natureza selvagem não demarca a si mesma, não se nomeia...Tampouco a natureza selvagem venera a si mesma...O simples fato de identificar o local pressupõe nossa presença e, conosco, toda a pesada bagagem cultural que carregamos. (SCHAMA, 1996, p17)

A 9km do centro de Brasília, o acesso ao Parque se dá pela Estrada Parque Indústria e Abastecimento – EPIA (BR-450), uma rodovia radial²³ do Distrito Federal, de grande movimento e muito utilizada por carretas e caminhões. São três faixas em cada sentido e a velocidade máxima permitida é de 80km. A velocidade e o fluxo de veículos pesados na rodovia são fontes de preocupação para alguns dos frequentadores. Alguns deles mencionaram já terem deixado de ir ao Parque por sentirem-se inseguros nesse percurso.

A entrada fica próxima ao bairro Noroeste, relativamente recente na história da cidade. Sua construção gerou e ainda gera muitas mudanças no percurso próximo ao parque. A mudança espacial foi e tem sido experimentada de várias maneiras pelos que vivem a dinâmica daquela região. Januzzi (2021), ao discutir em sua tese de doutorado a produção espacial de alguns bairros de Brasília, explica que o Noroeste foi construído em torno de terra indígena, a qual era, e ainda o é em alguma medida, ocupada por diferentes povos, tais como Fulni-Ô Tapuya, Tuxá, Kariri Xocó e Guajajara. O Santuário dos Pajés, antes conhecido como Terra Indígena do Bananal, foi e segue sendo objeto de uma longa luta territorial na qual foram feitas diversas tentativas de remoção daqueles povos, especialmente após a aprovação legal do bairro pelo Plano Diretor de Ordenamento Territorial em 2009.

A começar pelos aspectos de ordem não material, Januzzi (2021) explica que a disputa não se dá a partir das mesmas lógicas de valoração. Aquele mesmo pedaço de terra situado em frente à entrada do Parque Nacional de Brasília, representa, para um lado, uma vinculação com a vida, não apenas com a dos ali envolvidos naquele período de tempo, mas em um maior alcance tanto em antes quanto em depois; para o outro, trata-se de algo mensurável em valor monetário, cabível à linguagem econômica como recurso disposto à demanda e à oferta. No caso, a demanda de realização da proposta feita por

²³ Rodovias radiais são aquelas que saem de Brasília em direção às extremidades do país.

Lúcio Costa, 20 anos após a inauguração da capital, de criação de 6 áreas em Brasília quando da necessidade de expansão habitacional. O hoje chamado Noroeste foi o último setor a ser construído na área tombada como patrimônio histórico e cultural da humanidade, título atribuído à Brasília pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco desde 1987. Destaca-se que se trata de um dos bairros mais nobres da cidade, com uma das rendas per capita mais altas do Distrito Federal.

Ao discutir a noção de “fazer-cidade” no estabelecimento de algumas áreas residenciais de Brasília, Patriota e Januzzi (2018) apontam para essa convivência entre os diferentes atores do Noroeste:

Em meio a conquistas de parcelas de chão e céu por parte de sujeitos que se estabelecem como componentes de uma classe média brasileira, outros lutam para sobreviver coletiva ou individualmente, de maneiras mais ou menos evidentes e sonoras, sob o mesmo firmamento e sobre pedaços de chão localizados nas mesmas coordenadas espaciais. Firmamento e chão se transformam, porém, em outras terras e paisagens, ao serem capturados por urbanidades que, argumentamos, dependem de processos de classificação do espaço atrelados a possibilidades de espacialização da classe média autorrepresentada como destinatária legítima da capital do Brasil. (PATRIOTA; JANUZZI, 2018)

Apesar de tais questões não serem exploradas no presente trabalho, considera-se interessante contextualizar as forças que atuam na produção do espaço, ao menos naquele que é um dos trajetos que leva ao PNB. É possível, se não provável, que movimentos similares ocorram em toda a sua extensa área adjacente. Mas, para efeitos do que aqui se pretende analisar, é suficiente dizer que para quem assistiu o avanço do mercado imobiliário de Brasília naquele lugar, com o poder econômico e político que envolve, foi visível, evidente e, como para alguns dos envolvidos na presente pesquisa, violenta a transformação espacial ocorrida nas últimas décadas. A paisagem foi totalmente transformada. O que era mata se transformou em prédios e canteiros de obras.

O trânsito é um dos aspectos que mudou de forma relevante. Antes da inauguração do bairro, não era uma característica do setor terminal norte (nome de uma das vias de ligamento entre a Asa Norte e o PNB) ter trânsito. Mesmo sendo aquela a via de acesso a diferentes destinos com regular fluxo de gente²⁴, como 4 hipermercados, lojas de vendas

²⁴ No momento da escrita da presente dissertação, haviam: à direita de quem se dirige à EPIA, o shopping Boulevard, mercados Carrefour, Sam's Clube, Atacadão, a 2ª Delegacia de Polícia, estacionamento de empresas de ônibus. À esquerda de quem está na mesma direção, o hipermercado Assaí (antigo EXTRA),

de automóvel, delegacia de polícia, o ponto final de algumas empresas de ônibus, além de ser uma das vias de escoamento de prédios de lojas, consultórios e instituições como Embrapa, dificilmente se levava mais de 10 minutos para cumpri-la. Atualmente, com o índice elevado de ocupação do “novo” bairro, em alguns horários é possível perder 30 minutos no mesmo trajeto.

Além disso, foi apenas esse ano e em virtude do bairro, que foi construída uma passarela de pedestres em frente ao PNB, que permite o atravessar seguro entre um lado e outro da via, demanda antiga dos visitantes do Parque que utilizam transporte público para chegar. Esse fato, assim como a cobrança de ingresso a R\$ 18, já apresentam o contexto de acesso e, conseqüentemente, de uso do Parque. Como afirma Januzzi (2021) ao analisar algumas regiões do Plano Piloto, não se pode negar os processos de segregação e exclusão na produção dos espaços. Contudo, assim como na pesquisa do autor como nesta, a dinâmica desses lugares se dá de forma a colocar em negociação tais processos de segregação e exclusão, havendo um uso compartilhado do espaço por diferentes atores e setores da sociedade.

Nem tanto a cidade da completa segregação, consequência indelével da história brasileira que teria se repetido mais uma vez, nem a vida harmônica sonhada para a capital. (JANUZZI, 2021)

A Água Mineral é um exemplo disso. É possível ver, a depender do dia, da hora, do mês, da temperatura, públicos totalmente distintos, com condições econômico-financeiras diversas, com grau de escolaridade e consciência ambiental diferentes. Tais questões, apesar de não serem abordadas nesta pesquisa, são constituintes das impressões sobre aquele lugar no qual mergulhou o presente trabalho.

O parque possui duas entradas oficiais²⁵, a principal e a de serviço, que se situam uma próxima a outra, sendo ambas acessadas pela EPIA. A entrada “de serviço” é a primeira a surgir para quem vem no sentido norte-sul da via e por lá acessam o Parque os servidores do ICMBio ali lotados, os funcionários terceirizados que atuam na gestão e serviços gerais e os moradores das residências funcionais disponibilizadas a antigos

um posto de gasolina, as lojas de vendas de carro, o corpo de bombeiro, a lateral do Parque Burle Marx, a entrada para a via W5, entrada para a via W9 (via principal do bairro Noroeste), e mais um posto de gasolina.

²⁵ É possível acessar o Parque, quando pensado em toda a sua extensão, por entradas informais.

servidores que não foram desocupadas. No portão há uma guarita onde um servidor é responsável pela identificação dos entrantes e pelo controle de abertura e fechamento do portão. Cones de trânsito sinalizam a interdição entre a via que segue no limite à direita da piscina nova (ou piscina areal) e aquela que encontra o trajeto acessível a todos os visitantes, dado pela entrada principal.

A via que segue a partir da entrada de serviço foi o único percurso disponibilizado ao público durante a pandemia, ambiente em que se deram muitas das interações entre pesquisadora e interlocutores neste trabalho consideradas. Neste percurso há um trecho de mata fechada cortada por um riacho sobre o qual os carros atravessam em uma pequena ponte. Esse trecho, inclusive, foi, durante o período colonial, um segmento da Estrada Real que conectava o antigo núcleo urbano de Santa Luzia – atual cidade de Luziânia/GO – e o posto fiscal da Coroa portuguesa no século XVIII - o Registro de Contagem de São João das Três Barras. Há, logo adiante da mencionada ponte, uma placa com menção ao ponto histórico, a qual faz parte de um circuito turístico disponível à visitação pública.

Vale mencionar que o circuito turístico²⁶ citado conta com outros 5 pontos de indicações históricas e arqueológicas. Destaca-se o fato de que há sítios de até 11 mil anos na região. Em sua dissertação de mestrado defendida no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UnB, Wildson Vieira aponta que a aquele espaço que hoje é considerado uma unidade de conservação foi, antes de tal status, moldado por relações sociais sobrepostas de um longo período que remonta aos séculos XX, XIX e XVIII, das quais se tem materialidade da relação do homem com o ambiente natural ali situado. Segundo o autor, há vestígios de mais de dois séculos da presença humana naquela região.

No referido trabalho, que contribuiu para que a necessidade de salvaguarda dos vestígios em comento fosse incluída entre as preocupações e ações do PNB e, conseqüentemente, na criação do circuito histórico disponível à visitação, o autor faz uma pertinente e, por que não dizer, bonita associação entre a noção de vestígio (os encontrados no Parque, inclusive) e a noção de monumento. Cita Jacques Le Goff (2003) quando esse afirma que, pela origem filológica da palavra, “monumento seria tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”. Dos vestígios-monumentos preservados no Parque, que faz dele ainda mais um lugar de memória, pode-se citar

²⁶ Vide folder em Apêndice 2.

artefatos de caçadores, trajetos abertos, marcas feitas pelas rodas dos carros de boi, valos, ruínas de casas de antigos moradores e objetos.

Os dois primeiros pontos do circuito, a saber, o local de acampamento da Comissão Cruis (Comissão Exploradora do Planalto Central) e o trecho da Estrada Real descrito acima, situam-se em área aberta ao público. Os demais pontos, que incluem ponto de contemplação das vegetações do cerrado e da mata (ponto 3), placas com indicações dos sítios arqueológicos históricos e pré-históricos identificados no Parque Nacional (pontos 4 e 5) e planta e histórico da fazenda Bananal, região onde foi implantado o Plano Piloto de Brasília, são acessados por meio de visitas guiadas que demandam autorização da gestão do Parque²⁷.



Seguindo a via acessada pela entrada de serviço do parque, chega-se a uma divisão na qual pode-se optar por seguir em frente, o que levará ao Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres – CEMAVE, que tem sua base multifuncional avançada de Brasília no PNB, e às “residências” remanescentes citadas acima. A outra opção é virar

²⁷ Outras informações podem ser acessadas no site do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

à esquerda, o que levará até à administração do Parque, aos galpões de serviços gerais, ao Centro de Educação Ambiental (ou centro de visitantes), à Ilha da Meditação e à entrada/saída da trilha Cristal Água. A via também acessa, por cima, a ladeira pavimentada com pedras, proibida a carros não autorizados, que leva até à trilha Capivara e a parte superior da piscina velha (piscina Pedreira). Importante enfatizar que todo esse percurso mencionado não é autorizado para carros de visitantes em geral, apenas de servidores, moradores das poucas residências que ali existem, pesquisadores e pessoas autorizadas. Como pedestre, qualquer pessoa pode percorrê-lo pela pista asfaltada.

A entrada principal, por onde se dá o acesso aos visitantes e frequentadores do parque, é a segunda de quem vem da EPIA. Bem em frente à nova passarela amarela, é possível enxergar o grande totem indicativo do Parque Nacional de Brasília. À direita de quem olha para o parque, há um grande estacionamento público, lugar pouco utilizado pelos frequentadores do parque por usarem os estacionamentos internos, mas ressignificado pela população com outros usos, como a separação e organização de pacotes de encomendas dos correios por de entregadores de mercadorias, feita aberta e visivelmente, além de palco de movimentos mais discretos, apesar de recorrentes, como encontros de relacionamentos. Mais próximo à entrada principal, à margem direita da pista, ocorre um pequeno comércio informal concentrado em uma Kombi, onde são vendidos coco, algumas frutas, petas, salgadinhos, pipocas, além de pequenas refeições nos dias mais movimentados.

São dois os portões para acesso a carros, cada qual com uma guarita onde é feita a cobrança e a entrega do ingresso para entrada ao parque e são dadas as informações básicas sobre a piscina em funcionamento. Há dois grandes *banners* anexos à grade próximos às referidas guaritas com orientações relativas às regras de uso do Parque, sobre o que se pode e o que não se pode fazer, o que se pode e o que não se pode portar. Há, ainda, uma guarita destinada apenas ao atendimento de visitantes pedestres, na qual são realizados os mesmos procedimentos. Desta entrada principal, o curso da pista asfaltada se dá em direção à piscina nova (areal). Se a opção for essa atração, segue-se à direita para acesso ao grande estacionamento daquela piscina. Caso a intenção seja ir para a piscina velha (Pedreira), desvia-se para a esquerda, em pista que segue por uns 500m até se chegar à guarita da piscina velha e seu estacionamento.

O Parque é aberto todos os dias, sendo a entrada permitida das 6h²⁸ às 16h, mas o fluxo de pessoas se modifica a depender do dia da semana. Durante os fins de semana e feriados não são raros os casos de se alcançar a lotação máxima, que atualmente está em duas mil pessoas. Filas de carros alcançam a EPIA e por ela se estendem longamente. Nesses dias de maior movimento, o comércio informal à frente da entrada do parque tem a adesão de mais um ou dois carros que montam estruturas entre porta-malas abertos e pequenas tendas para expor roupas de banho e bóias plásticas para venda. Famílias inteiras chegam munidas de suas redes, toalhas, panelas, caixas térmicas. Muitas passam o dia inteiro aos arredores das piscinas. Na multiplicidade de perfis que ali se apresenta, aquele de renda mais baixa se sobrepõe ao da camada mais economicamente privilegiada.

A pesquisa apresentada na dissertação de Gustavo Souto Maior apresenta alguns dados sobre o perfil dos frequentadores da Água Mineral. Apesar do tempo decorrido entre a mencionada pesquisa e o presente trabalho, e apesar dos referidos dados não terem sido comparados com nenhum levantamento de mesma natureza, alguns pontos valem a menção. Dos que responderam sobre a faixa de renda, a maioria afirmou receber de 2 a 5 salários mínimos. Quanto ao local de residência, a pesquisa apontou que os moradores do Plano Piloto, Ceilândia, Cruzeiro, Guará, Taguatinga e Sobradinho eram, à época, os que mais frequentavam o Parque.

O autor distingue os visitantes do Parque Nacional de Brasília em duas categorias, a saber: i) os mensalistas, que seriam os frequentadores habituais, quase que diários e especialmente em dias de semana e horários matinais (entre 6 e 9h da manhã); e ii) os diaristas, que seriam os frequentadores eventuais. Na amostra de visitantes entrevistados à época, mais de 90,7 por cento se apresentava como diarista, 6,2 por cento se apresentava como mensalista e o percentual residual foi enquadrado como “não pagantes”. Os frequentadores dos fins de semana e feriados são majoritariamente diaristas. Os interlocutores de pesquisa são atualmente, pela idade, não pagantes, mas grande parte deles se enquadravam na categoria de mensalistas antes de alcançar os 60 anos. A pesquisadora é, há muitos anos, mensalista.

Para discorrer sobre a valoração contingente do Parque, parte da pesquisa de Gustavo Souto visava responder como a população de Brasília vê o PNB e qual o grau de

²⁸ Houve uma mudança de regra a esse respeito durante a pesquisa. Anteriormente, apenas os mensalistas podiam entrar às 6h, sendo a entrada era liberada para o público em geral apenas às 8h.

importância²⁹ atribuído a ele. O levantamento menciona que os frequentadores mensalistas (entre os quais estariam incluídos os interlocutores de pesquisa ao entendê-los como frequentadores habituais) teriam “uma consciência maior quanto ao significado de um Parque Nacional” e que os visitantes esporádicos percebem a área protegida mais como um “objeto de lazer e de recreação”. Adiante, problematizaremos a questão do lazer por meio de um diálogo com a produção de Magnani mas, por hora, é suficiente dizer que a noção de lazer apresentada na pesquisa utilizada por Gustavo Souto não é a mesma da assumida pelo presente trabalho e, neste último, não se contrapõe, necessariamente, a ter uma “consciência maior” sobre o que venha a ser um parque nacional.

Dos atrativos do Parque, o grande destaque são as piscinas de água natural, feitas a partir dos afloramentos de lençol freático e minas d’água existentes em seus interiores ou nas proximidades delas, e que têm sua água constantemente fresca e renovada. São duas: a “piscina velha” ou piscina Pedreira³⁰ (a preferida e a mais frequentada pelos interlocutores de pesquisa e pesquisadora) e a “piscina nova” ou piscina Areal³¹. O maior fluxo de pessoas e grande parte das interações sociais discutidas na presente pesquisa se dão no âmbito das piscinas.

A seguir, duas imagens do acervo do ICMBio. A primeira é a “piscina velha”, a primeira construída. A segunda fotografia é da “piscina nova”, construídas logo em seguida, em virtude da grande procura pela primeira já nos primeiros momentos após a sua inauguração.

²⁹ O foco da pesquisa em comento era a discussão do valor econômico da área de preservação ambiental que, segundo o autor, envolve o “valor social” do Parque. A mensuração deste último levaria em consideração, entre outras coisas, o valor atribuído pelos visitantes que usam o Parque com fins recreacionais e de lazer (que seria o valor de uso) além daquele atribuído pela sociedade em geral, que seria o valor de opção.

³⁰ Indica-se para visualização:

<https://www.instagram.com/reel/CrX5O29u44F/?igsh=emVIZzM2dmFhcHo=>

³¹ Indica-se para visualização:

<https://www.instagram.com/reel/CsL-yF-tAZ7/?igsh=MXJ0cWhkaDE3a2Vp>



Figura 3: Piscina Velha / Acervo ICMBio



Figura 4: Piscina nova / Acervo ICMBio

Além delas, o Parque conta com 3 trilhas com diferentes características. A primeira delas é a Trilha Capivara³², a menorzinha e mais sombreada delas. Tem extensão de 1,3km e, por isso, é indicada para caminhada leve. Nela é possível ver e ouvir pequenos trechos do Córrego Acampamento, além de diferentes pássaros e até grandes famílias de quatis. A depender da época, nesse trecho consegue-se observar os macacos pregos colhendo, abrindo e comendo os frutos do jatobá. Para abrir os frutos, os macacos os batem entre si, fazendo um som peculiar na mata de galeria que ali se apresenta e, após comerem o interior, jogam a casca dura do fruto de cima das árvores. É possível colher as cascas ocas pelo percurso da trilha ou pela ladeira entre os meses de julho a setembro. Por ser uma trilha de pequena dificuldade, é a trilha mais indicada para crianças. Contudo, é preciso ficar atento à movimentação dos macacos pregos, pois a clareira onde destinam as coisas “roubadas” da piscina fica na região desta trilha, fazendo daquele lugar um território específico para aqueles animais. A pesquisadora e seu companheiro já foram perseguidos por um grande macaco (o líder do bando, provavelmente, pelo tamanho e comportamento) no percurso da trilha.

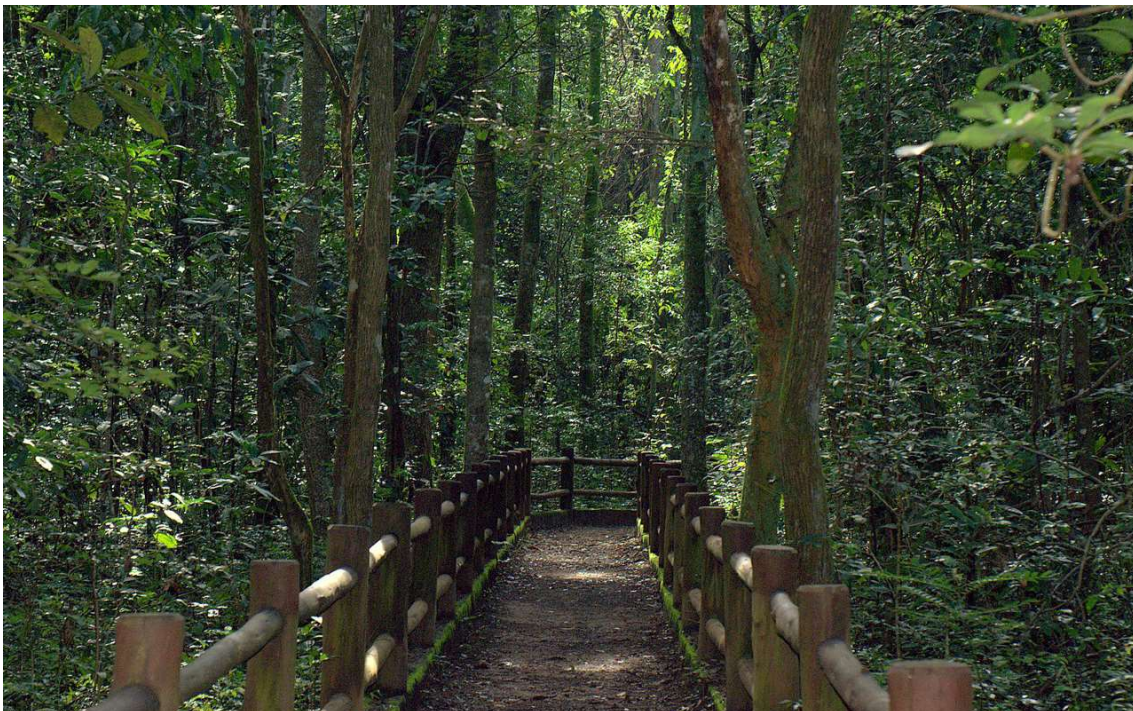


Figura 5: Trilha Capivara / Acervo ICMBio

³² Indica-se para visualização:
https://www.instagram.com/reel/Ct3__Osrcld/?igsh=bGJzOGhzamZqaTM5

A entrada da trilha Capivara se dá pela ladeira que se inicia na parte alta da área da piscina velha e termina na pista asfaltada para carros do percurso que vem da entrada de serviço. À esquerda de quem sobe pela piscina velha, há uma placa com informações sobre a trilha, que é toda conduzida por uma cerquinha feita de troncos. Seguindo adiante, ao subir a ladeira, passa-se por uma mata de galeria alta e fechada, uma das partes mais sombreadas e cheirosas da Água Mineral. Uma das cenas mais bonitas de se vivenciar é a chuva de folhas que ocorre naquele caminho rodeado por imensas árvores de copaíba, jatobá, entre tantas outras. Se perguntarem à pesquisadora sobre seus lugares favoritos no mundo, essa ladeira certamente estará entre eles.

Ao final da ladeira, depara-se com um balão (termo utilizado em Brasília para indicar uma rotatória para carros) com uma grande (pesquisar espécie). Há, também, um banco de troco de árvores na sombra dessa árvore. À direita, segue-se na direção da Administração do Parque e dos galpões de serviço. À esquerda, a pista segue por um pequeno trecho até terminar. Para cima, tem-se, à direita, o Centro de Visitantes, onde é possível conhecer uma maquete do Parque Nacional da década de 1960, fotografias e exposições temporárias sobre a história do Parque e de animais silvestres presentes na região. Ali também funciona o Núcleo de Educação Ambiental, onde acontecem diversas ações de educação ambiental.

Foi em uma mesinha, na área lateral e externa do Centro de Visitantes, o local escolhido para homenagear Danilo, um dos interlocutores da pesquisa³³. Uma plaquinha foi fixada sobre a mesa que ele e seus amigos de caminhada eventualmente paravam após cumprido percurso para conversar e tomar um café oferecido pelos servidores do Centro. Nela, alguns dizeres rendem homenagens à Danilo em nome da administração do PNB e dos amigos com quem dividia as manhãs. Daquele lugar, é possível ver o lugar onde ficam as corujas, onde os quero-queros colocam seus ovos e cuidam dos seus filhotes, a entrada da Ilha da Meditação e, mais ao longe, o trequinho de riacho que existe na entrada da trilha Cristal Água.

³³ Danilo faleceu antes que fosse possível responder às questões elaboradas para a presente pesquisa. Apesar disso, considera-se que ele foi um dos interlocutores por ter sempre sido um colega de mineral que trocava com a pesquisadora impressões sobre a vida, a saúde e o tempo usufruído naquele lugar.

A Ilha da Meditação, que fica à direita de quem se direciona à Trilha Cristal, é um espaço em que uma porção de terra se sobressai de uma pequena lagoa que integra o sistema de abastecimento de água do Parque. Recomenda-se que o lugar seja utilizado apenas para contemplação, uma vez que o banho naquelas águas não é permitido. A lagoa abriga diversas espécies de animais, inclusive ameaçadas de extinção. Ali já foram vistas, além dos habituais lagartos e pássaros, capivaras, cobras, e até antas tomando banho nas águas da lagoa.



Figura 6: Ilha da meditação / Acervo ICMBio

No fim da trilha de asfalto está a entrada (e a saída) da trilha Cristal Água, que tem 3 diferentes opções de percursos em terra batida: de 5, 10 e 15km. Ali são encontradas espécies nativas da flora e fauna do Cerrado. Em um trecho do percurso de 5km há uma entrada onde se acessa uma escada e um deck³⁴ construídos sobre o córrego Rego. A trilha pode ser feita a pé ou de bicicleta, sendo apenas carros autorizados permitidos a entrar. Na entrada da trilha (ou no final dela), há duas duchas com saída ininterrupta de água natural que atuam como alívio da pressão (“suspiro”) do sistema de captação e distribuição de água do Parque.

³⁴ Indica-se para visualização:
<https://www.instagram.com/reel/CygenSku8fh/?igsh=CHFubzFseDBiNmrx>

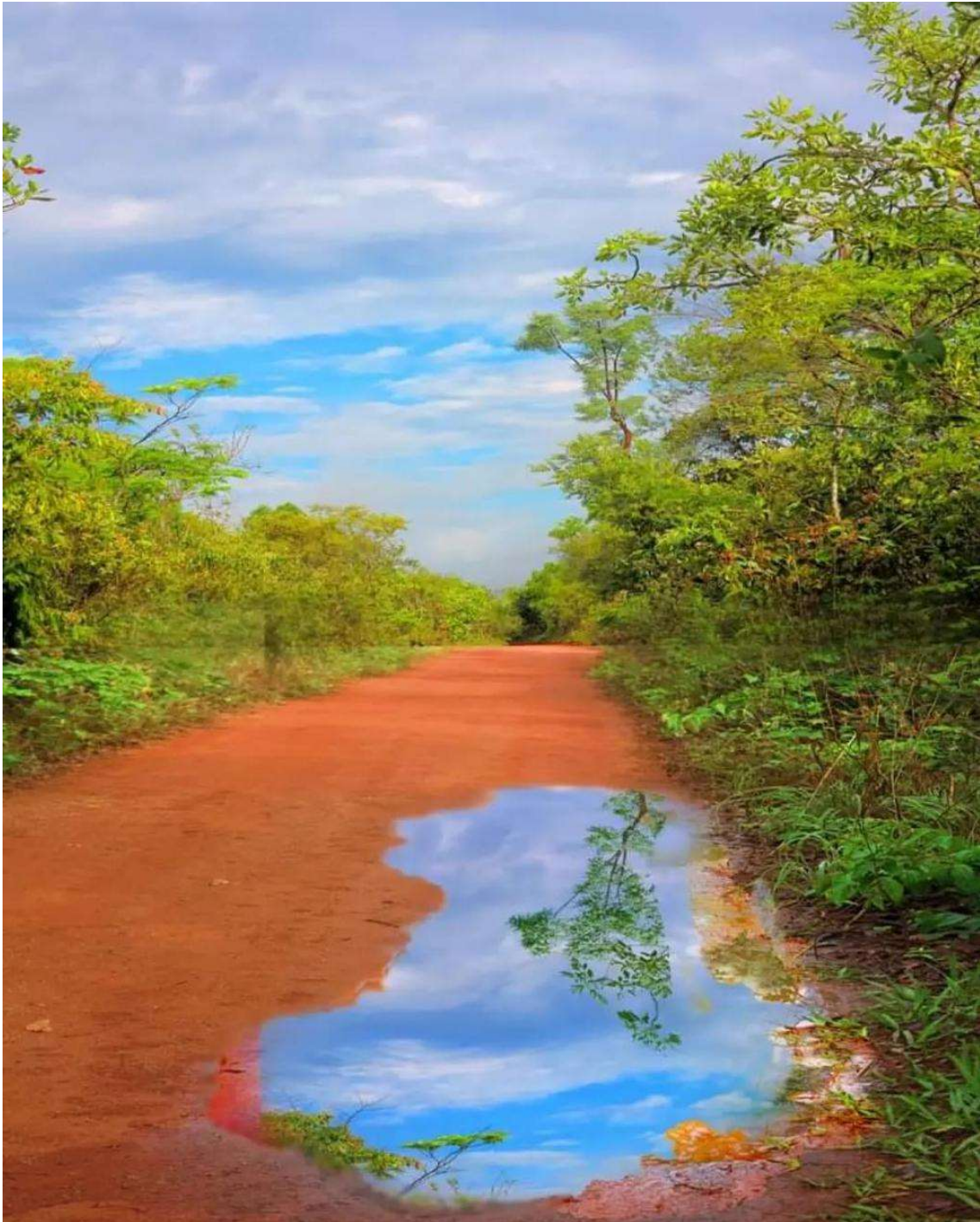


Figura 7: Trilha Cristal Água. Fotografia de Luiz Clementino.

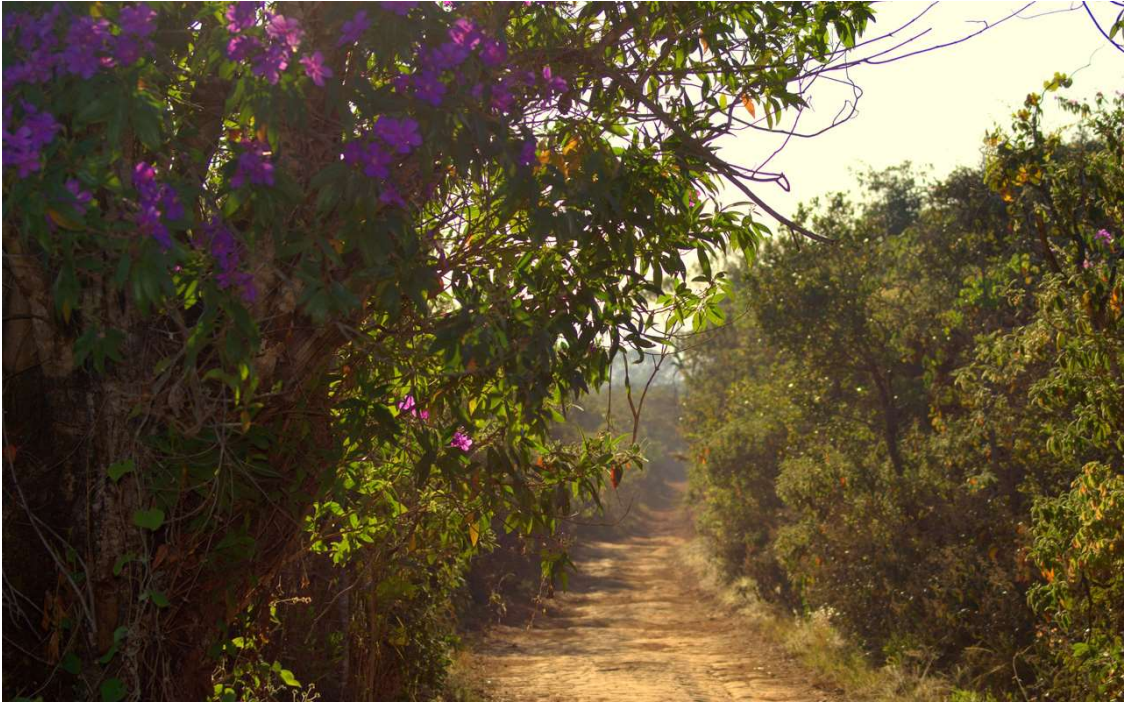


Figura 8: Trilha Cristal Água / Acervo ICMBio

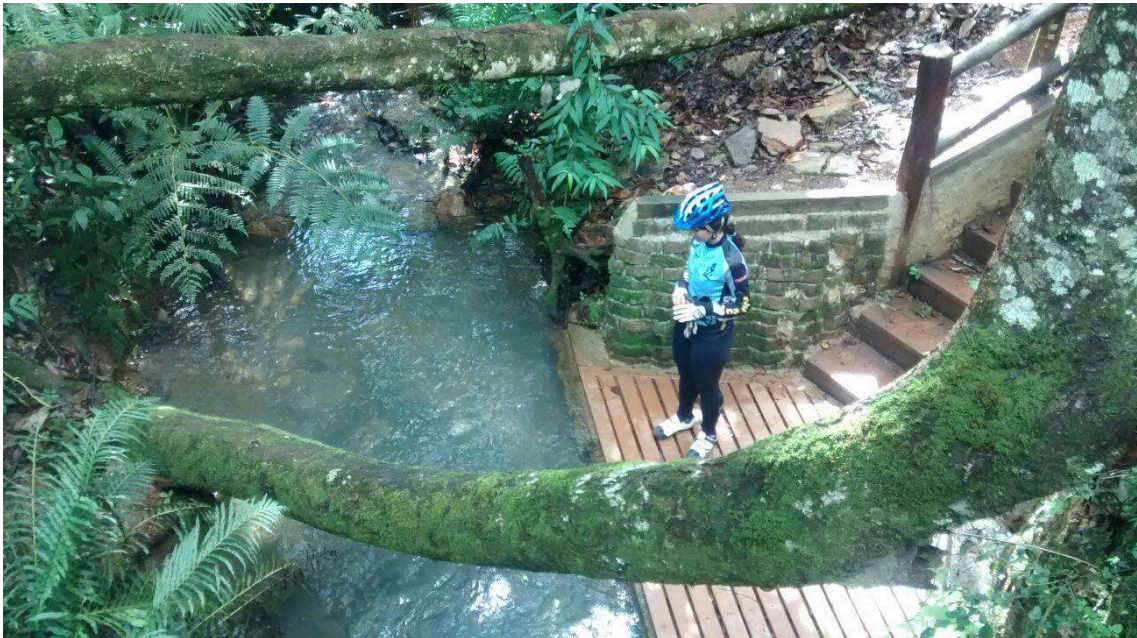


Figura 9: Córrego Cristal Água / Acervo ICMBio

A terceira trilha foi inaugurada em 2018 e foi batizada com o nome de União por unir algumas das unidades de conservação do Distrito Federal. É possível acessá-la tanto pelo PNB quanto pela Floresta Nacional de Brasília – FLONA, pela Reserva Biológica da Contagem, pela Área de Proteção do Planalto Central e pelo Rio Descoberto. Essa trilha, conforme informações colhidas no *site* do ICMBio, compõe um dos arcos do projeto “Caminhos do Planalto Central”, que visa a implantação de uma trilha de longo curso de aproximadamente 400km que conectará a capital do país à Chapada dos Veadeiros e à Cidade de Goiás.



Figura 10: Trilha União / Acervo ICMBio

Como dito anteriormente, o Parque é frequentado pelas mais diferentes pessoas. Há pesquisadores nas trilhas em busca silenciosa pelos diferentes pássaros que ali aparecem, há atletas que usufruem do parque para a práticas de exercícios físicos, há banhistas que visam o banho nas piscinas geladas para apaziguar o calor, há servidores do ICMBio e servidores terceirizados de atuação diversa no Parque, há autoridades governamentais em busca de conhecimento e informações sobre a unidade de conservação, há excursões de alunos para visita e aulas “in loco”, há turistas de outras regiões do país e do mundo. Há pessoas que vão sozinhas, há aquelas que vão em

pequenos e grandes grupos. Há crianças, jovens, idosos. Há quem vá esporadicamente e há quem frequente o parque diariamente.

E a dinâmica de toda essa gente na paisagem do parque muda conforme a hora, o dia da semana, o mês do ano, a temperatura do dia. No mesmo dia, é possível ver a piscina completamente vazia e vê-la superlotada. Tem dia que só se escuta os pássaros. Tem dia que mesmo de longe se ouve a bagunça da piscina. Esta pesquisa lança o olhar para um momento específico, em que se tem a frequência regular de um grupo específico, que se mistura e se disfarça entre os demais frequentadores. Trata-se, aqui, das primeiras horas das manhãs de todos os dias, de toda a semana, de todos os meses, há anos e anos, décadas e décadas. As pessoas escolhidas como foco da pesquisa podem ser encontradas ali e têm em comum, além da frequência mencionada, o alcance do “status” de idoso e destacadas condições de saúde e bem-estar.

Algumas dessas pessoas, pelo longo tempo de convívio e pelo forte envolvimento com o Parque, passaram a fazer parte, inclusive, da Associação dos Amigos do Parque Nacional de Brasília – AFAM³⁵, criada com o intuito de representar, em nome da sociedade civil, os interesses dos visitantes do Parque. A intenção, pela fala de um de seus membros, é garantir que o parque seja “bem administrado, bem gerido e bem protegido”. Composta por 21 membros eleitos, muitas vezes vivencia dificuldades para encontrar pessoas que estejam dispostas e engajadas o suficiente para a missão. Tem assento como representante da sociedade civil no Conselho Fiscal do PNB, além de em conselhos consultivos e decisórios, como aquele responsável pela revisão do Plano de Manejo.

A relação dos frequentadores com a administração do Parque, feita mais antigamente pelo IBAMA e atualmente pelo Instituto Chico Mendes – ICMBio, se dá especialmente por intermédio da AFAM e a qualidade dessa relação depende das pessoas que estão assumindo a gestão da unidade naquele momento: às vezes é difícil, com questões de acesso, de divergência de agendas e das concepções sobre o uso do parque propriamente ditas; às vezes é fluida e produtiva, conforme menção sobre a atual gestão feita por um dos membros da Associação.

³⁵ Alguns membros que participaram da criação queriam que o nome fosse Associação dos Amigos da Água Mineral, mas houve um grande debate em que se sobre pôs o entendimento de que a zona de uso público (conhecida como Água Mineral) só existe e persiste em razão do Parque de uma perspectiva mais ampla.

Seus membros se envolvem com questões de uso do Parque, com análise de documentos dos órgãos oficiais relativas ao Parque, reuniões com representantes do poder público, participam de conselhos, colhem assinaturas para abaixo-assinados, realizam mutirões de limpeza, buscam parcerias com universidades e instituições de pesquisa e ensino, entre outras coisas. Ressalta-se que a mencionada Associação, assim como tantas outras que representam a sociedade civil, não tem recursos próprios. Todo o trabalho assumido pelos seus membros é voluntário.

Para além das questões formais, a Associação é também uma espécie de vínculo que propicia a materialização de um envolvimento e a participação ativa em um grupo no qual se compartilha ideias e ideais. Exemplo disso é a participação de seu Moacir, Presidente da AFAM há muitos anos. Um frequentador assíduo de décadas, apaixonado pelo Parque, que dedica tempo, energia e recursos próprios para fazer pequenas manutenções que viabilizem o uso regular do Parque. Arruma banheiros, chuveiros, está sempre atento e prestativo sobre qualquer questão relacionada ao Parque. Moacir também é um dos organizadores de alguns eventos regulares que ocorrem no Parque, como o Café Ecológico – realizado a cada última sexta-feira do mês e o Luágua – caminhadas realizadas nas trilhas de asfalto nas noites de lua cheia. Nos registros fotográficos de um dos últimos Cafés Ecológicos, há imagens de seu Moacir fazendo o discurso de abertura do evento, no qual agradece a presença de todos e passa alguns informes sobre a AFAM e sobre os acontecimentos do parque, com a camiseta com alguns dizeres que o definem melhor do que qualquer outra descrição:

“Minha ideologia é

Floresta

em pé

água limpa

ar puro

comida

sem veneno”



Figura 11: Moacir / Acervo pessoal

Nos dias que antecedem a caminhada da Lua (assim chamado o Luágua pelos mais antigos), é possível ver seu Moacir anotando em seu caderninho o nome e o telefone das pessoas que participarão. Até há pouco tempo, Moacir só mantinha como forma de contato fora dali o telefone fixo. O uso de celular assim como de outras inovações tecnológicas, como rede de internet em casa, o uso de envio em larga escala de e-mails, criação e uso comunicativo de redes sociais, são coisas que seu Moacir apresenta resistência em utilizar, tanto nas questões pessoais como naquelas pertinentes à Associação. Aos 84 anos, com uma saúde e energia invejáveis, tem uma maneira enxergar e lidar com o Parque que pode ser lida, em algum aspecto, como em oposição às mudanças trazidas com o tempo.

Essa relação de grande envolvimento e proximidade com o Parque que se estabelece não apenas com os membros da AFAM como, de forma geral, com os frequentadores assíduos, pode ser um foco de possíveis conflitos com a gestão da unidade de conservação. Tal constatação se dá por impressões colhidas nas falas de alguns poucos interlocutores (poucos, até mesmo em virtude de esse não ser o foco das reflexões de pesquisa) e apontada no trabalho de Andrea Lobo quando trata dos conflitos existentes entre os diferentes atores do Parque e as diferentes concepções ali envolvidas.

Um dos entrevistados pela autora menciona um problema recorrente sobre o qual precisava, à época, dedicar mais atenção e energia do que convinha, na percepção dele, ao cargo. Em resumo, o gestor em exercício afirmou que os frequentadores assíduos se “achavam tão donos” do Parque que consideravam não ter a obrigação de cumprir algumas regras aplicadas aos visitantes em geral. Cita o exemplo de não atendimento às orientações de acesso a determinadas áreas destinadas à pesquisa que impõe, para não desconfiguração do ambiente de pesquisa, o não contato. Associa a mencionada conduta ao não conhecimento a respeito dos objetivos de uma unidade de conservação tida como um Parque Nacional.

Da mencionada fala se extrai que a destinação à pesquisa seria uma das intenções prioritárias da unidade e que não seguir as regras (definidas pela gestão) prejudica a pesquisa e essa seria, em oposição aos posicionamentos e discursos de cuidado pelos visitantes, uma ação contrária à existência e conservação do Parque. Importante se faz enfatizar que tal depoimento se deu em pesquisa realizada há muitos anos e não se destinava a nenhuma pessoa em específico. Foi trazido aqui apenas para demonstrar como

as concepções sobre o Parque, seu uso, sua importância, sua destinação, são vislumbrados de formas distintas a depender da posição de quem se destina o questionamento.

É nesse contexto espacial e social que a presente pesquisa lança o olhar, sobre de que forma aquelas pessoas mais velhas, que optam diariamente por se deslocarem até o Parque Nacional de Brasília, vivenciam suas manhãs naquele espaço da Água Mineral, imersas a um ambiente natural em plena crise e disputa, avaliam o passar do tempo em suas vidas e a relação disso com o hábito de ali estar e as suas condições de saúde e bem-estar físico, mental e emocional.

Capítulo III

O mergulho

“Somos sempre o jovem ou o velho em relação a alguém.”

Pierre Bourdieu (1983, p. 5)

Em sua grande maioria, a abordagem inicial da pesquisa empírica foi feita informalmente, nas áreas de convívio compartilhadas entre a pesquisadora e os idosos. Em conversas informais, a partir da explicação de que o curso de mestrado no qual a pesquisadora havia se aventurado a entrar presumia a escrita de uma dissertação final, foi contado a eles o assunto escolhido para o desenvolvimento da pesquisa. Resumidamente, foi dito que, por questões de ordem pessoal, optou-se por estudar “o tempo” e de que forma a relação com esse elemento afetava a vida das pessoas em seus níveis de saúde física, mental e emocional.

Outros modelos de abordagem, utilizados com aqueles não acessados por meio de contato presencial, foi o envio de mensagem por *WhatsApp* e o telefonema. Para esses, foi feita uma apresentação inicial buscando acessar a memória do interlocutor a respeito da pessoa da pesquisadora, para que ele soubesse com quem estava falando. Depois disso, também era feita a mesma apresentação sobre a pesquisa, com suas linhas gerais e sobre as motivações que levaram a pesquisadora a realizá-la. No decorrer do trabalho será tratada a diferença existente entre essas formas de comunicação (pessoalmente, por mensagem de *WhatsApp* ou por ligação telefônica) no que diz respeito ao acesso aos interlocutores e à qualidade da interação.

Em todos os formatos, a partir daí, perguntou-se sobre a disponibilidade de conversar mais demoradamente a respeito do tema, esclarecendo que seriam abordados aspectos da rotina deles no parque e suas condições de saúde e bem-estar. Importante mencionar que o termo escolhido para a interação foi proposital. “Conversa” soava mais próximo do que “entrevista”, e essa proximidade era o tom que se buscava. A intenção não era a de “colher informações” e sim a de ouvi-los da forma mais espontânea possível.

Uma vez que o interlocutor se mostrasse disponível a “conversar”³⁶, partia-se para as tratativas de agendamento do melhor dia e horário. As tratativas para definição do momento da conversa que se deram por meio de mensagens de *WhatsApp* seguiam um trâmite planejado, a saber: rememorava-se o contato inicial e era feita, novamente, uma breve apresentação do trabalho (de forma semelhante àquela feita informalmente). Além disso, enviava-se um roteiro de questões que embasariam a conversa, tendo sido feita a ressalva de que não seria necessário seguir estritamente o que ali constava.

Vale dizer que o conteúdo das mensagens seguiu um padrão a depender do “tipo” de interlocutor, ou seja, se era um frequentador que se enquadrava na faixa etária de idoso (foco principal da pesquisa), se era um frequentador que adotava os mesmos hábitos, com a mesma frequência e convivia diariamente com os idosos em questão, mas que “ainda” não havia alcançado tal “*status*” etário³⁷, ou se era um funcionário do parque com quem se tinha por intenção o acesso a informações complementares sobre os idosos em questão (como busca por atendimento da enfermagem, frequência, entre outros dados que o convívio diário pudesse lhes ter oportunizado). As mensagens enviadas aos idosos foram formuladas nesse sentido, conforme reprodução a seguir:

Bom dia!

Inaê aqui, da Água Mineral.

Tudo bem?

Finalmente, vou começar a fazer as entrevistas para a dissertação!

Queria saber qual seria um bom momento pra conversarmos?

Pode dizer o dia e horário que seja melhor pra vc.

A pesquisa tem a intenção de discutir a concepção de tempo adotada pela sociedade atual e os seus índices de saúde e bem-estar.

Escolhi a Água Mineral como lugar de pesquisa por dois motivos:

O primeiro deles é por ser ali que, na minha vida, o tempo é relativizado. Há mais de 20 anos, o parque é o lugar onde eu pauso a correria do dia para respirar com mais calma e esvaziar um pouco a mente.

O segundo motivo diz respeito às pessoas que ali frequentam. Elas demonstram ter mais saúde física e mental do que a sociedade em geral. Aparentam ser mais felizes até!

E é sobre isso que quero pesquisar conversando com vcs. Como vcs pensam o tempo na vida de vcs?

³⁶ Houve apenas um caso de recusa em participar da pesquisa que será tratado adiante.

³⁷ A noção de “*status*” etário vem do grande interesse de dois frequentadores em particular em participar da pesquisa, e reagirem com uma revolta bem-humorada ao saberem que não estariam no recorte de pesquisa.

Fiz um roteiro de perguntas, mas não precisamos nos ater a elas necessariamente. Envio em seguida para que vc dê uma olhada.

Então é isso!

Um abraço e até logo!

Algumas considerações a respeito dessas mensagens: informar o nome da pesquisadora na mensagem geralmente não era suficiente para a identificação, mesmo com a menção à Água Mineral. Isso demonstra que, apesar dos muitos anos de “interação” no parque, os idosos não necessariamente conheciam o nome da pesquisadora e o mesmo acontecia no sentido inverso. A pesquisadora não sabia o nome de muitos daqueles com quem trocava bom dia diariamente, há anos consecutivos.

Importante notar, também, que o tom informal que se teve por intenção adotar foi permeado de justificativas formais para o contato. Dessa vez, quando do acesso registrado, escrito àquelas pessoas, o termo “conversa” foi substituído pelo termo “entrevista”, demonstrando uma maior preocupação sobre esse aspecto quando da concretização do contato. Além disso, cuidados relativos a dia e horário evidenciam tal formalismo. Como se a pesquisadora estivesse se embasando no protocolo da pesquisa para realizar aquele acesso nunca antes feito apesar de todos os anos de convivência.

Vale ressaltar que, em muitos dos casos, do momento em que foi feito o contato inicial a respeito da disponibilidade para a conversa até o encontro propriamente dito, algumas semanas ou até meses se passaram (o que diz respeito aos tempos da pesquisa). Isso fez com que alguns dos interlocutores se antecipassem e questionassem sobre a conversa. Perguntavam quando começariam, “a quantas andava”, e confirmavam a disponibilidade, o que em muitas vezes foi interpretado pela pesquisadora como demonstração de interesse.

Exemplo disso é a declaração, de uma das interlocutoras de pesquisa, de que já havia tido a intenção de escrever sobre o contexto mencionado. Denise contou que criou o perfil de *Instagram* da AFAM - Associação dos Amigos do Parque Nacional de Brasília com o intuito, entre outras coisas, de registrar as histórias que ali acontecem. E, apesar de não mencionar o tempo na sua intenção de registro, o menciona quando expõe o porquê da intenção e sobre como a “falta” dele afetou a realização do que se pretendia.

Das pessoas que conheci, na sua grande maioria, estão idosas, estão até deixando de ir. Outras estão indo embora... eu não queria que isso se perdesse, porque tem coisas muito interessantes, muito interessantes e muito bonitas. Histórias muito bonitas ali. Por isso, eu tinha vontade de fazer isso.

e

Eu propus para o pessoal da associação (AFAM) em criarmos o Instagram da AFAM, mas ninguém se interessou muito. Também ninguém tem muito tempo pra essas coisas. Por isso eu peguei e criei.

e

Para pensar nas perguntas a serem feitas aos frequentadores, para escrever no perfil, pedi ajuda a algumas pessoas da associação. Eles se prontificaram a fazer, mas daí a vida vai enrolando né. Um problema, outro. Demandas com filhos, netos. Ninguém conseguiu ter tempo pra fazer.

O interesse expresso nos interlocutores de pesquisa já colocava em cena algumas questões. O que os motivaria a participar? O tema da pesquisa? Dar o seu depoimento pessoal sobre ele? Ou o assunto apresentado inicialmente não teria tanta relevância? O interesse seria motivado por querer ser ouvido? Interagir com alguém? Contribuir com a pesquisadora? Ou fazer parte de algo que outros membros do grupo fariam? A impressão tida naquele momento anterior às conversas era de que aquelas pessoas teriam um maior interesse em participar, mais do que pela pesquisa em si. Mas, no diálogo com aquelas pessoas, percebeu-se que muito do que havia motivado o recorte de pesquisa estava presente nas falas e posicionamentos daquelas pessoas.

Poucas vezes, e a questão levantada sobre o interesse do interlocutor em participar também se aplica, a conversa acontecia no mesmo momento da apresentação do trabalho, ou em outra ocasião ali já definida. Nesses casos, o processo anteriormente mencionado não acontecia, fazendo com que o interlocutor não tivesse acesso prévio às questões, exigindo um direcionamento mais pontual por parte da pesquisadora. Apesar de acontecer uma espécie de “reconhecimento” do assunto questionado, não se percebeu ou se mostrou relevante uma mudança de aprofundamento no tema em virtude disso.

Outra questão que se coloca ao se ater a essas abordagens iniciais diz respeito ao posicionamento da pesquisadora enquanto inserida no recorte etnográfico. Ela assume que quer saber deles como pensam o tempo por ela própria refletir sobre ele em sua experiência pessoal naquele contexto compartilhado. Apesar de ter como inequívocos tanto a presença da pesquisadora quanto os consequentes impactos dessa presença na construção desta pesquisa, é importante estar atento para essas dinâmicas de interação. O

que foi dito (escrito) pela pesquisadora pode ter influenciado as manifestações futuras daquelas pessoas sobre a concepção de tempo sobre a qual falariam.

As respostas às mensagens de *WhatsApp* se deram de forma diversa. Alguns se limitaram a responder rapidamente sobre questões de ordem prática, com a definição de dia e horário. Outros aproveitavam a nova forma de acesso para além da usual para trocar vídeos e mensagens sobre assuntos diversos. Apesar de todos se portarem de forma solícita e disponível à realização do encontro, alguns não responderam às mensagens, o que demonstra uma maior limitação de acesso por esse meio quando comparado com as abordagens feitas pessoalmente.

Notou-se que algumas pessoas demonstravam dificuldade ou resistência para o uso dos celulares e aplicativos de mensagens, como o *WhatsApp*. Algumas mensagens só eram lidas dias depois do envio. Às vezes as respostas a respeito de um agendamento de conversa só chegavam depois do encontro propriamente dito já ter sido realizado. Houve também dificuldade relacionada a abrir o arquivo com as questões que embasariam a conversa. Dois dos interlocutores não faziam uso de celular. O contato com eles se dá unicamente pelo telefone fixo que ainda mantêm em suas casas. Um deles mencionou que estava com dificuldades em encontrar operadora que quisesse manter a linha fixa em sua residência.

Para além das questões de ordem tecnológica, houve também situações em que o fato de a mensagem ser de alguém que não estava incluso na lista de contatos soava como um perigo em potencial. Abrir uma mensagem de alguém “desconhecido” seria um risco, assim como atender a uma ligação. A menção a golpes pelo *WhatsApp* e ligações com trotes foi feita em mais de uma ocasião para justificar a não resposta por aqueles meios.

Importante mencionar a maneira como esses contatos se mostraram entremeados entre si. Algumas indicações de pessoas a serem entrevistadas foram dadas pelos próprios interlocutores. Alguns dos números de telefone foram repassados pelos demais membros do grupo, inclusive. Ou seja, conseguir acessar um membro do grupo ajudou a ter acesso a outros. Isso indica a relação existente entre essas pessoas para além dos momentos compartilhados no ambiente do parque. Muitos deles têm o telefone uns dos outros e até mesmo, em alguns casos, de seus familiares. Além disso, o “ter o número de telefone” indicava também a existência de um contato regular entre algumas daquelas pessoas também por aquele meio, como se supõe ao ter ouvido coisas como “ele não costuma

responder no mesmo dia, pois não olha muito o *WhatsApp*, mas pode esperar que ele responde no *tempo dele*”.

Esse conhecimento prévio entre os envolvidos trouxe algumas interferências à pesquisa. Um exemplo disso ocorreu já no início das abordagens iniciais para a pesquisa formal por meio de entrevistas. Ao saber que a pesquisadora entrevistaria homens e mulheres, houve a orientação, por parte de interlocutora, de que a pesquisadora fosse cuidadosa na realização dos encontros, para que os fizesse em lugar “a vista de todos”, para que não desse margem a qualquer tipo de assédio por parte de alguns entrevistados.

Tal fato impactou de alguma maneira a conversa com os interlocutores do gênero masculino. Cuidados como aquele orientado já haviam sido considerados por parte da pesquisadora para a escolha dos lugares em que aconteceriam as conversas, mas como uma conduta corriqueira em sua rotina como mulher. Tê-lo ouvido de uma frequentadora fez com que a hipótese se mostrasse ainda mais possível. Apesar da menção, não houve, em momento algum, com nenhum dos interlocutores de pesquisa, o sentimento de ameaçada nesse sentido. Temeu-se, contudo, que a escuta atenta a respeito das questões de pesquisa fosse permeada por essa ressalva, mas isso também não ocorreu. O aprofundamento das questões por parte dos entrevistados, assim como a postura respeitosa no que diz respeito à pesquisadora, diluíram a questão.

Esse exemplo demonstra não apenas como a relação existente entre os entrevistados teve a potencialidade de induzir análises para além daquelas previstas pelas conversas individualmente, como também traz à tona a questão da corporificação do pesquisador (no caso a pesquisadora) em situações de campo. Aspectos como gênero, raça, idade, situação econômico-social, tudo isso direciona as situações em campo e, naquele momento, o fato de ser mulher fez com que a pesquisadora tivesse que adotar condutas diferentes daquelas que seriam vivenciadas por um pesquisador homem.

Apesar dos trajes usados naquele ambiente serem, usualmente, roupas de banho e, por mais habituados que tivessem em se verem de tal forma, no momento da entrevista havia o cuidado, tanto da pesquisadora quanto dos entrevistados homens, de estarem vestidos com roupas mais restritivas ao olhar do outro, como camisetas e bermudas. Além disso, o local escolhido para as conversas também foi previamente pensado de forma a acontecerem em local ao acesso visual de todos ou, quando fora do parque, em um lugar público. Foram priorizados os encontros na própria Água Mineral, tendo sido realizado

apenas um encontro com uma das entrevistadas que não tem ido frequentemente à Mineral, no Parque Olhos D'água, localizado no final da asa norte.

As conversas se deram majoritariamente nas mesas adjacentes à piscina velha. Já no início, questionava-se sobre a possibilidade de gravação. Era explicado que essa técnica ajudaria a rememorar passagens interessantes de serem usadas na escrita da dissertação, e lhes era assegurado que as gravações não seriam utilizadas para nenhum outro fim. Na mesma ocasião, era perguntado se autorizavam que seus nomes reais fossem citados no trabalho ou se preferiam que inventássemos um nome fictício. Em apenas um caso, dentre aqueles que aceitaram participar da pesquisa, foi solicitado que, no momento da escrita da dissertação, fosse utilizado um apelido, o que foi prontamente aceito.

A conversa, a partir daí, fluía naturalmente como um leito de rio calmo. As histórias vinham sem muito ou nenhum esforço por parte da pesquisadora. Como se falar das próprias histórias no passar do tempo fosse algo prazeroso, gratificante. Falar da relação com o parque, especialmente, demonstrou ser algo sobre o que se orgulhavam. Mesmo aqueles mais sucintos e objetivos em suas respostas, dedicavam algum tempo a elaborar sobre como se dá e sobre a importância desse hábito.

Alguns se atinham às questões propostas, outros se permitiam a contar mais demoradamente sobre algum aspecto de suas vidas. Independentemente daquilo parecer pertinente às questões estudadas, buscava-se não interromper as falas. Tudo, na perspectiva da pesquisadora, era interessante de se ouvir. Havia prazer naquilo e aquela conversa poderia acontecer independente do interesse acadêmico. Mesmo que houvesse (e houve) longos trechos sobre a idade, a profissão, a constituição familiar, a postura ideológica, entre outros temas dos filhos, netos e bisnetos, tudo era ouvido como se dali viessem aprendizados não só para efeitos da pesquisa, mas de interesse pessoal da pesquisadora. Sobre o que quer que falassem, seja a respeito de relação familiar, de questões de gêneros, de dificuldades de adaptação, de preconceitos, dos processos de envelhecimento, tudo podia ser lido em uma perspectiva sobre o tempo.

Contudo, vale aqui uma reflexão. No momento da escuta das conversas por meio das gravações em áudio, considerou-se que algumas das interações com os entrevistados feitas por parte da pesquisadora interromperam falas que poderiam ter sido naturalmente alongadas e interessantes de se ouvir. Explica-se. Por mais interessada que a pesquisadora estivesse e por mais contida nas interações que procurasse ser para que os interlocutores

pudessem falar livremente, não foram raras as situações em que, na escuta dos áudios (momento importante de pesquisa conforme já mencionado), entendeu-se que as interrupções feitas pelas falas da pesquisadora eram dispensáveis. Não que elas fossem inadequadas, ou inconvenientes, ou equivocadas. Não parecem ter sido, ao menos na perspectiva da entrevistadora. Mas, por mais cuidadosa que fosse a pesquisadora e sensível ao “tempo” das falas, foi relevante a sensação de que aquelas pessoas falariam mais caso não fossem chamadas a se ater ao tema de pesquisa e, por isso, acredita-se que o falar livremente sem interrupções pudesse ter sido mais fértil.

Aqui vale a menção a Descola (2016), quando esse afirma que o bom trabalho do antropólogo começa quando ele para de fazer perguntas. Essa questão, sobre como a presença da pesquisadora pode ter afetado as falas, já foi rapidamente descrita quando, no capítulo sobre “o mergulho” é levantado que as perguntas feitas por ela, ou mesmo a própria apresentação sobre as questões de pesquisa, podem ter, de alguma maneira, conduzido as manifestações de seus interlocutores. Aquele autor sugere que o “perguntar” já seria, um pouco, um “definir a resposta”.

O “se ater” às questões de pesquisa talvez tenha levado aos momentos mencionados. Havia, em alguma medida, uma ansiedade por ouvi-los a respeito de todas as perguntas do roteiro. Mesmo que não houvesse, e não havia, um papel materializando o atendimento àquele “script”, algumas vezes a pesquisadora recorreu ao celular para verificar se todos os temas haviam sido tratados. Além disso, havia uma preocupação, mesmo que não dita, a respeito do *tempo*. Há quanto tempo estavam ali? Tantas questões estão “ocupando o tempo” daquela pessoa? Todas essas questões não foram vivenciadas nas entrevistas feitas com respostas escritas, o que aponta para uma vantagem desse modelo de interação.

Algumas vezes, após a transcrição da entrevista ou da leitura das respostas, nos casos em que essas foram dadas por escrito, percebia-se que alguma questão não foi devidamente abordada. A depender do interlocutor e da abertura conquistada pela pesquisadora, houve casos de se solicitar, em uma segunda abordagem, a manifestação sobre tais questões, o que aconteceu, via de regra, sem grandes rodeios.

Vale, aqui, uma descrição mais demorada sobre um caso emblemático em que o segundo acesso solicitando o incremento das informações gerou situações específicas de pesquisa e de situação interpessoal. Depois de algumas abordagens sobre a pesquisa feitas

em encontros no parque, em que se prometia combinar um dia e horário para se ter a conversa que nunca acontecia, a pesquisadora e o interlocutor se encontraram em uma situação fora do parque. Foi em uma exposição em um museu da cidade que o encontro casual aconteceu. Trata-se de uma pessoa por quem a pesquisadora tem grande apreço e sabe, por conhece-lo a longa data, que nem sempre está disposto a interações sociais. Encontrá-lo ali era uma alegria por dois motivos especiais. Ele estava ali, bonito, bem arrumado, sorridente, interagindo (pouco) com as pessoas. Isso já era motivo suficiente para alegrar a pesquisadora. E, em segundo lugar, por ser uma oportunidade de pedir novamente uma conversa para efeitos da pesquisa. E foi ali que acordaram, dadas as dificuldades enfrentadas até aquele momento para que se desse a conversa pessoalmente, que ele responderia por e-mail.

O roteiro de questões foi enviado por correspondência eletrônica, como combinado. Como em conversa no museu o interlocutor mencionou gostar de escrever, que seria uma das atividades que mais gosta de fazer atualmente, a pesquisadora enfatizou, na mensagem, que não era preciso se ater apenas às questões ali presentes, mas que, caso quisesse, era possível escrever mais abertamente sobre o tema da pesquisa sobre o qual já haviam conversado. A resposta veio no dia seguinte com a seguinte descrição: “tentei ser o mais objetivo possível”. Em arquivo anexo, as respostas eram, de fato, objetivas. As mesmas questões que geraram reflexões aprofundadas e falas alongadas em outros interlocutores, ali geraram poucas linhas, ou uma linha, ou até mesmo uma palavra como resposta.

A reação da pesquisadora poderia ter sido a de recebimento, aceitação e tratamento das respostas, simplesmente. Mas a personalidade “falou mais alto” e se sobrepôs a uma postura mais neutra a respeito do que se lia. A frequentadora da Mineral, que conhecia aquela outra pessoa há anos e que por ela guardava (e ainda guarda) um bem querer, não podia aceitar “só aquilo”. Ela queria saber mais. Havia um interesse genuíno em ouvi-lo sobre aqueles temas e não se tratava apenas dos interesses da pesquisa. Além disso, ele havia prometido falar mais naquele dia no museu! Por isso, a mensagem enviada como resposta agradecia, primeiramente, o envio das respostas, mas em seguida assumia a intenção de se ouvir/ler mais. Traçou-se, inclusive, um paralelo com a resposta dada por ele em “tentei ser o mais objetivo possível” ao responder: “pra mim (pesquisadora) e pra Antropologia a objetividade não interessa muito”. Em seguida,

perguntava-se mais, como em “me explica mais sobre porque vc considera a Água Mineral ‘fundamental’”?

O que já havia se construído como uma frustração por não ter tido o desenvolvimento esperado nas respostas, se transformou em uma avalanche de dúvidas e culpas posteriores. Como resposta ao pedido de incremento, o interlocutor pediu desculpas e assumiu não querer escrever mais. Continuou dizendo que poderiam conversar pessoalmente, prometendo o tal encontro com “é só marcar que eu vou”. Isso gerou um pesar por parte da pesquisadora por presumir que tal conduta poderia ser fruto de um “não estar bem”. Além disso, como responder? Apesar do interesse em ouvir mais, o que se sobrepôs foi o entendimento de que era preciso respeitar o “não querer escrever mais”, uma vez que no dia do museu aquele amigo confidenciou que escrever era uma das suas atividades prediletas (ao menos naquele momento de vida). Nesse momento, percebeu-se nitidamente a diferença entre pesquisadora e frequentadora que, no caso, tinha o interlocutor como um amigo. A pesquisadora quis responder que tudo bem, que aquelas informações eram suficientes e, talvez, até tentasse um encontro pessoalmente para conseguir um depoimento maior e mais frutífero para efeitos da pesquisa. Já a frequentadora quis responder que aceitava integralmente a falta de vontade de falar, que entendia até, mas com a tendência em insistir em um encontro, não para conseguir informações para a pesquisa, mas para se aproximar dele, para tentar fazê-lo sentir-se melhor. A resposta que, dada a dúvida sobre como agir, só conseguiu ser dada um mês depois, tendeu ao segundo posicionamento.

Outro caso específico, que fugiu à regra de abertura e receptividade à pesquisa, se deu justo com uma das frequentadoras com que a pesquisadora teria muito interesse em conversar. Além de ser uma frequentadora assídua, uma das únicas mulheres³⁸ que se manteve presente no período da pandemia, tem uma idade avançada³⁹ e ótimas condições de saúde física. As práticas que adota, a disciplina, o não temer estar sozinha, o conhecimento sobre o cerrado, muitos são os aspectos sobre essa senhora que instigam interesse e, há muito, o olhar curioso da pesquisadora é lançado naquela direção. Contudo, ao ser abordada sobre a pesquisa e sobre sua possível participação, negou veementemente. Afirmou “não gostar dessas coisas”, não querer participar em nenhum formato dos

³⁸ Sobre o manter-se presente durante a pandemia, essa senhora fazia a trilha todos os dias sozinha.

³⁹ Pelos cálculos da pesquisadora, tendo em vista as informações colhidas com o passar dos anos de convívio, essa senhora deve ter entre 83 e 85 anos.

cogitados pela pesquisadora (sem gravação, sem mencionar nomes, com total anonimato) e concluiu com “não gostar de ser destaque em nada”.

Apesar do reconhecimento de que alguns dados tratados na presente pesquisa se dão “*ex post facto*”, considerou-se respeitoso não mencionar o que já se conversou e o que já se sabe sobre essa senhora. Apesar disso, assume-se que tais conhecimentos contribuem para as reflexões de pesquisa sem que isso seja materializado em texto. As observações feitas até aqui corroboram para a teoria de que uma conduta voltada ao autocuidado, com práticas específicas sobre as quais já se sabe em alguma medida pelo convívio tido, associada ao contato frequente com o ambiente natural contribui para o alcance de uma saúde física louvável na idade dos idosos longevos.

Com exceção desses dois casos específicos mencionados, as conversas se davam e, ao fim, parecia ter sido bom para todos. Foi bom falar, foi bom ouvir e foi bom, apesar de difícil, escrever sobre. O tema, por si só, já leva à uma postura reflexiva. Mas, para além disso, falar sobre o passar do tempo com pessoas que já viveram o bastante para identificar as mudanças, os processos, as consequências associadas a ele, foi especialmente rico. Parecia ser um assunto sobre o qual se sentiam aptos a falar, como em uma das respostas ao se saber do teor da conversa “esse tema eu domino!”. Mas, para além disso, muitas das vezes, a impressão que se tinha era de que aquelas pessoas queriam falar sobre aquilo. O passar do tempo e o conseqüente envelhecer não se apresentavam, como se poderia imaginar, como um lamento.

As pessoas da Água ou, Os mergulhadores

“Nossa idade – velho ou moço – pouco importa. Importa é nos sentirmos vivos e alvoroçados mais uma vez, e revestidos de beleza, a exata beleza que vem dos gestos espontâneos e do profundo instinto de subsistir enquanto as coisas em redor se derretem e somem como nuvens errantes no universo estável. Prosseguimos. Reinauguramos. Abrimos olhos gulosos a um sol diferente que nos acorda para os descobrimentos. Esta é a magia do tempo. Esta é a colheita particular que se exprime no cálido abraço e no beijo comungante, no acreditar na vida e na doação de vivê-la em perpétua procura e perpétua criação. E já não somos apenas finitos e sós”.

(Reinauguração – Carlos Drummond de Andrade)

De antemão, explica-se que as interações consideradas para efeito do que aqui se discute não se limitam às entrevistas que aconteceram no período formal de pesquisa de campo. Como já elaborado anteriormente, foram incluídas, a partir da discussão metodológica de uma etnografia *ex post facto*, vivências passadas com pessoas que já não se fazem presente no parque. Além disso, por uma questão de “gestão de tempo” relacionada à realização do trabalho acadêmico aqui apresentado, constatou-se a impossibilidade de entrevistar formalmente todas as pessoas com quem se convive atualmente e com quem se conviveu naquele ambiente. Essas pessoas, as que não estão aqui nominadas, mas que estão ou estiveram no contexto de pesquisa, são tão inspiradoras e interlocutoras do presente trabalho como as aqui citadas.

Além disso, também em razão do que se pode pensar como “o tempo próprio da escrita”, houve caso em que, apesar de ter sido realizada a conversa nos moldes metodológicos convencionais, não se conseguiu dar a devida formulação em texto corrido como feito em relação a alguns dos interlocutores que serão apresentados aqui.

Para efeitos de sistematização das informações colhidas no decorrer da pesquisa empírica realizada durante o curso de mestrado, será apresentada, neste momento, uma leitura mais específica do material de algumas das conversas realizadas nesse recorte de tempo. Em um primeiro momento, será feita uma pequena descrição de algumas das pessoas com as quais se conversou. Em seguida, serão colocadas em discussão as respostas dadas às perguntas previamente elaboradas pela pesquisadora.

Como amostra, alguns dos interlocutores serão apresentados a partir de informações dadas por eles próprios, assim como impressões pessoais da pesquisadora. Importante mencionar que essas últimas foram colhidas e elaboradas em um espectro maior de tempo, fazendo da memória um banco de dados.

Luiz Clementino

A conversa com o Luiz se deu nas proximidades da piscina nova, sentados em uma mesa, onde ele e a pesquisadora experimentavam um ambiente muito familiar. Estarem ali era uma situação que poderia acontecer em um dia qualquer, não por acontecer rotineiramente, pois ambos se encontram especialmente no ambiente da piscina velha, mas por aquele ambiente ser familiar a eles e pelo fato dos envolvidos se quererem muito bem. Luiz é uma das pessoas com quem a pesquisadora convive no parque de quem ela mais gosta. E isso precisa ser declarado já de antemão, não apenas para efeitos de pesquisa, mas para deixar registrado em algum papel no mundo. Ele tem cadeira cativa e especial na mesa da Diretoria⁴⁰.

Os olhos azuis dele vibram em plena consonância com o azul do céu e o azul da piscina. Às vezes ele vai de blusa azul, e a pesquisadora não se guarda em elogios nessas horas. Quando perguntado sobre aqueles lindos olhos, faz questão de responder fazendo

⁴⁰ A pesquisadora e seu companheiro chamam de “diretoria” aqueles frequentadores que seguiram a rotina no parque durante a pandemia e, por isso, por se encontrarem quase que diariamente nas trilhas mantidas abertas naquele período e trocarem pequenos e caros contatos, estabeleceram uma maior aproximação. Aqui estão Luiz, Dondiville, Paulo, Danilo (porque ele sempre terá a cadeira dele na mesa da diretoria), especialmente.

a seguinte ressalva: “minha bisavó era negra do sertão do Ceará”, mas que “provavelmente transou com algum holandês”.

Luiz Clementino é fotógrafo conhecido na cidade. Esconde os olhos azuis atrás das lentes e o resultado revelado é colorido por ele como quem quer enfatizar as cores ali já dadas na vida real. Luiz é um poeta do olhar. Um humanista. Sofre com os equívocos do mundo. Se revolta. Os encontros na subida da ladeira, no meio do percurso da trilha, na beira da piscina são todos regados por abraços calorosos, gracinhas sobre a ausência do marido (o que a pesquisadora havia aprontado com o pobre coitado do marido dessa vez?), discursos revoltados com as injustiças sociais e a cena política no país ou reflexões profundas sobre a vida.

Luiz tem 73 anos, 6 filhos, 3 netos. É casado com a mãe de seus quatro filhos mais novos, que não frequenta o parque por “não gostar” mas que, apesar de não aderir a atividades físicas regulares, tem uma ótima saúde. Moram os dois e o filho caçula no final da asa norte. Os filhos mais velhos já são “independentes”. Frequenta a Água Mineral há aproximadamente 40 anos. Desde aquele tempo, se faz presente diariamente. No início, corria a trilha Cristal inteira. Hoje anda. Anda e “troca ideia com os amigos”.

Para ele, o lugar representa o privilégio de respirar ar puro e nadar em uma piscina de água natural. Sua presença no parque é diária, chegando “por volta das 6h” e saindo “por volta das 7h30, 8h”. Sobre como adequa esse hábito à sua rotina, Luiz diz acreditar que “sempre tem tempo para o que a gente gosta”. E diz que a Água Mineral é um exemplo disso. Ele sempre se organizou para ir e coloca entre as prioridades. E complementa, destacando esse entre os outros momentos do dia: “Quando eu saio do portão eu entro na dinâmica da vida”.

Aqui é o lugar que eu não tenho problemas. Brinco, fico alegre e quando eu saio é quando eu começo a resolver os problemas diários.

Sobre a relação com o lugar, Luiz cita o trecho de música dos Beatles escrita por John Lennon, *In My Life*. E cantarola traduzindo: “Há lugares em minha vida que eu nunca vou esquecer. Esses lugares já mudaram, mas não para melhor. Tive amores e amigos, dos quais nunca vou me esquecer. Alguns deles já se foram, outros permanecem, mas deles nunca irei esquecer”. E continua a tecer o motivo da cantoria: “a Água Mineral é mais ou menos assim”. Respira fundo, fica um pouco em silêncio e depois continua

afirmando que o que aquele lugar representa para ele é indefinível e, com a profundidade de costume, lança à pesquisadora um diagnóstico não apenas sobre o tema em debate, mas sobre a pesquisa em si: “Não dá para definir o que é isso aqui. Tem que sentir. Se você definir, vai ser teoria”.

Luiz define a sua saúde como muito boa, mas afirma que depois de certa idade é preciso tomar cuidados como, por exemplo, fazer exames. Citou apenas uma cirurgia para solução de catarata e disse ter diminuída a audição depois que foi infectado pela Covid. Segundo ele, o vírus tirou a sua resistência e a partir daí “começou a aparecer essas coisas”.

Para falar da relação de sua saúde com o hábito de ir ao parque, afirmou que a Água Mineral representa uma escolha de vida, de bem-estar, de estar sadio. Em uma perspectiva individual, afirma que esse hábito antigo causa a ele um “bem-estar muito grande”. E explica:

Estamos passando um momento do mundo muito triste. E isso afeta as pessoas sensíveis. De repente, você começa a ficar triste e não sabe por que. Aqui você vem e melhora. É um lugar que tem uma energia que substitui o baixo astral.

Em outro momento de sua fala a mesma importância como suporte emocional aparece:

Porque a situação do nosso país é muito difícil... O país é injusto socialmente... E isso afeta demais... Então aqui é outro paliativo pra isso. (a fala de Luiz nesse momento é carregada de emoção)

Luiz não enxerga os benefícios da prática apenas em si e não os limita ao campo da saúde física, mental ou emocional: “Quem frequenta aqui há anos geralmente tem uma boa saúde, tem um bom desempenho no trabalho”. Além disso, afirma que o reconhecimento entre a sua saúde e “jovialidade” e essa escolha ocorre por quem está de fora também e conta um episódio que segundo ele já ocorreu diversas vezes, não apenas com ele, mas com os “amigos daqui” inclusive:

Nas rodadas de amigos o pessoal pergunta:

_ Quantos anos vc tem?

_ Eu tenho 73?

_ Mas as pessoas dizem que vc frequenta a água mineral?

_ Sim.

_ É por isso que vc é saudável. Vc não parece ter essa a idade.

A respeito das relações com o grupo de frequentadores, Luiz reconhece como sendo uma maravilha a confraria construída ali. E identifica o elo de ligação: “Todos nós procuramos a saúde, mental e física”. Com alguns se relaciona bem, se encontra fora do parque para “tomar um chopp ou algo assim”. Outros não. Luiz foi um dos únicos frequentadores a assumir uma posição contrária à vertente política-ideológica que assumiu o poder entre 2018 e 2022 e isso lhe causou muita tristeza e revolta, como já se fez visível em suas falas a respeito das injustiças sociais, mas também estranhamentos e distâncias a respeito dos demais frequentadores. Quando mencionou as caminhadas matinais diárias e as interações que ali ocorrem, enfatizou: “Trocamos ideias e discordamos”.

Outro destaque na fala de Luiz diz respeito aos amigos que fazem parte de sua rede de relações no parque, mas que não estão ali naquele momento. “Muitas pessoas perderam o ritmo de vir cotidianamente depois da Covid”. Fez um longo silêncio e emocionado contou: “nós temos um amigo aqui que está doente”. Para seguir dando notícias à pesquisadora, já não mais no lugar de pesquisadora e sim no de quem quer muito bem ao amigo em comum, Luiz pede para desligar a gravação para discrição a respeito do estado de saúde do amigo.

Quanto às atividades fora do parque, Luiz diz se ocupar especialmente ajudando os filhos e a esposa, em diversos aspectos da vida cotidiana. E, em sua fala, distingue o que de suas atividades é feito em função dos outros e o que é feito em função de si, utilizando o recorte da rotina no parque:

O cotidiano é estressante. Vc não se dedica a si, se dedica às pessoas, ao trabalho. É preciso sobreviver né? Mas aqui a coisa compensa.

Júlio Borges

Seu Júlio é outro dos personagens relevantes da história. Ele faz parte do imaginário da pesquisadora quando ela pensa nos conviventes humanos das suas manhãs durante todas essas décadas. Assisti-lo chegar, puxando o carrinho com garrafas para encher de água da fonte, se instalar nas proximidades da piscina e realizar as suas práticas

sempre foi um dos momentos de realce. Tanto que, algumas das práticas realizadas por seu Júlio, como expor a língua ao sol e alongar o corpo, passaram a fazer parte das práticas da própria pesquisadora. Não que uma coisa esteja associada a outra, que ela tenha se inspirado nele, mas a decisão de fazê-lo parece ter uma validação ao relembrar que o mesmo é feito por seu Júlio. Ele está sempre, sempre, sorrindo. Sobre isso, assumiu em conversa atribuir grande importância ao cultivo do bom humor.

A conversa com o seu Júlio se deu em uma das mesas que ficam entre a piscina velha e a ladeira de entrada às trilhas. Depois de muitos combinados para a realização da “entrevista”, tanto pessoalmente no parque como por mensagens de *WhatsApp*, conseguimos enfim coincidir nossas presenças ali. Ele sempre se mostrou muito solícito e interessado na pesquisa. Respondia às mensagens no mesmo dia, mas com algumas horas de diferença. Ele não leva o celular para o parque e verifica “se tem recado” tempos depois. Só esse fato já se sobressai ao olhar da pesquisadora a respeito do lidar com o tempo e as urgências da contemporaneidade. Apesar dessa relação mais independente e livre a respeito do uso do celular e do *WhatsApp*, percebe-se total domínio e familiaridade com essa forma de comunicação pois por aquele meio também foram estabelecidas conversas, reflexões, troca de textos e vídeos.

Seu Júlio é daquelas pessoas que mergulha mais profundamente nas reflexões a respeito das coisas da vida, incluindo a passagem do tempo. Fala com vagar. Divaga. Faz uso da filosofia, da poesia, da espiritualidade para falar das coisas. Seu Júlio Borges de Macedo Filho é pastor. Atualmente, pastor emérito da igreja cristã de Brasília. Em outros momentos, já foi professor de teologia e pastor de igreja batista.

É casado com Gislene Macedo, professora de música pela Universidade de Brasília e na Faculdade Dulcina de Moraes, hoje aposentada, com quem tem 4 filhos. O casal já experimentou, há 20 anos, a dor da perda de um filho. Seu Júlio falou um pouco sobre o passar do tempo nessa dor, tanto nele quanto em sua mulher, relacionando as distinções de gênero e perfil às condições de cada um deles nesse momento, mencionando a relação com o parque.

Para ele, o luto por um filho é uma dor para a qual nunca se está preparado e sobre a qual não há palavra que traduza. Nele, foi um “sopapo” que considera não suportar outro de mesma natureza. O que o fez superar, segundo ele, foi o fato de, apesar de poeta, ser um homem racional. É preciso, afirma, se conformar com as coisas que não se pode

mudar. Importante ressaltar que seu Júlio não menciona a sua religiosidade que, tendo em vista ser ele um pastor, presume-se que module fortemente a sua percepção sobre a vida e a morte. Já Gislene, por ser mulher, por “ter tido o filho nas entranhas”, sente de outra forma. Além disso, a define como uma pessoa muito sensível e a isso associou o fato dela ser musicista. Tal contexto a fez sofrer uma depressão por 10 anos, que volta e meia ameaça a voltar. A insônia e a conseqüente dificuldade em acordar cedo foi o que a afastou da rotina no parque que a própria Gislene sonha em reconquistar⁴¹.

Seu Júlio é um homem ativo tanto intelectualmente (tem 4 livros publicados e 6 prontos para publicação), quanto socialmente⁴². Mas em sua fala não se ouve a palavra pressa. As únicas vezes em que ele mencionou a palavra “correria” foi para justificar a não ida dos filhos ao parque. Um mora em Petrópolis. Sobre os que moram em Brasília, ambos em “idade laboral”, sendo um professor de química na UnB e outra psicóloga, têm uma “alta carga horária de trabalho” e que essa “correria” os impedia de aderir à prática adotada pelo pai.

Falou longamente sobre seus filhos e neta. Falou de cada um deles de forma a demonstrar estar atento, com um olhar sensível e respeitoso sobre suas escolhas individuais. Mostrou-se intensamente feliz e orgulhoso ao falar deles, como da atuação da filha como psicóloga, achando linda a sua habilidade para meditação em “posição de flor”, fazendo dela uma pessoa serena e amorosa; da trajetória acadêmica de muito estudo e dedicação do filho que leciona Química na Universidade de Brasília e sobre a busca pela complementariedade no amor ao falar da relação desse filho e de sua esposa; e do talento em desenho do filho “mais parecido com ele” por ser alegre, poeta e pastor. É filha deste último a neta Sarah, que estava perto de completar 15 anos. Seu Júlio falou com animação sobre já ter comprado as passagens para a festa. E gargalhou abertamente feliz.

Sua relação com a Água Mineral começou logo em seguida à chegada em Brasília, que se deu em 1979. Mas a frequência assídua acontece há “apenas” 25 anos, época em

⁴¹ Seu Júlio comentou que, em razão de uma nova receita da geriatra, Gislene tem dormido melhor nos últimos tempos. E se mostrou esperançoso ao dizer: “Qualquer dia ela aparece aqui comigo novamente. Ela é muito jovial, muito alegre, faz amizade com todo mundo”.

⁴² Seu Júlio não incluiu esses “lugares sociais” em sua fala na conversa com a pesquisadora, mas consta em sua apresentação no site da igreja cristã de Brasília, além de sua trajetória na direção da teologia e sua forte atuação na instituição religiosa ao qual faz parte, participação na arena política. Por muitos anos atuou como assessor do deputado Wasny de Roure. Por menos tempo, assessorou também os deputados Peniel Pacheco e Arlete Sampaio. Foi chefe da assessoria parlamentar do Ministério da Educação e Cultura quando a pasta era gerida pelo Senador Cristovam Buarque.

que Gislene, que sempre ia com ele ao parque, compunha com ele o “casal 20” apelidado pelos frequentadores mais antigos. Para ele, o parque é um paraíso terrestre, o jardim do Éden de Brasília. Seu Júlio bebe a água do parque. “Puríssima! Coloco no filtro de barro, não suja nem as velas”.

Atribui à prática de ir à Água mineral muito de sua saúde mental e fala da importância de “inspirar-se”:

Ao banho gelado, às duchas, às conversas com os amigos, o encontro com as árvores, com os pássaros, com os bichos. Hoje quando eu entrei fiquei maravilhado com a galinha d’água. Eu fui criado no sul do Piauí e tinha muita galinha d’água e eu gostava de correr atrás delas. Fiquei muito inspirado. Isso tudo me inspira.

Além de vislumbrar os efeitos benéficos das práticas no parque em si, seu Júlio também os identifica em outras pessoas. Diz que já viu pessoas chegando na Água Mineral em um estado cadavérico mas, com um mês ou dois de adesão à rotina e de exposição aos elementos que ali se acessa, a pessoa “já está sorrindo para a vida”.

Diz ter conhecido muita gente no parque em todos esses anos. Falou com saudades de amigos com quem compartilhou bons momentos no parque, como o Ezequiel que pregava para os peixes e que, “apesar de crente, não era chato, era alegre! ”. A pesquisadora, que também conviveu com Ezequiel, concordou com ele quando seu Júlio o definiu como alguém de quem todos gostavam e ambos compartilharam ali da mesma nostalgia. Lembrou também de um alagoano, que se parecia, inclusive, com seu Júlio, de quem gostava bastante, sobre quem fez um soneto em homenagem, entregue à viúva na missa de sétimo dia de sua morte. Seu Júlio tem o hábito de fazer uma poesia em memória dos que partem.

Ainda sobre o contato com as pessoas que frequentam o parque, seu Júlio considera que existe uma “certa camaradagem” entre “esse grupo que vem cedo”. “O pessoal é gente boa”. Afirmo, também, que dentro do grande grupo, há aqueles com quem se tem maior afinidade: “a gente vai escolhendo aqueles dos bate papos, né?!”. Entre eles cita “o nosso fotógrafo” Luiz, o Laurez (autor de crônica sobre o parque – vide nota de rodapé 66) e de outras pessoas que, apesar de não saber o nome, tem grande simpatia. Contou animadamente uma história de forma a demonstrar como se dão as relações que, mesmo sem o aprofundamento de forma a saber o nome, fazem parte do contexto do parque:

E eu brinquei muito com uma senhora que até hoje é minha amiga, que até hoje eu não sei o nome dela. Sei quem é, mas não sei o nome dela! Aí ela diz: ô, mas eu tô com uma artrite danada... aí eu disse: ah, vou lhe dar um remédio que vc vai ficar boa. Tá vendo aquele poço ali? Tem a cachoeira do lado e tem um pocinho que as pessoas vão tomar banho ali. Eu pus o nome de poço de Naama. Aí contei pra ela a história de Naamã, que era um general sírio que viajou à Israel porque ouviu falar no profeta Eliseu que curava as pessoas. E ele era leproso. Era um homem valoroso, mas leproso. E o profeta mandou que ele mergulhasse sete vezes no rio Jordão. O rio de água barrenta. E ele disse: mas lá na minha terra tem rios melhores. Por que não me manda mergulhar neles? O profeta nem saiu, mandou o mensageiro falar pra ele. Ele ficou chateado. Vinha voltando e um servo dele disse: mas meu senhor, quando custa, vc já está ali. Por que não tenta mergulhar sete vezes como o profeta falou? Ele mergulhou e ficou curado. Por isso eu disse a ela (fala gargalhando), a senhora vai ali, vai reclamando enquanto vai pisando nessas pedrinhas, dos seus problemas, vai desafiando os seus problemas. Quando chegar lá, vc mergulha sete vezes! Mergulha, levanta e mergulha de novo. Sempre dizendo: vou ficar boa! (Gargalhadas). E ela acreditou. E ela fez! E disse que estava se sentindo bem melhor! (Gargalhadas). Terapia boa! E ela passou a me chamar de seu Naamã e eu o mesmo a ela. (Gargalhadas). Aí ficou isso. Acho que ela não sabe o meu nome nem eu sei o dela.

As idas ao parque já aconteceram por 5 vezes na semana, mas, atualmente, seu Júlio só se faz presente às quartas e sextas. Ele tem o compromisso de ir, dele com ele, mas acontecem imprevistos. Aprendeu, segundo ele, a administrar a vida de tal maneira que cada dia tenha uma rotina, mas ele não se escraviza a ela. Fala da importância ao cultivo da liberdade pessoal. Para ele, assim como na “economia divina”, as necessidades humanas são prioritárias e, se for preciso prestar alguma assistência a alguém que dele esteja precisando em um momento difícil, ele abdicará da ida ao parque.

De sua casa na asa norte, onde mora há uns 15 anos, até o parque leva 12 minutos de carro. Mesmo não mencionando pressa em sua rotina diária, demonstra saber o exato tempo levado no percurso de sua escolha. Nesse trecho da conversa, falou sobre Brasília. A considera uma cidade rara. O lugar onde mora, por exemplo, é “um verdadeiro parque”. Muitas frutas, muitas plantas. “Eu acordo com um bem te vi na minha janela”. Mas fez presente em seu discurso a consciência de que a qualidade de vida sobre a qual falava estava especialmente na região do Plano Piloto, demonstrando perceber que não se tratava de um acesso irrestrito, nem da mesma maneira, a todos que vivem na cidade.

Para seu Júlio, um bom uso do tempo é conviver com a natureza. Disse que é preciso ser sensível e estar atento ao que ela ensina. As raízes das árvores, por exemplo, são um exemplo maravilhoso de solidariedade para ele. Ao desenvolver sobre isso, quando pensou em uma floresta, seu Júlio se pôs reflexivo, contemplativo. Pôs-se um

silêncio totalmente inteligível pela pesquisadora. Eles concordavam e ali a pesquisadora era mais uma frequentadora, que se identifica com aquela forma de ser-estar-pensar-sentir, do que uma estudante de mestrado.

Quando questionado sobre como faz para incluir a rotina de autocuidado em sua vida, seu Júlio afirma que o segredo da vida é andar e parar. Não se pode andar sempre e, por isso, a pausa é fundamental, segundo ele. E fala sobre a velocidade dos tempos atuais:

Nós vivemos em um mundo muito apressado. A gente conseguiu luz elétrica, aumentou o dia, mas as pessoas não têm tempo. É um corre corre. Não se sabe administrar o tempo.

Em outro momento:

A gente anda mais rápido, tem roda nos nossos pés, tem avião, tem tudo, mas o povo fica doído.

Conta que, além da frequência no Parque Nacional, costuma ir ao calçadão asa norte, no deck norte. Gosta de ir ali à tardinha para ver o pôr do sol. Já tem dois livros de poesia⁴³ escritos naquele contexto. E fala sobre o ritmo de vida na cidade e de sua perspectiva sobre ele:

Eu vejo o povo passando, os carros passando, aquela coisa pressa toda. Mas eu tô parado ali observando os mergulhões mergulhando, o pessoal pescando, namorados, em um outro ritmo. A gente precisa ter tempo pra ver muitas das coisas boas da vida. É preciso investir no essencial.

Em outro momento:

Outro dia vi algo que é raro acontecer. O sol se pondo lá de um lado e a lua saindo do outro. Que coisa fantástica! Eu pensei: gente! Para pra ver isso!

E, nessa hora, recita um soneto de Malba Tahan, um matemático, também poeta, autor de um livro lindo, segundo seu Júlio, O homem que calculava.

Deus pede a estrita conta do meu tempo.
E é forçoso desse tempo eu já dar conta.
Mas como dá em tempo tanta conta?
Eu que gastei sem conta tanto tempo.
Para ter minha conta feita a tempo
Dado me foi bom tempo e não fiz conta
Hoje quero fazer conta e falta tempo

⁴³ Um dos livros tem como título a expressão: Ao Pôr do Sol.

Ó voz que tendes tempo sempre em conta
Não gastei o vosso tempo em passatempo
Cuidai enquanto é tempo em fazer conta.
Mas, ah! Se os que contam com esse tempo
Fizessem desse tempo alguma conta
Não chorariam mais tarde ao não ter tempo
(Malba Tahan)

Sobre a passagem do tempo para ele, individualmente, seu Júlio se mostra acolhedor. Diz não trocar a sua velhice por nenhuma outra época de sua vida. E diz, com sabedoria e bom humor, que a passagem do tempo confere valor:

Cada idade pra mim é a minha idade predileta. Não troco agora, o meu momento de velhice, por nada! (Gargalhada). Vc vai se enriquecendo da verdadeira riqueza.

Apesar dessa perspectiva otimista sobre o passar do tempo em si, seu Júlio não deixa de mencionar as limitações trazidas pelo tempo. Diz que a forma que escolheu para lidar com elas é a fórmula mágica que adota para a vida: o cultivo do bom humor.

Porque eu aprendi a rir de mim mesmo e isso é ótimo! Quando a gente ri da gente mesmo, a gente adquire uma certa maturidade.

e

Rir das coisas. Isso ajuda a conviver bem com as próprias limitações.

Quando questionado sobre sua saúde, responde: “A minha saúde é boa.” Apenas depois dessa afirmação, menciona ser “campeão em cirurgias”. Quando tem alguma questão de saúde diz enfrenta-la sem medo. Já fez cirurgias para retirada de vesícula e apêndice. Já operou varizes e próstata. Mas diz administrar bem, indo ao médico e “tudo mais”. Mas destaca a escolha por “remédios naturais” e especifica: “Raízes, essas coisas assim, da sabedoria popular”. Conta, orgulhoso, a decisão do urologista de passar a receitar aos pacientes o uso de babosa. E diz: “Aloe Vera, olha aí, um remédio popular, de uma planta nossa, que tem demais aqui no Brasil”. E gargalha, como quem se impressiona com humor sobre a demora para que a medicina tradicional tenha admitido a ponto de aplicar uma sabedoria popular.

Foi apenas nessa menção ao urologista que seu Júlio assumiu, mas sem atribuir peso, ter sido acusado em biópsia um “pouquinho de câncer” em sua próstata. O médico o tranquilizou dizendo que ele “não morrerá disso”, conta rindo abertamente. E conta que, além da babosa, também usa um chá “muito bom” de ipê roxo, folha de graviola e unha de gato. “o chá fica vermelho por causa da unha de gato. Ficaram, ele e a pesquisadora, questionando se a tal unha de gato era um outro nome dado ao crajirú, planta também conhecida por seu efeito anticancerígeno e da qual se faz um chá de cor avermelhada⁴⁴.

Mas seu Júlio é enfático ao afirmar que o melhor remédio para a sua saúde é o bom humor. Manter a mente positiva, não pensar “pra baixo”. Ele diz não saber o que é depressão. Diz permitir que a tristeza venha, mas não permitir que ela o domine. E que o caminho pra isso é não levar as coisas tão a sério. Que a brincadeira traz a leveza necessária à vida. E conta:

Eu brinco demais. Quando chega um velhinho assim reclamando de saúde e tudo o mais, eu digo: calma, meu companheiro, vc está com uma doença que nem a organização mundial de saúde nominou ainda: vc está com a Lacifoia. Lá se foi a juventude! Ele ri. É um bom caminho, não é? Rir das coisas. Isso ajuda a conviver bem com as próprias limitações.

Quando introduzido o assunto sobre como as novas gerações vivem e como lidam com o tempo, seu Júlio fez algumas ponderações, fazendo paralelos com a forma como se dava em um “passado” vivido por ele e a vida “atual”, exemplificada com eventos de seus filhos e neta. Contou de sua infância. Disse ter sido criado de maneira muito "selvagem", com muita disciplina. Que apanhou muito. Que a mãe “gostava muito” de bater, mas que o pai não. Mas justifica: “também... 11 irmãos”, dos quais 5 já partiram⁴⁵. Apesar do relato, seu Júlio diz que quando lembra de sua própria infância, lembra de que foi uma criança muito feliz. E volta a falar nos tempos atuais. Diz considerar que é preciso pensar a educação das crianças e adolescentes a partir de dois pilares essenciais: a disciplina e o amor.

Amor sem disciplina é um desastre. Disciplina sem amor também é desastre. Então, equilibrar as duas coisas.

⁴⁴ Em pesquisa posterior à conversa, concluiu-se que não se tratava da mesma espécie.

⁴⁵ Nesse momento, seu Júlio falou emocionado sobre o irmão que acabara de perder: “No mês de julho perdemos o nosso médico da família. Escrevi uma crônica sobre ele: o irmão mais irmão. Era aquela pessoa que cuidava. A gente chamava qualquer hora do dia ou da noite, ele estava ali. Era uma pessoa maravilhosa”.

E desenvolveu que a uma das questões atuais da juventude é o uso excessivo de eletrônicos. Que aquilo que inicialmente seria aplicado para facilitar a vida, virou uma escravidão, especialmente por parte dos mais jovens. Contou um evento em que sua neta de 15 anos passou alguns bons momentos da companhia de duas meninas de mesma idade, mas que quase não se comunicaram direito por estarem entretidas em seus aparelhos celulares. E retoma a questão da disciplina. Diz que não fala muito, apenas o suficiente, com seu filho e nora a respeito da educação de sua neta. Mas que considera que é preciso impor limites. De forma amorosa, mas que é preciso impor limites.

Apesar das ponderações, seu Júlio demonstrou ser otimista a respeito das conquistas da contemporaneidade. Vê como vantagem das novas gerações o acesso à informação. Que o patamar de informações alcançado promove uma maior capacidade de tomar decisões. E conta, novamente fazendo comparações com um tempo antigo vivido por ele:

Lembro de algumas maldades... eu matava beija flor sem necessidade, gente... Pra que uma pessoa vai matar um beija flor? Nem pra comer serve. Era um prazer... era o matar pelo matar. Enforcar lagartixa. Enforcava as bichinhas com cabelo de cavalo. Os meninos hoje não fazem isso. Já têm uma melhor informação, sabem identificar como maldade gratuita. Então eu acho que essa nova geração nova vai cuidar mais do meio ambiente do que a gente. Tanto é que vc vê essa meninazinha sueca liderando um movimento. Isso é muito bom.

Desenvolveu, ao final, sobre as “tentações do mundo”. Ambição, por exemplo. Que é fácil se perder pelo desejo por dinheiro e poder. Mas afirma acreditar que “esse pessoal novo” tá mais curioso por conhecer as coisas do que qualquer outra coisa. Por isso, se diz “até animado” com a juventude. Considera que precisamos dar espaço às novas possibilidades. Que a renovação é muito bem-vinda!

Maria Borboleta

Maria Borboleta é uma das “mina da piscina”, musa da crônica mencionada na nota de roda pé 21. É presença ilustríssima. Não tem frequentador assíduo, servidor terceirizado, salva vidas que não saiba de quem se trata. A energia, a beleza, a forma expansiva e bem-humorada de se comunicar, fazem dela e seu grupo, um foco de atenção.

Passar por elas na beira da piscina velha é quase que um ritual de passagem diário. A posição estratégica logo após a curva de entrada na piscina velha e a recorrência dessas presenças ao longo dos anos, faz com que se tenha aquele ponto referencial como sendo delas. É possível que até os macacos atuem de forma a liberar o lugar caso alguém, em pleno dia de semana, às 7h, ousar ocupar aquele espaço.

O combinado sobre o dia para entrevista se deu pelo *WhatsApp*, mas o encontro foi antecipado ao constatarem, a pesquisadora e ela, estarem disponíveis naquele momento. Era uma quinta-feira e, por isso, tudo se deu à beira da piscina nova. Apesar de não ser aquele lugar mencionado como lhe sendo de costume (à beira da piscina velha), os frequentadores se reposicionam quando é “dia de piscina nova”⁴⁶. E ali, estavam todos os elementos que compõem a cena tida como costumeira. Suas duas amigas ao lado (Lurdinha e Eliana), as quais não apenas presenciaram o depoimento integralmente, mas também participavam com direcionamento de olhares, brincadeiras, pequenos comentários e risos, muitos risos. E os muitos amigos passando ao redor, com pequenas participações jocosas nitidamente captadas pela gravação da conversa. Nada que foi dito ali parecia merecer segredo. Não houve objeção à gravação da conversa. A única ressalva foi lhe dar um codinome, escolhido pela própria, o de Maria Borboleta.

Completo em setembro de 2023, 81 anos. Baiana, nascida em Salvador. Saiu de lá com 12 anos de idade para estudar em um orfanato no Rio de Janeiro, de onde sairia apenas com 18 anos rumo à Brasília. Aqui, com uma carta de apresentação da freira responsável pelo orfanato, já começou a trabalhar em uma instituição chamada INIC – Instituto Nacional de Colonização e Imigração.

Maria Borboleta é de uma memória impressionante. Contou, com riqueza de detalhes que possivelmente faltariam à uma cabeça com a metade da idade, nomes (com sobrenomes), endereços, siglas do período laboral dela até a aposentadoria. Para se ter noção, do INIC, onde se encarregava da limpeza e da recepção dos migrantes vindos de pau de arara especialmente dos estados do Nordeste, foi enquadrada primeiramente como arquivista até virar técnica de cadastro rural no mesmo órgão que se sucedeu em nomenclaturas como INDA, IBRA, SUPRA, até virar INCRA. “E eu lá, toda a vida lá”.

⁴⁶ Geralmente às quintas-feiras, quando a piscina velha é limpa ou quando há nela alguma obra. Em alguns poucos períodos, especialmente na época das férias escolares, ambas são abertas concomitantemente.

Foram 30 anos. Nessa época, não tinha como prática nenhum exercício regular ou hábito de autocuidado.

Eu não fazia nenhuma atividade física. Nada. Minha vida era casa, trabalho, filho. Quatro filhos, minha filha, um atrás do outro. Era um ano e meio um, ano e meio outro. Como é que você vai cuidar de si? Você sabe como é. (diz se dirigindo à pesquisadora que também tem 4 filhos)

Em um estado de esgotamento, “de saco cheio”, Maria Borboleta disse viver revoltada naquela época por não conseguir “ser mãe direito”. Constatava que quem cuidava de seus filhos eram as pessoas que trabalhavam em sua casa, não ela. Foi nesse contexto que, faltando 2 anos para completar os 30 que lhe seriam mais proveitosos para efeito de cálculo de seu benefício, aderiu à aposentadoria “lançada na época do Collor”. Explica que, na verdade, tinha os 30 anos de contribuição, mas, por ter tirado 2 anos de licença especial (ou licença sem vencimento) para acompanhar uma filha em muitas cirurgias que precisou fazer à época, perdeu nessa contagem.

Foi nesse momento que Maria Borboleta foi “fazer o que gosta”: cozinhar e ficar em casa. Fazia pães, bolos, os quais inclusive vendia. Mas ali ainda não havia acordado para a importância das práticas no parque que lhe trariam tantos benefícios. Segundo ela, mesmo depois de aposentada, seguia com o foco fora de si, dedicando seu tempo a marido, filhos e casa. “Eu não me cuidava”.

O início da relação com a Água Mineral foi próximo ao dia 15 de novembro de 1995. “Aqui é o x da história” (trocando risos e olhares com as amigas que respondem “esse dia tá marcado”). Nesse dia ela levou “uma lambada da vida”, que a desestruturou emocionalmente. Ao descobrir que vinha sendo traída pelo marido, “o bicho pegou” e ela se viu em uma depressão que não havia experimentado antes.

Eu não sei se essa é a parte triste, porque foi aí que, na verdade, eu comecei a viver pra mim. (ênfatizando o “pra mim”)

Por estímulo de uma vizinha de chácara que acompanhou o processo e se assustou com o entristecer abrupto da amiga, Maria Borboleta cedeu ao convite de ir ao parque, mesmo não vendo muito sentido em aceitar por não saber nadar. Foi convencida por saber da amiga que essa questão poderia ser resolvida lá mesmo, com um professor de natação que dava aulas todas as manhãs. Cláudio, o professor era “um moreno bonito pra daná!”.

Aos 52 anos aprendeu a nadar nas aulas de Cláudio. Tinha pavor de água. “Botava o pé e olhe lá”. Naquele mesmo ambiente começou também a fazer caminhadas. Chegava às 6h, fazia a trilha Cristal, a Capivara, nadava. Aprendeu yoga. A partir daí, não deixou mais de frequentar o parque. “Eu vinha religiosamente todos os dias. Só não vinha na segunda que era quando limpava”. Segundo ela, foi o parque, associado com o auxílio de um médico do INCRA, que além de ginecologista era seu amigo e conselheiro, que a orientou muito, inclusive com a leitura de vários livros de “autoajuda”, que a salvaram da depressão.

Isso aqui (aponta em volta) pra mim é um tratamento.

E continua tentando definir o que aquele parque representa pra ela: “A água mineral pra mim... nossa senhora...” Disse que sente falta até mesmo quando vai pra Salvador. Apesar de adorar ir, de amar a praia, sente falta da Água Mineral quando viaja. Na leitura da pesquisadora, é como se o parque representasse um lugar sobre ela própria que ela não acessaria em nenhum outro, mesmo que em um lugar em que amasse estar, como Salvador.

Ao falar da sua saúde, diz que a única coisa que a incomoda é a rinite e a sinusite. Já fez cirurgia de catarata e operou o joelho, mas nesse último caso, em razão de uma queda. Bateu o joelho em uma quina de degrau e rompeu o menisco. Por algum tempo foi relevando, passando remédio caseiro, pomada, até que seu joelho “parecia uma melancia”. Foi só nesse momento que procurou um ortopedista que a convenceu de realizar a cirurgia. O procedimento resolveu por um período, mas com o *tempo*, o “bicho voltou e ainda volta a se mostrar”. Busca soluções alternativas, como acupuntura, infravermelho, ventosa. Não gosta de tomar remédios. Os únicos que toma são para pressão, por ser hipertensa, e para colesterol.

Maria Borboleta diz que o tempo tem o dom de transformar as coisas a ponto de, em alguns casos, solucioná-las. Isso serve para rinite, para sinusite, para uma dor no pé, e até para outras coisas de outras ordens. Sobre a ação de transformar, usou-a também no aspecto do sentir, usando a construção “o tempo transmuta o amor”. Trouxe isso ao falar da relação com o pai de seus filhos que, apesar de separados, seguem vivendo na mesma casa. O que antes era marido, virou amigo, irmão. O *tempo* mostrou para ela que, apesar

de toda dor que sentiu em virtude das atitudes dele, ele é um verdadeiro companheiro de vida, pois pôde contar com ele em todas as vezes que precisou de ajuda ou de cuidado.

Também mencionou o passar do tempo em suas condutas e posturas frente às coisas da vida. Disse que atualmente se vê como uma pessoa indisciplinada:

Eu não tenho uma rotina. Eu até falo pra elas (aponta para as amigas): eu venho, e não venho. As vezes não avisei, mas decido vir. O melhor é não combinar. Ela não gosta muito de coisa assim certinha.

Em outra passagem, trata sobre a imposição de limites:

Eu olhava pra marido, filho, casa, trabalho. Sabe aquela rotina? Hoje em dia não. Eu continuo, todo fim de semana minha casa tá cheia de filhos, netos, todos vêm comer. Mas quando eu tô cansada eu digo: ó, amanhã eu tô na rua, não vem não! Pronto.

Sobre a assiduidade em suas práticas, falou a já destacada fala em que se percebe “preguiçosa”:

Eu acho que a gente vai ficando velho, vai ficando com preguiça. Antes eu praticava yoga 3 vezes na semana, agora só duas e, às vezes só uma.

Destaca-se que a pessoa que está se classificando como “preguiçosa”, além da yoga mencionada, vai nadar no Parque Nacional de Brasília duas ou três vezes na semana e pratica Pilates 3 vezes na semana. Além disso, ao contar sua rotina atual ao sair do parque, conta com uma animação que a pesquisadora não lembra encontrar em suas mães e tias de uma década a menos:

Saio daqui vou pra casa, vou fazer almoço. Depois do almoço faço o meu soninho da beleza e fico por conta do nada pro resto do dia. Ontem eu fui passar o dia fora com um grupo de idosos lá do Gama. Um passeio. Fomos pra uma chácara na ponte alta do Gama. Teve café da manhã, almoço e forró. Minha filha! Forró desde às 10h da manhã. Dancei até! Hoje tô com as pernas doídas. (gargalhada).

Maria Borboleta dedicou-se longamente a falar dos 4 filhos, 9 netos, 3 bisnetos, além daquele que “estava na forma” e que nasceria em dezembro próximo. Contou com detalhes suas vidas, onde moram, o que fazem. Falou do que a preocupa sobre alguns deles e sobre seus desejos pessoais a respeito de suas vidas. Percebeu-se que a forma de ver as vidas das novas gerações gera nela sentimentos e desejos que talvez não coincidam

ou sejam vistos com bons olhos pelos amores a quem dedica o olhar. Na perspectiva da pesquisadora, foi possível perceber “conceitos” e “preconceitos” localizados em um tempo sendo posicionados em outro.

Maria Borboleta se define, e realmente demonstra ser, uma pessoa feliz. Diz ter tudo. E enumera:

Eu tenho saúde. Eu tenho paz. Eu tenho casa. Eu tenho uma pessoa que cuida de mim. E a água mineral é o complemento de tudo isso.

Denise

Denise, a princípio, não se enquadra no recorte de pesquisa por não ter alcançado o “status legal” de idosa. Denise estava com 55 no momento da entrevista. Apesar da idade, reúne todos os elementos de interesse para a discussão aqui proposta. Foi frequentadora assídua da Água Mineral nas primeiras horas do seu dia por alguns anos⁴⁷ e, mesmo tendo uma visitação esporádica atualmente, mantém uma relação profunda com o ambiente e as pessoas que ali convivem. Além disso, Denise faz parte do imaginário acessado como memória por parte da pesquisadora, pois ambas conviveram naquele contexto das piscinas do parque.

A conversa com Denise foi a primeira no recorte formal de pesquisa. E não se deu na Água Mineral, pois a frequência dela ali já não se faz diariamente. Mas a escolha do lugar se deu levando em consideração muitos dos aspectos buscados naquele contexto. As tratativas sobre o tema da pesquisa se deram no parque, em um dia de “café ecológico”, já os combinados relativos ao dia, hora e local em que aconteceria a conversa se deram por *WhatsApp*.

O encontro se deu em uma grande sombra do Parque Olhos D`Água, em uma manhã ensolarada de outubro. Denise chega ao encontro personificada em sua beleza de costume. Os olhos da pesquisadora presenciaram a beleza dela no tempo. No final dos anos 2000, ninguém passava imune à piscina velha nas primeiras horas da manhã.

⁴⁷ Denise e o marido frequentaram o Parque Nacional “religiosamente” de terça a domingo entre os anos de 2000 a 2006. “A gente não faltava, só se viajasse. E quando a gente faltava a gente sofria horrores, que era péssimo pra gente faltar. Até quando a gente tava viajando a gente lamentava.”

Naquela época também já havia a ilustre presença ao seu lado do namorado Luciano, que viraria marido e avô “coruja” de suas netas. Naquele dia da entrevista, a beldade da piscina se aproxima com seus “20 anos depois”, estira sua grande toalha e tira da bolsa castanhas para o lanche, além de raminhos de eucaliptos para cheirar. A sensação experimentada pela pesquisadora naquelas quase duas horas de conversa foi a de ver sentido na pesquisa. Sim, o tempo passa para as “pessoas da Mineral” e passa “muito bem”. É possível que haja alguma conexão com a escolha daquela rotina.

A relação com a Mineral começou quando criança, quando levada pelos seus pais. De uma coisa rara pela falta de recursos dos pais, virou um passeio costumeiro quando Denise conseguiu alguma autonomia e levava, com seu “próprio carrinho”, as filhas ao parque ainda pequenas. Até que, em um momento de sua história, decide assumir a ida pelas manhãs como rotina e a transforma não apenas em uma frequentadora assídua como também em uma das vozes atuantes a respeito do parque em outros âmbitos.

Denise tem a passagem do tempo reconhecida e enfatizada nessa relação com o parque. E isso não apenas em sua perspectiva individual, mas a amplia para a experiência do marido:

É uma grande emoção pra mim pensar nisso... ter ido lá quando criança, ainda morando com os meus pais. Foram poucas vezes, que os meus pais não tinham muitos recursos. Meu pai não tinha carro. A gente ia de ônibus. Então era outra coisa. Eu to te falando e to lembrando a dificuldade que era. A gente morava no cruzeiro novo, então saíamos de lá pra pegar um ônibus. Demorava na parada de ônibus... Demorava pra ir, demorava pra voltar. E íamos a pé da entrada até a piscina. Tudo era mais complicado. Mas a gente ia muito feliz. Eu to te contando e to lembrando dos meus pais.. Ter ido com os meus pais, que eu era a criança, eu era a filha. Depois eu fui com as minhas filhas. Aí eu já tinha o meu carrinho. Ia com elas lá. E depois eu fui como uma garota. Porque eu separei, comecei a namorar. Com o Luciano passei a ter outra vivência, que era uma coisa ótima. As passagens que a gente teve! A gente foi da asa norte pra água mineral de bicicleta várias vezes. Depois eu fui com as meninas adolescentes. Muito e foi maravilhoso por ter conseguido fazer essa condução de contato com a natureza, de maior visão, de maior apego com essa coisa. E depois ainda tive a oportunidade de ir com Luiza! A neta. Nós tivemos esse prazer de entrar na piscina com ela. Traz muita emoção pensar na passagem do tempo nessas etapas.

e

O Luciano foi lá muito menino... com o pai dele, e os pais dele se separaram quando ele tinha 7 anos, então ele também tem um apego familiar com a água mineral, de ter ido com o pai, enquanto ele morava com o pai até os 7 anos, depois em vários momentos o pai o pegava, como pai separado, e o levava lá na mineral. Então a água mineral é importante pra ele.

Nesse sentido, Denise afirma ter apego à Água Mineral, entre outras coisas, por atribuir valor no que ela menciona como “marcas da história dela no tempo em vivências da água mineral”. Conta levar os amigos visitantes de Brasília lhes apresentando o parque como “o que a gente acha de mais maravilhoso na cidade” e até “o lugar mais especial das nossas vidas”. Foi no parque, inclusive, que teve uma de suas grandes realizações de vida, a de aprender a nadar. Conta que sua mãe tinha um trauma muito grande com água por ter presenciado a morte de pessoas por afogamento. Por esse motivo, além de nunca ter aprendido a nadar, não deixava que os filhos, entre eles Denise, aprendessem. Foi na Água Mineral que, depois de mais de um ano de luta contra o medo, aprendeu a nadar com a ajuda do namorado Luciano.

Denise conta que a dificuldade enfrentada foi tanta que, assim que conseguiu nadar “uma piscina sem parar”, foi surpreendida pela manifestação de seu Oscar, um senhor de “uns 90 anos”, que andava devagarzinho e nadava no modelo apelidado por ela e os amigos da época como “slow motion”, por seu Oscar nadar bem calminho, “levando um tempo” entre as braçadas. Seu Oscar disse a ela: “minha filha, eu já não acreditava que vc ia conseguir”, ela conta rindo confirmando como a superação foi reconhecida e comemorada por aquele grupo de convívio da piscina.

Era sofrido pra caramba. Porque foi super difícil aprender. Depois foi super difícil manter aquele ritmo de nadar, de tá lá sempre. Só que era combustível. Eu ia cansada mas saía inteira. Enfrentei o medo e foi ótimo, foi maravilhoso. Então eu tenho uma relação com a mineral que é muito intensa, muita emoção, muita coisa boa.

e

Eu entro ali é como se eu falasse pra mim mesma: vc chegou no topo. Vc está no primeiro lugar de tudo desse planeta. Porque não é uma corrida não, é uma conquista. É algo imenso sabe. Minha mãe teve 8 filhos. Só eu sei nadar. E isso aconteceu ali.

Ainda sobre a relação entre o parque e as suas escolhas, Denise afirma ser uma pessoa muito ligada à natureza e que essa ligação se dá instintivamente, intuitivamente e biologicamente. E conclui: “Nós somos a natureza.” Quando levava as duas filhas ainda pequenas na Mineral pensava em proporcionar a vivência de “estar na natureza”. O parque representa, segundo ela, um espaço que lhe causa bem-estar. E menciona sentir-se com mais saúde e felicidade depois de estar lá. E argumenta:

Uma coisa meio imaginária, assim, que podia parecer que era só da minha cabeça, mas que depois de muitos estudos sobre essas coisas, eu vi que era

muito verdade. E é muito verdade. Essas coisas que eu sempre gostei, de floresta, de mato, de árvores, fazem comprovadamente bem.

Denise afirma que uma das coisas que ela considera mais importante na sua relação com o parque é a convivência com “os mais velhos” proporcionada por aquele espaço. Conta que, no horário que frequentava⁴⁸, o público era (ainda é) prioritariamente composto por idosos e que a convivência era muito boa. Denise diz ter se sentido muito acolhida por aquelas pessoas, e que tal fato se devesse por uma possível associação, construída inconscientemente pelas pessoas mais velhas, de Denise com os filhos dessas pessoas. Para ela, aquelas pessoas compunham uma comunidade. Diz, inclusive, acompanhar algumas famílias em suas vidas pessoais. Algumas experiências externas à Água Mineral foram citadas como frequentar aniversários, ir a sepultamentos, entre outros.

Quando questionada sobre a relação entre sua condição de saúde e bem-estar e as práticas adotadas no contexto do parque, Denise afirmou que a escolha de adotar a mencionada rotina trouxe, nitidamente, saúde tanto física, pelas atividades aeróbicas ali realizadas, como mental, por “ajudar a pensar em coisa boa, em acreditar na vida, em conviver”. Isso porque, segundo ela, o parque reúne alguns elementos que proporcionam saúde e descreve:

Aquele lugar tem muita saúde porque reúne todas essas coisas: o contato intenso com a natureza, os benefícios da água, da água fria, o verde, a qualidade do ar, o sol, o contato com os bichinhos, e as amizades, as pessoas... aquele mundo que é o nosso mundo mas a gente se afastou.

e

A gente tem aquele sol em um cantinho que é um micro mundo. Porque aquelas árvores fechadas fazem um micro mundo que é muito especial que é só ali que vc tem. Aquele redondinho ali, vc fica naquele meio. Tem a água, tem as nascentes que estão ali que, com certeza, estão mandando tudo o que é elétrons e magnetismo pra gente.

Denise, que trabalhou em diversos órgãos públicos como Câmara Legislativa, Ministério da Educação, Ministério da Ciência e Tecnologia e Governo do Distrito Federal, conta que enfrentava algumas dificuldades de ordem prática para assumir a ida matinal à Mineral. Trabalhava o dia todo e estudava à noite. As filhas, já adolescentes na época, ainda a demandavam energia e atenção. Conciliar todos esses papéis sociais e a

⁴⁸ Ela costumava chegar às 6h e sair às 7h30.

opção por uma prática destinada à sua própria saúde exigia uma dinâmica “atlética”, a qual descreve:

Eu ia pra mineral, chegava lá 6h da manhã, ficava lá até umas 7h, 7h30. Saía de lá correndo. Era só o tempo de chegar em casa, deixar as coisas, tomar um banho, pendura toalha, loucura total, se arruma e vai pro trabalho. E eu sempre tive uns kitzinhos de sobrevivência. Saía de casa sem pentear o cabelo, chegava lá penteava. Tá no sinal vermelho, se arruma mais um pouco. Põe uma pulseira. Sempre foi uma loucura, mas eu consegui administrar pra ter esse momento. E valia muito. A recompensa era, durante o dia, em qualquer momento, lembrar que eu tava na água.

e

Então em algum momento do dia que eu estivesse em algum estresse, ou cansada, ou enfrentando qualquer problema, lembrar daquilo me fazia bem. Aquela sensação de que fiz algo por mim. Sempre foi isso. Frequentar aquele lugar era a certeza de que eu fiz algo por mim.

Denise deixou de ir ao parque diariamente no final do ano de 2006, ocasião em que foi morar fora de Brasília. Depois de 4 anos em Roraima, voltaram à capital, mas dessa vez indo morar na Vila Planalto. A distância e a nova dinâmica de vida, que inclui a reforma e a arrumação da nova casa e o cuidado assumido com cachorros abandonados da região, fez com que o casal passasse a frequentar o parque apenas umas 3 vezes por semana.

Atualmente, as idas ao Parque Nacional se limitam a poucas visitas que se dão especialmente nos dias do Café Ecológico (toda última sexta-feira de cada mês), ou no Luágua, caminhadas realizadas nas trilhas de asfalto nas noites de lua cheia, aos quais faz questão de ir em consideração às pessoas que participam. Fala do Café com carinho e reconhecimento do esforço dos idosos envolvidos na época em que começou a frequentar. Hoje é uma das organizadoras e entusiastas do evento:

Quando eu comecei a frequentar lá, os mais velhos é quem comandavam o café da manhã. Aquela coisa do comunitário, sabe? Da generosidade. Que eles faziam assim: eles levavam as coisas. Os mais velhos que coordenavam levavam muita coisa. Eles era farturentos. Quem levava participava, e quem não levava, também podia participar! Eu achava aquilo encantador. Aquele momento tão generoso. Aquelas pessoas mais velhas acolhiam todo mundo com tanta alegria...

e

Aí agora eu tô dando um apoio no café, nesses últimos anos e meio que assim eu acho que eu tenho uma dupla sensação: uma de tá retribuindo o que eu recebi, sabe. E outra de tá fazendo um intervalo de bastonete da competição. Me passaram o bastão e eu tô na expectativa que alguém chegue pra pegar, que

eu não gostaria que isso acabasse... que esse movimento continuasse pela beleza do que é.

Apesar desse afastamento, de não estar frequentando assiduamente o parque no momento atual de vida, Denise permanece vinculada ao parque pela sua participação ativa na AFAM. Da mencionada associação, já foi diretora jurídica, diretora de comunicação e, nesse momento, é “diretora de nem sei o que exatamente”. Dedicou-se intensamente e ainda se dedica, mas agora com menor intensidade, às questões da associação. Participou, entre muitas outras atividades, de mutirões de limpezas, dos estudos sobre a viabilidade de uso pelos ciclistas da trilha Cristal Água⁴⁹, como representante da associação na revisão do Plano de Manejo⁵⁰, assume, na ausência do presidente da Associação (Sr. Moacir) o assento do Conselho Fiscal do parque⁵¹. Atuou de forma intensa nas discussões e atuações práticas relativas à manutenção das áreas de uso comum, inclusive com o uso de recursos financeiros próprios para realização de pequenos ajustes, e na elaboração e implementação de campanhas de conscientização, além de ser (ou tentar ser⁵²) voz ativa no diálogo com a administração do parque sobre demandas de interesse da população.

Tal experiência impõe à Denise uma outra vivência relativa ao parque, sendo esta menos prazerosa do que aquela pertinente às suas práticas pessoais de autocuidado. O desânimo e a descrença a respeito do peso da associação nas decisões sobre o parque, os

⁴⁹ O estudo mencionado foi realizado para que houvesse a liberação da primeira trilha de bicicleta (em chão batido) do Parque Nacional. Iniciado em 2014, o estudo contou com a participação da AFAM na avaliação sobre a viabilidade de realização da trilha por públicos de diferentes idades. O vídeo, produzido e editado com recursos da própria Denise, foi levado à reunião deliberativa sobre o assunto como comprovação da viabilidade e está disponível no *Youtube*. A trilha Cristal Água foi liberada para uso em 2015.

⁵⁰ A última revisão do Plano de Manejo foi feita à distância, durante a pandemia. A associação foi convidada a se manifestar em cumprimento com a previsão de participação da sociedade civil nas discussões. Denise atuou formalmente como representante da AFAM, mas contou também com o auxílio técnico de outro membro da associação, Gustavo Souto Maior, também interlocutor desta pesquisa. Apesar do esforço e dedicação dos membros da associação em elaborar as considerações ao referido plano, Denise conta que nada do que foi incluído como sugestão pela associação foi considerado na revisão e que o Plano de Manejo, desde a sua primeira versão até as revisões subsequentes, não é compatível com a realidade do parque e não representa um documento apto a ser utilizado para a avaliação da situação daquela unidade de conservação.

⁵¹ Sobre a participação da associação no Conselho Fiscal do parque, Denise diz acreditar que a “tal participação popular” é “coisa pra inglês ver”. Apesar disso, afirma que a associação atua com seriedade no Conselho, com a leitura integral de todos os documentos. “Estamos atentos até aos pontos e vírgulas”.

⁵² Denise menciona em sua fala que a relação da AFAM com a direção do Parque Nacional não é sempre fluida e produtiva. Cita algumas dificuldades enfrentadas na comunicação com a antiga gestão, mas se mostra muito otimista com a gestão atual que, segundo ela, já se mostra mais disposta ao diálogo. Apesar da ressalva mencionada, Denise afirmou reconhecer o desafio experimentado por quem tiver como missão a gestão de um parque nacional.

embates em virtude das “bandeiras que levanta⁵³” e “brigas que compra⁵⁴”, e o cansaço por estar “ficando velha” enfraqueceram a disposição de Denise para participar tanto dos processos decisórios da associação como também no usufruto do parque.

Denise falou longamente a respeito das filhas e netos. Contou orgulhosa a trajetória das filhas, suas escolhas profissionais e pessoais, além de como se deu e se dá a relação entre elas. Sobre a maneira como conduz a convivência em virtude da diferença geracional existente, menciona o tempo como um elemento que confere sentido às coisas da vida. Sobre isso, conta, como exemplo, que “levou tempo” para aceitar a escolha de uma das filhas ir morar sozinha do Rio de Janeiro para estudar na Escola Nacional de Circo:

A mia saiu de casa com 18 anos... foi morar no Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro! Foi terrível pra mim. Eu sou taurina, pé fincadinho no chão. Mas eu me esforcei pra pensar no bem dela, por saber que era uma realização pra ela. Com o tempo, o meu lado mãe aprendeu a soltar. Aprendeu na marra, mas aprendeu.

Também citou como exemplo de transformação pelo tempo a perspectiva das filhas a respeito da Água Mineral. O que na época de adolescência era uma “batalha⁵⁵”, hoje é motivo de agradecimento por parte das filhas pelo incentivo e pela formação de uma consciência ecológica dada na época em que resistiam bravamente em sair de casa para ir ao parque.

Em uma perspectiva pessoal, Denise afirma ver com bons olhos o passar do tempo em razão das “vivências que se vai adquirindo”. Além disso, disse que, com o tempo, foi criando espaço em sua vida para cuidar de si. Em diferentes períodos da vida, já se

⁵³ Denise dedicou parte da conversa para falar de algumas das “bandeiras”, a saber: i) a implementação da campanha “leve o seu lixo para casa” aos visitantes do parque; ii) a proibição do cigarro nas dependências do parque; iii) o diálogo com a universidade na construção de uma solução para a convivência com os macacos pregos; iv) a abertura das duas piscinas concomitantemente nos finais de semana; v) a abertura do parque às 6h para o público em geral.

⁵⁴ Segundo Denise, houve uma ameaça de morte direcionada a ela, feita por um salva-vidas, em razão de uma carta escrita à direção do parque quando do falecimento de um idoso, frequentador assíduo do parque, na piscina velha. Seu Lourival, que nadava no parque há mais de 40 anos, faleceu em 2017 dentro da piscina. Na ocasião, Denise encaminhou uma carta, como cidadã, comunicando o ocorrido e argumentando sobre a necessidade de revisão das condutas dos salva-vidas, tanto em relação ao revezamento dos funcionários, quanto ao uso do celular durante o serviço.

⁵⁵ Denise conta que, por diversas vezes, “obrigou” as filhas a irem ao parque. Que iam enroladas nas cobertas, de mau humor, mas que “tinham que ir”. Afirma que, apesar da ideia de obrigar soar autoritária, pensa ter feito o seu melhor enquanto mãe e que suas filhas, atualmente experimentam uma forte ligação com a natureza.

dedicou às filhas, à mãe⁵⁶, à neta e agora, passados todos esses anos, considera que é o momento da vida em que cuida de si. E compara os momentos de antes, quando trabalhava e cuidava das outras pessoas, e de agora, sem uma atividade profissional formal e focando a sua energia aos seus próprios interesses:

Eu já trabalhei muitos anos com muito estresse, sem ter hora pra sair. Eu trabalhei no ministério, no gabinete do ministro. Tinha uma gratificação boa, tinha garagem, tinha umas vantagenzinhas assim que, na época, a gente achava o máximo. Depois eu comecei a pensar: meu deus do céu, to acabando com a minha vida. Não consigo escovar o dente depois do almoço. Não consigo ir pra casa. Não consigo viver. Por causa disso. Resolvi um bocado de coisas porque o dinheiro resolvia um bocado de coisa. Mas a vida era tão sofrida...

e

Porque eu trabalhei muitos anos. Cumprir horário. Corre daqui, corre dali. Na hora do almoço. Não pode sair do trabalho. Aí não pode almoçar com a família. Ai ligava: ô tem tal comida na geladeira esquentada não sei que lá. Faz isso, faz aquilo. Administrando tudo mas sem poder estar presente.

e

(Agora) tem disso uma fase muito boa pra mim. Poder acordar sem muita obrigação... Tem um monte de coisas pra fazer, mas é sem essa coisa de cumprir horário. Eu tô sempre disponível pro que eu estou realmente com vontade de fazer. Poder viajar quando pode ou quando precisa, por exemplo. Isso é ótimo!

Gustavo Souto

Com Gustavo, tanto a abordagem sobre a pesquisa, o convite a participar, como também as respostas aos questionamentos se deram todos via *WhatsApp*. Isso se deu em virtude do momento adiantado da pesquisa e escrita do texto, o que fez com que fossem dadas opções de formato para conversa, a saber, i) presencialmente no parque ou em qualquer outro lugar de escolha, ii) por escrito ou iii) por mensagens de áudio. O interlocutor, muito solícito, colocou-se à disposição para participar da maneira mais conveniente à pesquisadora. Optou-se, por fim, para não incluir outro compromisso em meio as atividades pessoais e cuidados com as filhas e casa, por responder às questões, uma a uma separadamente, por mensagens de áudio.

Importante mencionar que, apesar da distância conferida pelo formato em que se deu a conversa, verificou-se uma dedicação e um aprofundamento nas elaborações feitas como respostas e, conseqüentemente, uma grande contribuição às reflexões de pesquisa.

⁵⁶ Denise dedicou-se aos cuidados com a mãe por dois anos até o seu falecimento em 2015.

Pediu desculpas por “falar muito” e disse ser em virtude do viés de professor adquirido nos muitos anos como professor da Universidade de Brasília.

Outro detalhe importante de mencionar é o fato de que, apesar de terem sido frequentadores assíduos concomitantemente em alguns períodos, Gustavo e a pesquisadora não se conhecem. Podem ter convivido nas áreas das piscinas, mas não figuram entre os atores de maior interação em suas memórias. Além disso, há alguns anos, desde a pandemia principalmente, Gustavo já não frequenta assiduamente o parque. Dessa forma, não se fazia presente quando da escolha pelo recorte de pesquisa. Chegou-se até ele por indicação de Denise, que o mencionou como alguém envolvido com o parque, inclusive com a participação na AFAM, acessível e que reunia as características desejáveis para interlocução.

Gustavo Souto Maior Salgado é um carioca que veio morar em Brasília em 1979. Depois de formar em Engenharia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e pelo fato dos pais já morarem aqui, “acabou ficando” e constituindo família. Os quatro filhos (um rapaz de 43 anos⁵⁷ e três meninas, sendo uma de 17 e as gêmeas de 15 anos) nasceram em Brasília. E foi nessa cidade, também, que “enveredou” para a área de meio ambiente, inicialmente fazendo uma especialização, seguindo com um mestrado no departamento de Economia⁵⁸ e atuando, por praticamente toda a vida profissional e acadêmica, nesse campo. Sua trajetória laboral passa desde vários setores da Secretaria de Meio Ambiente, como pelo Instituto Brasília Ambiental⁵⁹, no Serviço de Limpeza Urbana - SLU⁶⁰, como professor da Universidade de Brasília⁶¹, no setor privado, até chegar à Câmara Legislativa como consultor legislativo na área de meio ambiente e desenvolvimento urbano, cargo no qual se aposentou depois de atuar por mais de 20 anos.

Seu tempo hoje é destinado especialmente às atividades relativas às filhas e à casa (“eu sou pai e mãe e sou dona e sou dono de casa”), mas também ao ciclismo (com o qual se envolveu nos últimos anos a ponto de participar de competições e a percorrer uma média de 10.000 km por ano), à leitura (tanto técnica quanto literatura), à apreciação das artes com as quais tem uma forte ligação (especialmente o cinema e a música), além de

⁵⁷ Gustavo mencionou também ter 3 netos (um natural e dois postíços, que ele considera como netos).

⁵⁸ O curso de mestrado foi feito na área de Economia do Meio Ambiente, e a dissertação teve como tema o Parque Nacional de Brasília e sua importância do ponto de vista econômico para o Distrito Federal.

⁵⁹ Órgão de meio ambiente do Distrito Federal. Gustavo, além de ter ajudado a cria-lo, foi o seu primeiro presidente.

⁶⁰ Gustavo foi vice-presidente do SLU por 2 anos.

⁶¹ Atuou como professor durante mais de 10 anos na área de Gestão Ambiental.

estar sempre disponível aos alunos que o procuram para auxílio em trabalhos sobre meio ambiente.

A relação com a Água Mineral começou logo assim que chegou à Brasília, momento em que sentia muita falta da praia. O elemento água encontrado nas grandes piscinas e o aspecto paisagístico atraíram a presença de Gustavo, que passou a estabelecer um forte vínculo, não apenas como frequentador, mas também tendo o lugar como foco de pesquisa, estudo e atuação enquanto partícipe do processo de reconhecimento e manutenção do uso público do parque⁶². Nos anos em que ia assiduamente ao parque, fazia parte do segmento que ele chamou de “teste de cooper”, que seriam as pessoas que chegam às 6h e saem por volta das 8h. Esse horário se fazia interessante pelas atividades que assumia no dia e pela preferência pela piscina vazia (para poder realizar os treinos de natação) e pela sensação do ar mais puro. Ia, ainda, eventualmente, nos intervalos de almoço da jornada de trabalho. Além da natação, praticava caminhada, corrida, além de estabelecer relações de convívio os outros frequentadores do grupo.

A respeito da dinâmica com o tempo, Gustavo diz ter um perfil de quem “não fica muito parado”. Sempre se envolveu com diversas atividades simultaneamente, tanto profissionais, acadêmicas, enquanto cidadão⁶³, além das relativas à sua vida pessoal. Mesmo com a aposentadoria, afirma estar sempre envolvido com inúmeros afazeres e projetos e considera que se trata de uma característica que lhe é particular, não associando a agitação à uma dinâmica social específica. Apesar disso, Gustavo afirma gostar de quieto, de fazer suas leituras, ouvir música, entre outras coisas que remetam a um maior vagar.

Diz ter sempre a impressão de que falta tempo para fazer tudo o que quer. “O dia às vezes é curto”. Apesar disso, diz “procurar estender o dia”, “aproveitar ao máximo”. Sempre teve o hábito de acordar cedo e sobre isso, conta:

Mesmo não havendo necessidade para isso, eu gosto de acordar cedo. Vou me dedicando às coisas que eu tenho que fazer, dividindo o tempo meu tempo da melhor forma possível para eu poder aproveitar.

⁶² Gustavo ajudou a criar e presidiu por diversas vezes a AFAM, intermediando a relação entre a administração, atualmente a cargo do ICMBio, e os visitantes do parque, além de ter integrado o Conselho Consultivo do PNB.

⁶³ Gustavo menciona a “militância” pela causa do meio ambiente. Além das atividades pertinentes à AFAM, atuou de forma intensa para a criação de outros parques na cidade, como o Parque da Asa Sul. Além das causas ambientais, já participou da Associação dos Amigos do Cine Brasília, em razão de seu forte envolvimento com as artes audiovisuais.

Cita o escritor José Saramago⁶⁴ quando este tratou sobre a ideia que lhe afligia ao findar dos dias. Haveria, por parte do escritor, a diária constatação de que lhe restava, naquele momento, menos um dia de vida e, portanto, mais próximo da morte estaria. Gustavo afirma compartilhar de alguma maneira dessa ansiedade.

Eu acho que depois que a gente faz 50 anos a vida passa muito rápido. Muito rápido, é incrível. Depois de 50 anos parece que a vida passa mais rápido. As coisas se aceleram e surge essa ansiedade de aproveitar mais o tempo que está se escasseando.

Apesar da ansiedade mencionada em relação à finitude, Gustavo afirma que a experiência advinda com o tempo confere tranquilidade, paciência e sabedoria, de forma geral. “Estou mais tranquilo, mais em paz com a vida, mais em paz comigo mesmo”.

Quanto às novas gerações e a forma como lidam com o tempo, Gustavo elabora a partir da vivência com as três filhas adolescentes. Em sua fala, distingue “o tempo das obrigações”, no qual é preciso fazer aquilo que não se tem como fugir (a escola e afins, no caso), do tempo livre (no qual não constam coisas obrigatórias a fazer). Em sua perspectiva, perde-se muito tempo com eletrônicos (com celular, especialmente). Esse não seria um problema exclusivo das novas gerações, mas elas seriam mais afetadas por estarem imersas nessa realidade. Para ele, muito pouco do que se acessa nos aplicativos e redes sociais é proveitoso e o tempo gasto nesses dispositivos é imenso.

Além disso, fala do excesso de informações às quais se está exposto a todo momento. Descreve como angustiante o “bombardeio” de informações de toda ordem, das quais muito não se consegue processar mental e emocionalmente, e sobre as quais não se tem um alto grau de confiança. Para ele, tal aspecto social é motivador de problemas como ansiedade, depressão e outros transtornos vivenciados atualmente. Considera que é preciso “saber filtrar” o que se acessa e evitar a dependência dos dispositivos eletrônicos, que motivam uma enorme perda de tempo na vida das pessoas, sejam elas mais novas ou mais velhas.

Quando questionado sobre o que entende por “ter saúde”, afirmou considerar tratar-se de algo complexo. Em primeiro lugar, mencionou o “evitar ter doenças”. Além disso, discorreu sobre ter disposição e energia para realizar as atividades do dia a dia ou outras que porventura surjam e exijam algum esforço físico ou mental. Sobre a própria

⁶⁴ A fala citada foi vista em um documentário sobre o José Saramago e sua esposa, Pilar.

saúde, afirma estar ótimo tanto física quanto mentalmente. Cita o fato de não aparentar ter a idade que tem (69 anos) e ter muita energia. Como forma de comprovar a energia, mencionou a performance no ciclismo, em que se dedica regularmente e se envolve com eventos e competições nos quais percorre longas distâncias. Em razão da alta demanda física e mental promovida pelo esporte e, também, por recomendação médica, faz musculação (em razão da perda da massa magra que ocorre com a idade) e tem o acompanhamento de nutricionista.

Atribui a própria saúde aos fatores genéticos (os pais sempre tiveram boa saúde e morreram já “bem idosos”) e às práticas que costumou adotar no decorrer da vida, como o movimento proporcionado pela prática de exercícios, a boa alimentação e o dedicar-se ao que gosta. Sobre este último elemento, Gustavo afirma ter como característica própria o aprofundamento nas coisas sobre as quais se interessa. A depender da época da vida, isso já aconteceu com fotografia, cinema, música. Na atualidade, por exemplo, o ciclismo não é apenas a sua escolha atual de prática esportiva, mas também foco de interesse e estudo.

Eu não só pedalo, eu gosto de acompanhar corridas, eu gosto de ler a respeito, de blog especializado, sites especializados, livros, de ver filmes. Quando eu gosto de uma coisa assim, eu mergulho naquilo.

O cultivo de amizades é outro elemento citado por Gustavo ao tratar sobre os aspectos que considera relevante para a própria saúde. Apesar de se considerar uma pessoa “muito individual”, procura ter relações, encontrar amigos e manter um bom convívio social.

Albino Gomes

O contato com Albino se deu inicialmente de forma presencial, em um dos encontros nos percursos compartilhados de caminhada. Como ele estava acompanhando a “Diretoria”, participou das explicações sobre a pesquisa e forneceu, a pedido da pesquisadora, o telefone para combinados sobre dia e horário das conversas. Contudo, a pesquisadora considerava que Albino não poderia compor o recorte da pesquisa por não

se enquadrar na faixa etária de idoso. Mas não. Albino, apesar de aparentar ser bem mais novo, tem 62 anos.

Depois de algumas tentativas de agendamento de um encontro na Água Mineral feitos pelo *WhatsApp*, Albino lançou com objetividade a solução da questão: responderia às questões por escrito. E assim foi feito. Ali, também por aquela ferramenta de comunicação, Albino envia à pesquisadora, com frequência, comunicados sobre as atividades na Água Mineral, como o Café Ecológico, a caminhada da Lua (que acontece às luas cheias no período da noite).

Albino Gomes Xavier é engenheiro civil, nascido em Criado na cidade. Filho de professora mineira e comerciante gaúcho, pioneiros⁶⁵, já morou em alguns lugares da cidade, como Asa Sul, Taguatinga e Guará. Atualmente mora no Núcleo Bandeirante, a uma distância de 17km do parque, os quais leva uns 20 minutos para percorrer e realizar a sua rotina matinal.

Frequenta a Água Mineral desde criança, na companhia de seus pais. O que naquela época era um evento esporádico e eventual, se tornou uma prática diária a partir de 1988. Na ocasião, com a intenção de conciliar trabalho e qualidade de vida, pediu demissão da empresa estatal para a qual trabalhava e montou a própria empresa. Foi nesse momento de vida, aos 27 anos, que se comprometeu, junto com uma amiga que morava na mesma rua, a ir todos os dias à Água Mineral.

Todos os dias Albino chega no parque às 5h40 e vai embora às 9h. A depender das atividades do dia em sua empresa, o horário da saída pode ser antecipado mas, em geral, as práticas ali desenvolvidas têm prioridade nesse período inicial da manhã. Além das atividades físicas como caminhadas nas trilhas e natação, presta apoio às ações da AFAM – Associação dos Amigos da Água Mineral, da qual faz parte.

Atribui grande importância às relações pessoais estabelecidas no parque, considerando, tanto os que ali frequentam diariamente como os funcionários e a direção do parque, como uma segunda família. Amizades de 10, 20 e até mais de 30 anos são vivenciadas naquele ambiente.

Albino considera sua saúde como muito boa. Parte da concepção de saúde, na idade dele, como poder continuar trabalhando com entusiasmo e mantendo uma rotina regular

⁶⁵ Assim são chamadas as pessoas que vieram no início da construção de Brasília.

de atividade física. Atribui o contato com a natureza e a atividade física regular, os quais associa ao parque, como um dos elementos responsáveis pela própria saúde, além da alimentação balanceada.

A Água Mineral, segundo ele, está diretamente associada à sua saúde por proporcionar-lhe um enorme bem-estar. Ali estariam reunidas todas as coisas que Albino diz buscar para viver bem e descreve: “natureza, atividade física e bons amigos”. Além de lhe alcançar no encantamento, com a exuberância, as matas preservadas, as piscinas cristalinas e animais silvestres.

Como empresário do ramo da construção civil e locação de imóveis ainda em atividade, considera que a pressa é uma característica do tempo vivenciado por ele, não apenas nessa fase da vida como na maioria das outras. Afirma que atualmente consegue conciliar muito bem o seu tempo, levando em conta aspectos pessoais, familiares, destinado aos amigos e à empresa. Mas no período em os filhos eram pequenos (Albino tem dois filhos, sendo que apenas a filha mora atualmente com ele), o tempo era ainda dividido com estudos e trabalho. Constata: “O tempo era curto”.

Ao falar da experiência de “falta de tempo”, Albino declarou que esse fator o fez muitas vezes, por exemplo, deixar de ir ao parque, o que seria abdicar de uma escolha pessoal relevante. Por isso, reconhece o estabelecimento de rotinas que incluam os afazeres de casa e a organização no trabalho como forma ideal de gestão de tempo na vida de uma pessoa. Mas, ao ser questionado a respeito dos possíveis fatores que levariam a sociedade em geral não adotar práticas como essa em seu dia a dia, não citou a falta de tempo como fator digno de nota. Considera, sim, a comodidade e dificuldades financeiras como os principais motivos dessa tendência social sedentária.

Em relação à passagem do tempo na vida de uma pessoa, considera benéfico o ganho de experiência de vida. Apesar de valorar a experiência, considera que o passar do tempo traz malefícios de ordem física, como a perda de força, aos quais aquele que se beneficia com a experiência precisará lidar.

Albino vê com bons olhos a forma com as novas gerações lidam com o tempo. Segundo ele, a utilização correta das novas tecnologias traz consigo uma maior agilidade ao dia a dia, e que isso pode ser destacado como benesses desse tempo atual.

Gustavo Adolfo

Gustavo é um dos frequentadores com quem a pesquisadora tem compartilhado os últimos anos de parque. Os primeiros encontros entre eles aconteceram no contexto da pandemia, ocasião em que experiência era limitada ao percurso de asfalto e a trilha Cristal Água, com impedimento de acesso às piscinas. Em virtude da conjuntura vivenciada, poucas pessoas mantiveram a constância na visita ao parque, sendo que Gustavo e a pesquisadora podem ser citados como os poucos frequentadores que mantiveram a ida ao parque como rotina. Por temor ao vírus, os diálogos entre as pessoas eram curtos, com alguma distância física, mas carregados de uma alegria e emoção únicos quando se considera a redução dos contatos sociais daquele momento.

Gustavo, com um andar elegante, geralmente de bigode e chapéu, foi o autor da célebre frase adotada pela pesquisadora e seu companheiro como um dos lemas que acessavam ao escolher como “seguros” os lugares que estariam durante a pandemia. Ao ser perguntado como estava, naqueles cumprimentos em que são trocados bom dia e como vais, Gustavo responde de forma sábia: “Melhor aqui do que alhures”. Dali em diante, aquele colega das manhãs frias passou a ser visto, pelo casal, como alguém que compartilhava com eles a percepção do que seria a experiência de estar ali, exatamente naquele lugar.

Já retomado o convívio social pós período pandêmico, os encontros diários com Gustavo se mantiveram especialmente no percurso das trilhas, ou até mesmo, como acontece com frequência, não nas dependências do Parque Nacional, mas no Parque Olhos D'água. Em grande parte das situações, Gustavo está acompanhado de algum amigo ou de um grupo deles, e é possível perceber nele sempre uma postura comunicativa e bem-humorada. Da perspectiva da pesquisadora, é sempre uma boa experiência encontra-lo e, automaticamente lembrar da máxima de que é sempre “melhor aqui do que alhures”. A lição é uma diferente versão daquela dada pelo amado Gilberto Gil de que “o melhor lugar do mundo é aqui e agora”.

O convite para a conversa com foco na pesquisa acadêmica se deu em um dos encontros nas trilhas da Água Mineral. Como feito com os demais interlocutores, explicou-se o tema do trabalho em linhas gerais e questionou-se sobre a disponibilidade para falar sobre a sua experiência. Gustavo mostrou-se gentilmente disponível e

interessado desde o primeiro momento, e informou o número de telefone para que fossem combinados dia e horário.

As primeiras mensagens enviadas pelo *whatsapp* não foram lidas. Apesar disso, nos encontros subsequentes à menção da pesquisa foram regados de “cadê, vamos combinar a nossa conversa” e se confirmavam a intenção e a disponibilidade. Alguns meses após o primeiro contato, tentou-se novamente e, dessa vez, Gustavo respondeu, com a mesma simpatia e cordialidade apresentados nos encontros em meio à natureza:

Boa tarde, amiga!

Sim, estou a disposição para responder suas perguntas.

Há tempo que não a vejo na Mineral, nem no Olhos d'Água!

Está fugindo do frio?

Na sexta-feira, antes do Café Ecológico, fez 3º!

Bj querida

Após responder com justificativas pela ausência e comentários sobre o frio, foram dadas como opções, além de uma conversa presencial, a resposta por escrito ou por áudio. A resposta já foi dada no dia seguinte, com as questões respondidas por escrito na ordem apresentada no arquivo enviado com o roteiro da conversa. Ao final, Gustavo colocou-se novamente à disposição para complementar as informações dadas, caso fosse necessário.

Gustavo apresentou-se como administrador, pós-graduado na França, atualmente aposentado. Mora na asa norte e, por isso, leva apenas 15 minutos para chegar até a Água Mineral. Frequenta o parque desde 1968 e atribui esse compromisso ao fato daquele lugar lhe permitir um enorme encantamento pela natureza que mantém e por permitir-lhe a prática de sua atividade esportiva preferida, a natação.

A não ser em situações em que algum motivo maior impeça, sua frequência se dá diariamente, chegando por volta das 8h e saindo por volta das 10h. Entre as práticas que adota naquele ambiente, Gustavo cita, além das caminhadas e da natação, a boa conversa com amigos. Segundo ele, muitas das pessoas que ali frequentam tornaram-se, pouco a pouco, seus amigos. Diz que algumas das amizades estabelecidas ali já contam com 20 anos e que as relações estabelecidas e os assuntos compartilhados dependem da formação de cada amigo.

Fora do contexto do parque, Gustavo afirma dedicar-se, atualmente, à sua organização econômica e social. Menciona encontros de famílias e amigos, além das leituras e viagens como atividades corriqueiras de sua vida atual. A vida hoje é tranquila e “sem pressa”. Distingue esse formato daquele vivenciado no tempo em que trabalhava, quando, para conseguir cumprir todos os compromissos, assumia um ritmo mais acelerado, onde a pressa se fazia presente. A “falta de tempo” foi responsável, inclusive, pelas situações em que deixou de ir ao parque.

Na concepção de Gustavo, ter saúde é ter uma vida organizada e tranquila e cita a boa alimentação como fator importante na busca dessa saúde. Afirma sempre cuidar de sua saúde pelo desejo de envelhecer bem. Considera que a adoção de exercícios físicos e o cultivo das boas relações são os responsáveis pela sua saúde e que o parque é o ambiente propício para a manutenção dos dois aspectos em sua vida. A Água Mineral, para ele, é o lugar onde ele tem o seu precioso convívio com amigos e com a natureza.

Gustavo considera que, para adotar práticas como a que assume no parque é preciso primeiramente ter alcançado o conhecimento e a consciência necessários para valorizá-las. A segunda condição mencionada por ele foi justamente a disponibilidade de tempo para dedicar àquilo que deveria ser visto como prioritário. No seu caso, Gustavo afirma administrar o seu tempo de forma a caber tal rotina e que cada pessoa faz a gestão ideal do seu tempo conforme os valores que tem. No caso dele, os valores tendem àqueles que, em suas palavras, humanizam a vida.

Ao refletir sobre como as novas gerações lidam com o tempo, Gustavo diz se preocupar com aquilo que constata como sendo “uma primazia do individualismo”. Além disso, considera abusiva a forma como a relação com as tecnologias tem se dado, destacando as situações de dependência motivadas especialmente nas gerações mais novas.

Reinaldo Visintin

A entrevista com o Reinaldo, foi uma das mais sensíveis para a pesquisadora. E, por isso, aqui também se assume entrarmos em perspectivas menos neutras e objetivas, e totalmente envoltas em emotividades e subjetividades de pessoas que se gostam no tempo. Reinaldo faz parte dos encontros que a pesquisadora gosta de ter naquele contexto.

Os filhos da pesquisadora lembram de poucos nomes entre os “amigos da mamãe da Mineral”. Reinaldo é um que todos eles sabem quem é.

É frequentador de longa data. Professor de história admirado e querido na cidade. São muitos e de diferentes gerações os que foram seus alunos de tantas histórias, nas salas de aula do ensino fundamental, médio e universitário, de instituições públicas e privadas da cidade. Alto, grande, cabelos longos meio-loiros-meio-grisalhos. De colocações pertinentes, inteligentes, sarcásticas. Nos dias que ele está “pra papo”, que não são todos, tem sorriso aberto, conversa gostosa. No dia em que não está, a melhor constatação de que o mundo faz doer e de que se busca um pouco de alento naquele lugar. Faz longas caminhadas antes de entrar na piscina. Tem um andar que a pesquisadora reconhece a metros de distância.

As respostas às questões apresentadas para efeito de pesquisa foram dadas por escrito, por e-mail. Nelas, se apresentou com o nome completo, Reinaldo Visintin Junior. Professor aposentado, diz ser hoje um “frequentador da mineral” e um “escritor desconhecido”. A relação com o parque começou nos anos 80, quando gostava de levar os três filhos pequenos para curtir as piscinas. Já a rotina nas primeiras horas da manhã passou a se dar na década de 90, ocasião em que ia antes da jornada de trabalho nas salas de aula.

Atualmente, se faz presente de três a quatro vezes por semana, costumando chegar por volta das 7h30 e sair por volta das 9h. Mora no bairro Sudoeste e leva em torno de 20 minutos para chegar de sua casa ao parque. Assim como tudo em sua vida, diz que a ida ao parque é sempre programada, com definições de horários. Hoje, como aposentado, afirma ter uma maior disponibilidade de tempo e que este seria “adaptável às circunstâncias”.

“Como professor minha vida profissional foi condicionada pelo tempo da hora-aula, ou seja, os 50 minutos. O tempo hoje é só o que vejo no espelho do banheiro e no relógio do celular”.

No parque, já praticou, em outros tempos, a corrida. Hoje, além da natação, caminha nos trechos que considera mais respeitoso àqueles que são os “verdadeiros

habitantes do parque”, os animais, dos quais destaca já ter experimentado a experiência de trocar presenças com cobras, macacos, antas. A relação com os animais e com o ambiente ao redor se fez mais presente na narrativa a respeito do lugar do que aquela estabelecida com os demais frequentadores, com os quais convive cordialmente sem grandes aprofundamentos e aproximações.

O meio ambiente com o qual se tem contato no parque, segundo Reinaldo, adorna o dia. Um lugar em que ele admira tudo (menos a administração). O parque é, para ele, um elemento fundamental para a sua saúde. Quando questionado a respeito do que viria a ser o “ter saúde”, respondeu considerar se tratar de um conceito cultural e que se modifica ao sabor dos interesses da sociedade. A dele, segundo ele, está razoável. Naquilo que não anda muito bem, ele atribui de forma bem-humorada à sua “vida pregressa”. Já a sociedade, em sua visão, está doente.

Para Reinaldo, os motivos pelos quais as pessoas não adotam práticas como essa no seu dia a dia talvez girem em torno da disponibilidade de tempo, de recursos e até de apatia, mas não considera ter uma reflexão aprofundada sobre isso. Não considera ser possível formular a respeito de uma forma ideal de gestão de tempo na vida das pessoas, por tratar-se de contextos e individualidades que implicam em uma necessária relativização na análise. E é também com essa noção que Reinaldo diz não ser possível elaborar, sem que haja um maior aprofundamento e aproximação com as perspectivas das novas gerações, sobre as novas formas de ligar com o tempo. E conclui, seca e sabiamente:

“É preciso se colocar no lugar do outro. E eu só consigo fazer inferências sobre mim, e olhe lá”.

Carlos Augusto

Carlos é outro dos frequentadores assíduos da piscina do parque. Nas primeiras horas da manhã é possível vê-lo nadando ou conversando às margens da piscina. A abordagem inicial se deu no parque, nas proximidades da piscina. A conversa que se teve ali, ao se explicar o tema da pesquisa, gerou uma longa conversa sobre o tempo e sobre o passar dele que se lamenta por não ter sido gravada. Carlos é um homem comunicativo, interessado por estudos, línguas, artes. Se dispõe às mais variadas conversas e nessa, em

específico, não hesitou em participar de forma disponível ao aprofundamento das questões.

Pai de três filhos, avô de uma neta, casado há mais de 3 décadas com a bonita esposa Marcia. Atualmente é aposentado do Banco Central, onde trabalhou grande parte de sua vida laboral que se iniciou aos 18 anos. Entrou ainda mais cedo, aos 17, na universidade. cursou dois anos de Economia na UnB, a qual abandonou após 2 anos de estudo, quando decidiu ir para o Rio de Janeiro estudar Cinema. Afirma que os cálculos econômicos “não lhe diziam muito” e que a arte é uma forma de enxergar o mundo muito mais premente nele. Apesar disso, a trajetória profissional dele o levou a trabalhar “a vida inteira” em bancos⁶⁶, situação que o fazia lidar com a economia, majoritariamente. Tal fato fazia com que procurasse em outras atividades a satisfação dos desejos pessoais que, segundo ele, são fundamentais. Nesses últimos estavam incluídos entre outros: aulas de inglês, alemão, francês, karatê, além das “festas” e “saídas” típicas da idade.

Aos 21 anos eu já estava no Banco Central. Mas aquilo não me satisfazia. A família às vezes até perguntava: com um emprego desses, o que tu queres mais? E eu borbulhando de sonhos, querendo fazer outras coisas.

Nesse sentido, Carlos aponta a “juventude” como a fase da vida em que lidou com o tempo de forma mais “frenética”, para “dar conta de tudo”. Diz que a relação com o tempo mudou completamente com a chegada dos filhos, quando ele tinha 33, 35 e 37 anos, momento em que “teve que colocar o pé no chão e não sonhar tanto”. Reflete sobre como a nossa sociedade “organiza o tempo em torno do trabalho”, em função do “fazer”. E constata que não há espaço para o vazio. “Não temos o tempo do nada. Sempre temos que preenchê-lo com alguma coisa”. Agora, depois de aposentado, Carlos diz ter “um tempo imenso”, mas que não é suficiente, uma vez que os desejos se multiplicaram.

Sobre a atualidade, Carlos a vê como um tempo cheio de oportunidades e cheio de neuroses também. Afirma que as novas tecnologias permitem que se trabalhe de qualquer lugar. Nessa linha, é possível que as pessoas tenham um maior domínio sobre os seus tempos individuais. Mas, segundo ele, a forma de exigência sobre o tempo, apesar de ter mudado a roupagem, continua a mesma. Os limites entre o tempo de trabalho e o tempo de vida pessoal foram transpostos, sobrepostos, e às vezes, segundo ele, que

⁶⁶ Começou trabalhando no BRB, depois no Banco do Brasil e, posteriormente, no Banco Central, órgão no qual se aposentou.

presencia seus filhos trabalharem com essas novas configurações, se trabalha até mais do que quando a dedicação se limitava ao tempo presente em um lugar de trabalho.

Fala de forma preocupada a respeito das novas gerações, que trabalham com “45 celulares e computadores na frente para não perder nenhuma das coisinhas que acham absolutamente necessárias”. Afirma que os mais novos consideram ter todas as ferramentas pelo acesso irrestrito à informação, mas se esquecem que algumas dessas ferramentas são dadas com a experiência. Além disso, o conteúdo, aquilo que se acessa e se elabora de forma a preencher o nosso pensamento, tem se afastado da realidade orgânica, aquela da qual os indígenas e as crianças estariam mais próximas, e passa a ser criado a partir das chamadas inteligências artificiais. Que essa mudança afeta o tempo da reflexão, o tempo da elaboração das coisas. Não se permite o tempo vazio que, segundo ele, é fundamental.

Quando se fala na gestão do tempo na vida das pessoas, diz considerar que a maneira como as pessoas distribuem e priorizam suas atividades é uma construção social. E que essa construção está historicamente associada às ordens produtivas e laborais. O tempo se modula a partir do tempo de trabalho. Até as horas de sono se modificaram com o tempo em relação às diferenciações ocorridas historicamente a respeito das jornadas de trabalho, segundo ele. Carlos chama a atenção, ainda, para o aspecto identitário que a vinculação ao trabalho gera e as consequências disso na aposentadoria. Segundo ele, as pessoas constroem sua identidade a partir daquilo que é socialmente reconhecido como atividade laboral e exemplifica na fala de um conhecido: “Eu sou gerente”. Na aposentadoria, com o afastamento da atividade laboral, muitos adoecem mental e psiquicamente pela perda de identidade.

Carlos ressalta também a questão da diferença de oportunidades. Afirma que toda e qualquer questão, inclusive quando se pensa a relação com o tempo, deve ser enxergada sobre a ótica da diversidade de contextos e situações que são possíveis, especialmente em um país como o Brasil. Ter consciência e gestão sobre o seu próprio tempo é, também, segundo ele, uma questão de oportunidade, que nem todos têm em virtude do contexto das diversas camadas de desigualdade.

Assim como o presente trabalho não consegue trazer a totalidade dos temas tratados com o Carlos, assim ocorreu com os demais entrevistados e com aqueles que,

mesmo não havendo um encontro formal para tratamento das questões de pesquisa, contribuíram para as reflexões aqui trazidas. É inequívoca a presença de Dondiville, de Paulo, de Arnaldo, de Moacir, de Aurora, de Lurdinha, de Eliana, de dona Cassiana, de Laurez, dos avós do Raul e de tantos outros que ali se fazem presentes atualmente ou se fizeram em outros tempos.

Sobre inspirações que não se fizeram presentes entre as entrevistas aqui trazidas, dá-se destaque em forma de homenagem a Danilo Dantas de Lima. Foram muitas as conversas e trocas naquele ambiente. Da trajetória dele, a pesquisadora presenciou a parte em que ele era forte, bonito, cheio de vida e energia para cumprir a trilha ao raiar do sol. Era orgulhoso dos filhos, de ser paraibano, da conquista de ter parado de fumar os 4 maços que fumava quando novo e de ter virado um campeão máster de natação. Alto, esguio, andava frequentemente com um cajado. Era sempre uma alegria encontrá-lo. Ele soube da pesquisa desde o início e prometia a cada encontro combinar um momento para conversar sobre as questões elaboradas. Até que ele adoeceu. A partir daí os poucos contatos passaram a acontecer por *WhatsApp* e as notícias vinham dos amigos que o visitavam no hospital. Nas últimas mensagens enviadas por ele à pesquisadora-amiga, apesar de informar ainda estar internado, dizia estar “bem melhor”... e, com sua gentileza de costume, omitia a dolorosa verdade sobre o avanço da doença. Em abril desse ano de 2024 Danilo partiu, ensinando ainda mais sobre o tempo e sobre a qualidade daquilo que se define por vida. Aqui, portanto, fica o registro da amizade e da saudade deixada.

Capítulo IV

A ação do tempo

“Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
...tempo...
És um dos deuses mais lindos”
(Caetano Veloso)

Uma vez imersos no contexto apresentado é possível estabelecer alguns diálogos com temas da Antropologia. O passar do tempo nas pessoas, para as pessoas, entre as pessoas é um acontecimento humano e, portanto, foco do nosso interesse. O envelhecer é experimentado a partir de fenômenos biológicos que podem ser vistos como espontâneos, inexoráveis, irrevogáveis. Toda a constituição humana sofre transformações com o passar do tempo e isso é percebido tanto individualmente quanto socialmente. Não se envelhece sozinho. Ou, em outra perspectiva, quando discutida a solidão e o abandono, possa se afirmar justo o oposto: se envelhece sozinho. Mas para efeitos do que se pretende discutir, as mudanças advindas com o passar do tempo são percebidas e acionadas por toda a rede relacional de um indivíduo, modulando, constringendo, definindo-o enquanto partícipe da ordem social vigente. E todos esses aspectos, juntos, têm repercussão nos processos interiores, nas estruturas de pensamento, na forma de sentir e perceber a vida.

A ação do tempo é, nesse sentido, constituída por uma vasta extensão de conteúdos simbólicos, fazendo dela uma construção cultural e, por isso, vivenciada de formas distintas a depender daquele que a vive. Na introdução do livro organizado por eles sobre antropologia, saúde e envelhecimento, Maria Cecília Minayo e Carlos Coimbra Jr tratam sobre isso ao desenvolver:

Se, por um lado, o ciclo biológico próprio do ser humano assemelha-se ao dos demais seres vivos – todos nascem, crescem e morrem –, por outro, as várias etapas da vida são social e culturalmente construídas. Isto é, as diversas sociedades constroem diferentes práticas e representações sobre a velhice, a posição social dos velhos na comunidade e nas famílias e o tratamento que lhes deve ser dispensado pelos mais jovens. (MINAYO; COIMBRA, 2002)

Myriam Moraes Lins de Barros, que estuda o envelhecimento sob uma ótica antropológica e de quem os trabalhos contribuíram para a presente pesquisa, faz menção à perspectiva dos direitos e deveres na sociedade moderno-contemporânea apresentada por Gilberto Velho (2012) ao afirmar que a idade de uma pessoa é um dos elementos que a definem como cidadã integrada à sociedade. É a partir do referencial etário que seriam apreendidas as maneiras de ser e estar, o estilo de vida a ser adotado, além de delimitar as fronteiras entre diferentes segmentos sociais. E afirma:

O curso da vida e o calendário anual das diferentes instituições são tempos que se cruzam na experiência dos indivíduos, nas ações e nos significados atribuídos à vida e às interações sociais na vida cotidiana. (BARROS, 2018)

Nessa linha, o ser idoso não indicaria um momento cronológico apenas, mas especialmente um modo de ser e estar no mundo. Ainda sobre o ser e o estar, reflete-se sobre a forma de apresentação dessa fase da vida. Não se “está” idoso. Se é idoso. A transitoriedade verificada na menção aos anos estaria suprimida e daria lugar a uma nova categoria de ser. Em algumas situações nas conversas com os interlocutores de pesquisa essa maneira de falar se fez presente, como em “vc está com 44 anos” contraposto com “eu já sou idosa”.

Apesar dessa lógica e das definições dos lugares sociais por idade, muitos são os elementos que flexibilizam esses limites. Myriam Barros trata da heterogeneidade da própria sociedade, com as infinitas possibilidades de construção de visões de mundo e de significados, que envolvem diferentes marcadores sociais, implicando em uma multiplicidade de outras formas de agir socialmente. Sobre isso Veras (1995) afirma ser a “velhice” um termo impreciso, desenvolvendo: “nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social”. Dessa forma, é preciso aguçar a percepção para as “heterogeneidades das experiências de envelhecer”.

Mesmo com a predominância da visão segmentada por idades que define comportamentos e modos de ser, há a capacidade de ação dos mais velhos (e não só deles) para construir alternativas para viver e para dar significado a esta etapa da vida. Os sinais estigmatizadores da velhice - a fragilidade, a doença, a solidão - podem ser apropriados e ressignificados em contextos diversos, mostrando a capacidade dos indivíduos se reinventarem nos diferentes contextos sociais. (BARROS, 2018).

A mesma autora coordenou uma pesquisa acadêmica⁶⁷ que discutiu a contraposição entre as ideias estigmatizadas de velhice, as quais associam tal período com o declínio e a perda das capacidades que garantem ao indivíduo inserções em seus contextos sociais de costume, e uma construção de ideia de “velhice ativa”, que embora não despreze a noção de declínio, teria em sua atuação a intenção de controlar os sinais negativos e intervir sobre os aspectos físicos e emocionais para um melhor envelhecer.

Seria nessa noção de “velhice ativa” que entraria, como base para manutenção da capacidade de exercer e ser reconhecido como “ser social pleno”, o cuidado de si mesmo. Nessa fase da vida, o estar saudável seria, mais do que em qualquer outra fase, um voltar-se a si, uma responsabilização individual pelo próprio cuidado. São diversas as possibilidades de discussão a esse respeito. Atribuir a responsabilidade sobre seu autocuidado a alguém que está em processo de declínio que pode, em algum momento, vir a perder algum nível ou espécie de autonomia, é questionável sob vários aspectos. A relação com os outros atores sociais envolvidos, o papel do Estado, a formulação de um pensamento que abstenha de responsabilidade a quem quer que seja que tenha, em outro momento, contado com as atividades de cuidado do indivíduo em questão

A respeito do cuidado, vale a menção ao marcador social de gênero, sobre o qual a discussão sobre cuidado aponta fortemente. Muito se tem discutido quanto sobre como a trajetória feminina é marcada pelas funções de cuidado destinado aos outros que não elas próprias, sejam esses outros filhos, maridos, netos, pais, ou até mesmo terceiros se forem incluídas as atividades profissionais relacionadas ao cuidado. Não apenas no caso das mulheres, mas especialmente no caso delas, seria apenas quando já idosas, ou a partir da aposentadoria, que o cuidar de si passaria a figurar entre as práticas pessoais, conforme coincide com alguns achados da presente pesquisa.

A menção sobre as atividades de cuidado, quando o tema da conversa era a gestão do tempo no dia a dia, foi feita majoritariamente pelas mulheres interlocutoras desta pesquisa. E justamente essas atividades de cuidado eram enfaticamente citadas quando se discutia a disponibilidade ou indisponibilidade de tempo para práticas em busca de saúde e bem-estar. Não raro, as narrativas se repetiam no seguinte sentido: agora, aposentadas

⁶⁷ A referida pesquisa, intitulada “O cuidado de si como projeto na velhice”, foi realizada entre os anos de 2012 e 2014 em centros de convivência para idosos mantidos por projetos sociais desenvolvidos pelas prefeituras das cidades do Rio de Janeiro, Duque de Caxias e Nova Iguaçu.

e com os filhos “criados”, é que alcançaram a possibilidade do autocuidado. Outro triste elemento presente nas falas foi a morte dos pais. Apenas depois de cuidar deles, ou da irmã mais velha, ou do parente doente, é que obtiveram tal condição de voltar-se a si, de suas necessidades e desejos.

Quando as atividades relacionadas ao cuidado do outro eram trazidas nas narrativas masculinas, tais falas eram colocadas de forma genérica, tal como: “quando saio daqui, ajudo minha esposa e meus filhos” ou “o tempo era mais curto com o trabalho e os filhos pequenos”. Além disso, em oposição à apresentação feita pelas mulheres, tais práticas não eram apresentadas como impeditivas de práticas voltadas a si como a visitação assídua à Água Mineral. Apenas um dos interlocutores de pesquisa formalmente entrevistado afirmou ser o único e exclusivo responsável pelas atividades de cuidado com a casa e filhos. No caso, trata-se de um homem que ficou responsável pela criação das filhas após a separação e que, por essa razão, se fazia notável a modulação do tempo em virtude de tais atividades. Não apenas na descrição de seu dia e de como se distribuía suas atividades no tempo, como, inclusive, na definição de agenda para a entrevista para efeitos de pesquisa:

Eu sou aposentado, separado, e minhas três filhas mais novas moram comigo. Minha vida atual não é “atrilhada”, mas tenho os meus compromissos com as meninas: levo e trago da escola, levo e trago dos compromissos delas. Além disso, sou dono de casa. Vivo em mercado, padaria.

e

Tudo na casa gira em torno da minha pessoa.

A respeito de outros marcadores sociais, é relevante mencionar que, para além do fato de serem os interlocutores de pesquisa de um extrato econômico-social específico, o que, conforme já discutido anteriormente, lhes proporciona a possibilidade de adotarem o hábito em questão, é possível afirmar que os frequentadores assíduos da Água Mineral são majoritariamente brancos. São poucos os negros e os asiáticos e não há indígenas entre os frequentadores assíduos do Parque. Não foram abordadas, tanto nas entrevistas quanto nas conversas informais, questões sobre identidade de gênero e orientação sexual entre os interlocutores.

Judith Farquhar e Qicheng Zhang, no livro intitulado *Ten Thousand Things*, abordam as práticas cotidianas adotadas especialmente pelos idosos nos parques da cidade chinesa de Beijing. Com uma análise minuciosa de aspectos históricos, culturais,

sócio-políticos, geracionais, entre outros, o trabalho demonstra como os hábitos relacionados à atividade física frequente, ao contato com a natureza, entre outras práticas adotadas pelos grupos estudados, fazem parte de uma noção mais ampla estudada pelos mencionados autores, a de “nutrir da vida” – “*yangsheng*”.

Essa é a linha condutora que faz com que o estudo em questão faça a conexão entre alguns dos aspectos históricos e culturais presentes na formação da sociedade chinesa, como a forte influência das linhas de pensamento taoísta e confucionista, com as práticas adotadas na contemporaneidade por um grupo social que compartilha um imaginário sobre saúde próxima às práticas e noções vislumbradas entre os frequentadores da Água Mineral aqui tratados.

A ideia reconhecida pelos autores e aqui aceita é de que a perspectiva de nutrição da vida não se limita a um grupo de práticas físicas matinais adotadas com compromisso e disciplina, mas diz respeito também sobre a forma como as pessoas enxergam a si e como lidam com suas próprias vidas de uma maneira mais ampla. Uma cantiga popular chinesa é trazida como representativa da cultura *yangsheng*:

The way (dao) of yangsheng is eating and sleeping, talking and singing, playing ball and taking pictures, writing and painting, writing poetry line by line, playing chess to banish the blues, chatting of heaven, speaking of earth.

Tradução: O caminho (dao) do “nutrir a vida” é comer e dormir, falar e cantar, jogar bola e tirar fotos, escrever e pintar, escrever poesia linha por linha, jogar xadrez para banir a tristeza, conversar sobre o céu, falar sobre a terra.

O que se percebe é que tal noção alcança a forma como enxergam a vida e, por consequência, dita, em alguma medida, as práticas daqueles que a compartilham. As linhas de pensamento mencionadas alimentaram uma longa tradição de “autocultivo”, ou seja, da noção de que a vida é suscetível à formação e elaboração ativas. Os resultados que se alcança dependem, primordialmente, de ações e movimentos na direção do que se deseja. Esse aspecto é fundamental na formulação da noção de nutrir a vida percebida nas práticas contemporâneas presenciadas em Beijing. Se a intenção é ter saúde e bem-estar, adota-se uma postura de vida com essa intenção. Dedicar-se atenção e disciplina ao próprio corpo e saúde.

Tal noção e conduta associada é fortemente disseminado não apenas internamente na cultura chinesa de uma forma geral, em suas formações escolares e hábitos familiares, como também na construção do imaginário do que venha a ser a identidade chinesa aos

olhos externos. Exemplo deste último seria a indicação turística de ida aos parques nas primeiras horas do dia para que se possa presenciar as práticas matinas da população chinesa.

Essa forma de conceber a vida e a saúde, apesar de estar presente e disponível para a sociedade como um todo, não é posta em prática por todos de forma igual. Segundo os autores, em uma perspectiva de diferenciação etária e geracional, a ação de “nutrir a vida” é colocada em diferentes posições de prioridade na vida de uma pessoa a depender do momento de vida em que se encontra. E é nesse argumento que os autores apontam o olhar para um grupo etário semelhante ao escolhido para a presente pesquisa – os idosos.

Para Farquhar e Zhang, as crianças chinesas estariam tão concentradas em consumo de bens tangíveis e reconhecimento que os prazeres não mediados, como a simplicidade de um sentir-se bem, estariam em um segundo plano. Os jovens e adultos em atividade estariam especialmente ocupados em alcançar ou manter uma viabilidade econômica para as suas vidas e, apesar de terem a saúde pessoal como fonte de preocupação, acabariam por ceder ao atendimento de outras demandas sociais, mesmo que essas sejam reconhecidamente nocivas.

Importante ressaltar que a descrição da sociedade de Beijing se aproxima de uma constatação também feita nesta pesquisa. A inviabilidade econômica dificulta ou, muitas vezes, impede o cultivo de hábitos de vida saudável na prática, mas não impede o reconhecimento de sua importância ou a intenção de adotá-los. Os interlocutores desta pesquisa demonstraram, em suas falas, que mesmo quando não podiam adotar os hábitos que atualmente praticam, não deixaram de ter em mente o desejo e a intenção de fazê-lo. Albino, por exemplo, conta que foi a intenção de “conciliar trabalho com qualidade de vida” que o motivou a reformular significativamente a sua trajetória profissional quando ainda jovem. Ao pedir demissão de uma empresa estatal para a qual trabalhava, decide montar sua própria empresa para gerir de forma mais aderente à sua perspectiva de vida o tempo que tinha em seus dias. Foi nesse momento que foi assumido como “compromisso”, consigo e com uma amiga que o acompanharia nas práticas, de ir todos os dias à Mineral.

É evidente, mas nunca é demais lembrar, que o depoimento acima espelha uma condição socioeconômica específica, em que o privilégio de poder decidir e realizar uma mudança profissional confere uma liberdade não experimentada pela maior parte da

população, e isso não apenas direciona como condiciona diversos aspectos da vida, inclusive a relação com o tempo.

Ainda sobre a faixa etária das pessoas “em atividade”⁶⁸, os autores tratam também daqueles que, apesar de estarem em “idade ativa”⁶⁹, estejam sem ocupação e, por isso, com tempo disponível. Estariam entre eles os desempregados e os trabalhadores rurais desalocados na cidade que, em virtude da condição econômica de restrição de recursos, estariam tão envoltos de preocupações de primeira necessidade que estariam incapazes de dedicar atenção à construção de uma vida cotidiana que tenha como foco o bem-estar a médio e longo prazo.

Já os idosos, por terem, muitos deles, alcançado o posto de aposentados⁷⁰, teriam o tempo e a orientação moral para dedicar sua atenção, energia e atividades em prol do que traga benefícios à sua própria vida. Por ter cumprido um determinado e longo período de atividades, esta pessoa teria, agora aposentada, o “direito” de dedicar-se, de forma remunerada e, portanto, “despreocupada”, a si. Tal noção se faz presente nos diálogos com os frequentadores do Parque Nacional de Brasília. Muitos deles, especialmente as mulheres, só passaram a dedicar tempo e atenção às práticas sobre as quais estudamos aqui depois de cumpridos o tempo de atividade na atividade profissional e familiar, especialmente quando mães. Maria Borboleta, por exemplo, que é frequentadora assídua do Parque Nacional de Brasília desde 15.11.1995 (ela lembra a data sem sombra de dúvida), conta que na época em que trabalhava, a vida se resumia a “casa-trabalho-filho”, e que “não havia espaço em seu tempo” para pausa, autocuidado ou, sequer, atividade física. Apenas quando optou pela aposentadoria compulsória é que passou a fazer o que reconhece como sendo “o que gosta na vida”, a saber, “ficar em casa e cozinhar”.

Novamente, a respeito do marcador social de gênero e o acontecimento da maternidade, é inegável o lugar central da mulher enquanto genitora e como maior responsável social pela infância da criança a nascer. Sendo assim, a maternidade interfere em acentuado maior grau na figura feminina do que na figura masculina. A entrega e disponibilidade física, emocional e social da mulher faz da experiência da reprodução um

⁶⁸ Considera-se a expressão “em atividade” inadequada, uma vez que sugere que aqueles que não estão em sua fase produtiva remunerada (os aposentados) são inativos. O convívio com os interlocutores demonstra justo o contrário. A decisão pelo uso se deu para reproduzir apenas a distinção apresentada no trabalho em comento, o qual diferencia as pessoas em idade de atividade (jovens e adultos) dos aposentados.

⁶⁹ Idem nota 1 a respeito da expressão “idade ativa”.

⁷⁰ A origem da palavra aposentadoria vem da palavra “pousar”, em latim “pausare”, “parar para descansar”.

evento central para as mulheres, fazendo com que os outros aspectos ocorram, muitas vezes, de forma associada e dependente da maternidade. Assim como a trajetória acadêmica, ingresso e permanência no mercado de trabalho, progressão profissional, disponibilidade de tempo e energia para projetos pessoais, são fatores diretamente afetados pelo evento da maternidade. Mesmo levando-se em conta o movimento feminista e as mudanças recentemente presenciadas no modelo de parentalidade na sociedade atual, na qual a atuação paterna passa a ser mais significativa do que nas gerações anteriores, e que a discussão sobre a sobrecarga feminina passa a, mesmo que discretamente, a alterar as dinâmicas familiares naquilo que concerne à criação e provimento das crianças, a questão de gênero salta aos olhos quando o assunto é a criação de filhos e a dedicação de tempo a tal missão.

Aqui também se faz importante distinguir as especificidades do contexto brasileiro de aposentadoria. Entre as previsões constitucionais de seguridade social, a previdência é aquela que tem por intenção proteger os indivíduos, por meio da ação do estado, dos riscos sociais relacionados à incapacidade laboral. Tal incapacidade, na perspectiva normativa, se dá pelas consequências advindas do alcance a um patamar etário em que sejam presumidas limitações de atividade ou, excepcionalmente por algum evento não programado ou desejado que, independente do momento de vida, inviabilize a realização de trabalho que propicie o sustento daquele indivíduo. O benefício constante e continuado recebido pelos aposentados, contudo, não necessariamente garante o “sustento” daquele indivíduo, especialmente quando se amplia o olhar para o contexto familiar ao qual essa pessoa está inserida. Os interlocutores de pesquisa não demonstram ou aparentam ter problemas de ordem econômico-financeira, ao menos não de forma a impedi-los de vivenciar a prática aqui abordada, que é, conforme já discutido, uma indicação de privilégio social em alguma medida. E, além disso, o que se tem como foco de análise neste momento é a disponibilidade de tempo não antes experimentada no período laboral.

Para o que se pretende nesta pesquisa, o diálogo com Farquhar e Zhang foi de fundamental importância para ilustrar e ajudar a compreender como escolhas feitas a partir de uma forma de pensar e agir, como o exemplo tanto dos moradores de Beijing como os da Água Mineral como sendo idosos que apresentam notórias boas condições de saúde e bem-estar e que são comprometidos com práticas diárias de exercício e autocuidado, envolvem aspectos para além da prática física propriamente dita. Ressalvadas as especificidades de cada contexto urbano e político-social experimentados

pela sociedade de Beijing e de Brasília, a pretensão aqui é discutir em que medida as formas de pensar e agir sobre as quais se percebe alguma similaridade se relaciona com a maneira como essas pessoas enxergam e lidam com o tempo. A pressa não é uma característica latente em nenhum dos dois grupos em questão.

A gerontologia, enquanto campo do conhecimento que estuda o processo de envelhecimento humano, tanto sob os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, passou, a partir da década de 1990, a se debruçar, entre outras coisas, em análises a respeito do chamado “envelhecimento bem-sucedido”. Este seria, em linhas gerais, o alcance de uma longevidade associada à qualidade de vida e independência.

É possível encontrar, no decorrer dos estudos da área, diferentes conceitos e formas de mensuração do que seria o envelhecimento bem-sucedido, mas para a discussão aqui proposta é suficiente saber que são levados em consideração critérios físicos, cognitivos, psicológicos e sociais. Um conceito amplamente utilizado, proposto por Rowe e Kahn (1998), leva em conta três componentes, a saber: a probabilidade de doenças e incapacidades relacionadas, a capacidade funcional física e cognitiva e o engajamento com a vida. Algumas críticas a tal modelo de análise dizem respeito ao fato de que a ênfase na ausência de doenças e, especialmente, a exigência de uma independência funcional levam a uma tendência elitista, restringindo tal condição a uma parcela restrita da população (LUPIEN, 2004).

Necessário destacar que, a respeito da condição financeira, definição de extrato social, optou-se por não propor questões a esse respeito nas conversas. Essa escolha se deu em virtude do lugar da pesquisadora no convívio diário com os interlocutores de pesquisa e a intenção de afastar qualquer situação de constrangimento que pudesse se estender para além da pesquisa. Como esse não era o foco do interesse, considerou-se satisfatórios os dados que viessem espontaneamente a esse respeito. Sobre esses, é possível afirmar que os idosos sobre os quais se debruçou o olhar demonstraram se enquadrar, em alguma medida, em uma posição econômico-social privilegiada. Todos acessam o parque por meio de veículos próprios. Em muitas das falas a vinda à Água Mineral por outras formas de locomoção, como com transporte público ou carona, quando se deram, ocorreram em um passado distante, uma “memória da juventude”, quando a situação era mais difícil e os percalços para se conseguir usufruir do parque eram de mais difícil superação. Além disso, a condição econômica dos interlocutores também pôde ser considerada pelos locais de moradia mencionados, sendo a grande maioria nas

proximidades do parque, perímetro que envolve os bairros Asa Norte, Lago Norte, Noroeste, entre outros. Além disso, em nenhuma das falas foi mencionada dificuldade financeira que inviabilizasse as práticas matinais.

Outra questão pertinente à prioridade dada aos aspectos biomédicos é a não aderência às análises do grupo dos “muito idosos” ou “idosos longevos”, sendo considerados, no Brasil, aqueles com idade a partir dos 80 anos. Esse segmento populacional, um dos que mais cresce mundialmente, apesar de não satisfazer os critérios biomédicos, atende àqueles em que são avaliadas as dimensões psicológicas, apresentando, quando comparados a outros segmentos de idosos, maiores índices de felicidade e saúde subjetiva (CHO, 2012). Entre as características consideradas para tal constatação estão o interesse em atividades habituais, as relações vivenciadas de forma a evitar a experiência constante e duradoura de solidão, a percepção de saúde autorreferida, o otimismo sobre o futuro, entre outros.

No que tange aos interlocutores de pesquisa, vale lembrar que considerável parte deles se enquadrava, no momento da pesquisa, nessa faixa etária. E não houve diferenças relevantes a respeito de suas condições de saúde física e mental quando comparados com os demais idosos. Não houve uma menção mais recorrente a respeito de doenças quando se entrevistou os frequentadores acima de 80 quando comparados com os frequentadores um pouco mais novos. No entanto, a frequência, a regularidade das práticas e da ida ao parque se mostrou afetada com o aumento da idade. A dificuldade de locomoção, tanto pelo dirigir⁷¹ ou até mesmo pelo declive no percurso de acesso às piscinas, foi a associação mais citada entre aqueles que deixaram de ir ou diminuíram a frequência de visitas à Água Mineral. Lúcia, uma das entrevistadas, afirma que deixou de ir assiduamente ao parque em razão dos problemas de quadril. Alguns outros casos como esse foram citados pelos interlocutores quando indicavam amigos que antes eram assíduos, mas que o deixaram de ser pelos motivos citados. Tal fato remonta à questão da perda de autonomia decorrente do processo de envelhecimento. O adoecer e o perder a autonomia nem sempre foram apontados como elementos de um mesmo contexto. Houve caso em que a entrevistada se sentia bem, forte, totalmente apta a seguir com a rotina na

⁷¹ Foi mencionada, algumas vezes, a qualidade do trânsito da via de acesso ao parque (EPIA) como motivo de preocupação por parte de familiares e até desistência de ir ao parque.

Água Mineral, mas sentia-se insegura de dirigir pela EPIA, via de acesso ao parque, e suas filhas não se disponibilizavam a leva-la.

Em outras poucas situações, foram feitas menções a preguiças e cansaços que, ao olhar da pesquisadora podiam ser de ordem tanto física quanto emocional, como na frase dita por Dona Maria Borboleta “quando a gente fica velho parece que a gente vai ficando preguiçoso”. Detalhe: dona Maria Borboleta considera “estar ficando preguiçosa” por manter atualmente “apenas” 2 aulas de pilates e 3 visitas à mineral por semana, uma média considerada regular ou alta, inclusive, para pessoas não idosas. Vale ressaltar que termos como “cansaço” e “preguiça” foram raros nos discursos dos interlocutores quando comparados com outras relações estabelecidas no decorrer da relação da pesquisadora com a Água Mineral como, por exemplo, os idosos de sua família ou de famílias amigas. Os idosos do parque não remetem, em definitivo, à noção de cansaço e preguiça.

Os interlocutores de pesquisa mantêm ou buscam manter as atividades habituais, o que, segundo aquela teoria, contribui para seus níveis de felicidade e saúde subjetiva. E a habitualidade das práticas não se resume apenas a ida ao parque. Outras atividades foram citadas no decorrer das conversas como sendo habituais, rotineiras, sobre as quais haveria um compromisso tácito em continuar realizando. Tais atividades passaram a ser adotadas em tempos anteriores, quando mais jovens, e se mantêm até os dias atuais por serem consideradas, por eles próprios, como importantes para a manutenção da qualidade de suas vidas. Novamente, retoma-se a noção de nutrir a vida. Alguns dos hábitos citados corroboram para constatação de que aquelas pessoas priorizam, em algum nível, os hábitos que conferem saúde e bem estar às suas vidas.

No que diz respeito a experiência duradoura e constante de solidão, outro aspecto considerado na leitura sobre a saúde subjetiva feita por Jinmyoung Cho, percebeu-se, durante as conversas com os frequentadores do parque, que as relações interpessoais estabelecidas no âmbito da rotina ali estabelecida têm um peso relevante em suas rotinas. O convívio e os laços de amizade ali construídos nos anos de práticas matinais se mostrou, em diversas falas, de diferentes formas, como constituintes da dinâmica social do idoso. Muitos se relacionam para além dos limites do parque. Nem todos e nem com todos, mas alguns nós se fazem mais fortes na rede relacional dos que ali frequentam. Alguns se falam ao telefone. Trocam mensagens. Almoçam juntos. Se visitam em situações de doenças.

Quando Danilo, um dos integrantes da “diretoria”, adoeceu, as notícias sobre o seu estado eram encontradas especialmente com Paulo e com Dondiville, em razão das ligações e visitas por eles. Maria Borboleta, Lurdinha e Eliana combinam por telefone o dia em que conseguirão coincidir suas presenças no parque⁷². Combinados são feitos pessoalmente, por telefone ou por mensagens de *WhatsApp* a respeito do que cada um levará para o café da manhã que acontece toda última sexta feira do mês aos arredores da piscina. As relações entre os frequentadores assíduos se dão, na medida de suas afinidades, com maior ou menor intensidade, mas todos ali se conhecem, se falam, se ocupam uns dos outros.

O café da manhã mensal mencionado é um evento que ocorre há décadas e é ali que a rede relacional se mostra com maior nitidez. É nesse momento em que os encontros de mais longa data se dão. Alguns dos “amigos do parque” que não frequentam assiduamente se fazem presente especialmente no “Café Ecológico”, sobre o qual são enviados convites para lembrar a data e horário. Pães feitos no dia anterior especialmente para o evento, colheita das frutas do quintal, maços de manjericão e alecrim da horta de casa para distribuir entre os amigos, sucos, castanhas, petas, biscoitos, bolos dos mais diversos. Todo tipo de delícia matinal tem espaço. A mesa toda enfeitada. Há quem traga toalha, arranjo de flores, pratinhos, guardanapos. Ninguém é obrigado a levar nada, mas todos têm o direito a comer. Até quem está ali desavisado, em uma visita desinteressada na Água Mineral é convidado por meio de um sorriso aberto e simpático do Orlando, que passa entre os banhistas a convidar a todos.

O momento do Café Ecológico também é palco de interações de outra natureza como, por exemplo, a acolhida aos familiares e amigos de um dos frequentadores falecido, em que o ritual de despedida se daria nas águas correntes do parque. Prabhu⁷³, como era conhecido artisticamente e entre amigos, frequentou o Parque diariamente por décadas, até os seus últimos dias. Quando faleceu, seus familiares e amigos mais próximos participaram do Café e, em seguida, jogaram suas cinzas em um lugar escolhido do parque.

⁷² Há até uma crônica escrita por Laurez Cerqueira, outro frequentador assíduo, sobre elas: “As mina da beirada da piscina”. Segue um trechinho para demonstrar o impacto de tais presenças: “Acostumei-me tanto que o dia que chego para nadar e não tropeço no pé de uma cadeira de alumínio no meio do caminho, na beira da piscina, o céu não acende a luz”.

⁷³ Swami Prem Prabhu. Conforme plaquinha amarrada à uma árvore no lugar em que foram jogadas suas cinzas, nascido em 22.06.1954 e falecido em 10.10.2022. Nela está registrada uma frase dita por ele “É tudo uma surpresa!” e os dizeres: “Aos pés da grande embaúba, a colorida vida continua”!

A pesquisadora, bem mais por acaso do que por pertinência, esteve presente na cerimônia mencionada. Apesar de se conhecerem daquele lugar há décadas, pois Prabhu é uma das pessoas que frequentavam o parque desde o início da rotina estabelecida pela pesquisadora, não se chamavam ou mesmo sabiam os nomes um do outro. Sempre se cumprimentavam e em algumas vezes chegaram a brincar com a identificação de que ambos eram dos poucos que enfrentavam a trilha capivara⁷⁴ nas manhãs mais gélidas. Naquele dia, participando do Café Ecológico que ali acontecia, foi apresentada aos familiares de Phabhu que, por gentileza, a convidaram e a conduziram para participar do ritual de despedida. Essa foi uma das situações em que o constrangimento de dizer não, pela sensibilidade do momento, nos faz estar onde não se cabe. Contudo, foi por estar ali, que a pesquisadora pode observar, com a distância que conseguiu dar educadamente, a família do colega de parque. Foi como vê-lo sob outra perspectiva.

Ao abordar o espaço em que as atividades de lazer são realizadas, Magnani (1998) chama atenção para o sistema de oposições existente entre “dentro de casa” e “fora de casa”. Dentre as que ocorrem fora de casa, há uma segunda oposição que se daria entre aquelas que ocorrem “na vizinhança” e “fora da vizinhança”. O autor apresenta a noção de “pedaço”, que se aproxima do que aqui se intenta quando se pensa a qualidade das relações ali estabelecidas e a sua consequente vinculação ao lugar:

Aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 1998, p.116)

O mesmo autor também contribui para as reflexões que aqui se propõe quando, em outro momento de sua produção, ainda discutindo a respeito da noção de lazer, discorre sobre a clássica oposição entre “tempo de trabalho” e “tempo livre”. Magnani (2018) afirma que, enquanto o primeiro remete ao que é sério, obrigatório e imposto, o segundo estaria relacionado à fruição, ao descanso e com o tom de “conquistado”. O autor argumenta que o conceito de lazer, apresentado em sua amplitude e multiplicidade, assumiu diferentes significados no decorrer dos tempos: como um direito, como ocasião de desvio, uma questão social relevante para efeitos de saúde mental.

⁷⁴ A trilha capivara, por estar situada em uma área irrigada, tem a mata mais fechada e, por isso, é a trilha que menos bate sol. Nos dias mais frios, aquela é uma das áreas mais frias do parque.

Entre as discussões teóricas, menciona as discussões sobre a “classe ociosa”⁷⁵, onde o lazer seria uma rotina de condutas praticadas por uma classe composta por indivíduos ricos e herdeiros, que seriam “alheios ao trabalho produtivo e voltados para o consumo conspícuo”, apontando ambiguidade entre lazer e ócio. Cita também a noção trazida por DE GRAZIA (1962)⁷⁶ do prazer como uma “perspectiva de contemplação, de espírito imaginativo” que prescindiria de uma condição material específica, não podendo ser comprado e independente de renda. Nessa linha, o lazer não se confundiria com recreação. Destaca ainda, a importância do sociólogo Dumazedier⁷⁷ na discussão sobre o lazer, que deixa de percebê-lo apenas como algo associado necessariamente à recuperação de energia gasta e condicionada ao âmbito do trabalho, passando a considerá-lo como algo substantivo na vida dos indivíduos, como um fato social autônomo. Cita, apesar de já considerar superada, a definição de lazer daquele autor:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais [...] (DUMAZEDIER, 2001)

Por fim, e é aqui que recai a atenção da pesquisa, Magnani traz as questões mais contemporâneas discutidas quando o assunto do lazer é colocado em questão. Vivencia-se novos formatos, modalidades e alocações associadas ao trabalho, que flexibilizam a relação com o tempo. Por conseguinte, as questões relacionadas ao lazer, de algum modo, se desvinculam da relação anteriormente posta e não totalmente resolvida com o tempo do trabalho. Segundo o autor, e as reflexões da presente pesquisa tende a concordar, ao se analisar de perto as motivações de algumas práticas tidas como lazer, percebe-se que essas vão muito além do que uma mera reposição de energia despendida durante o tempo de trabalho. Aquelas pessoas que frequentam assiduamente o parque há décadas parecem agregar outros elementos de suas vidas pessoais na construção daquela escolha que escapam à noção de trabalho, de produção, de utilidade. O que as leva ali diariamente passa, antes disso, por uma noção específica sobre si e sobre o mundo ao redor. O que é sentir-se bem, o que é ter saúde, o que é o meio ambiente que as cerca e quem são os

⁷⁵ De Thorstein Veblen, em *The Theory of the Leisure Class*.

⁷⁶ Sebastian De Grazia, *Of Time, Work, and Leisure*. New York: The Twentieth Century Fund, 1962.

⁷⁷ Joffre Dumazedier atuou como consultor no Brasil, no Serviço Social do Comércio - Sesc.

responsáveis e os caminhos possíveis para se alcançar aquelas noções que assumiram para si.

Sobre isso, inclusive, frisa-se que, apesar de tais noções lhe serem próprias, não lhe são únicas ou exclusivas. Assume-se, desde o início deste trabalho, que as noções de saúde, bem-estar, autocuidado, meio ambiente e da relação que com ele se estabelece são construções sociais, assim sendo também as noções de pressa, pausa, de destinação de tempo para cada atividade na vida de uma pessoa. O que se convida aqui a lançar o olhar é que dentro de um universo de diversas outras possibilidades, escolhas foram feitas e reiteradas ao longo de uma boa parcela da vida daquelas pessoas, fazendo com que dedicassem, por meio de um comprometimento com a prática, considerável volume de energia e, naquilo que se aqui se interessa, tempo.

Trata-se, notadamente, do estabelecimento de prioridades e de enfrentamento às imposições de incontáveis ordens que levam ao fluxo acelerado da vida contemporânea. São feitas concessões. Abre-se mão de algo para se estar ali. Aquele tempo poderia estar sendo dedicado a outra intenção que não a de “nutrir a própria vida”. Qual outro “projeto” estaria perdendo o valioso “recurso” tempo para que tal hábito fosse assumido como compromisso a ser incluído entre os prioritários. Na economia da vida contemporânea é possível encarar tal prática como um investimento. E, nessa linha, também haveria o retorno. O hábito ali desenvolvido implica em notórios bons níveis de bem-estar e boas condições de saúde quando comparadas com a população idosa em geral. O que também pode ser lido como um elemento de motivação à manutenção da prática, em longo ciclo de causa e consequência: eles vão à Mineral e sentem-se bem. Por sentirem-se bem, vão à Água Mineral.

Mas, o que mais salta aos olhos são as diferentes nuances que indicam os contextos específicos de acessos e privilégios. Quem nutre a própria vida? Quem pode nutrir a própria vida? E quem consegue? Até mesmo, quem alcança o entendimento a respeito da importância do nutrir? Apesar do reconhecimento dos aspectos particulares e individuais das escolhas, até por saber que a situação de privilégio econômico-social não é suficiente para o alcance de melhores condições de saúde física, mental e emocional, necessariamente, é evidente que a experiência do tempo não é igual para todos.

Ali, no contexto de pesquisa, estão pessoas que se enquadram em uma categoria econômico-social que permite, proporciona e, em alguma medida, promove o

entendimento de que uma “desaceleração” é salutar. Mas também ali, entre eles, a experiência do tempo também não é similar. O tempo não é mesmo para os homens e para as mulheres, como já discutido. E a partir daí é possível supor as diversas camadas que se sobrepõem na diferenciação de tempo para uma pessoa a depender dos diferentes marcadores sociais atuantes na realidade de alguém. Quanto maiores os elementos de exclusão social, mais afastados de uma realidade em que o descanso, a pausa e o cuidado de si são incluídos em uma rotina. É nesse sentido em que é mencionada, por Michele Prazeres (2023), a noção de cronomeritocracia. Ao discutir de que forma os marcadores sociais de desigualdade atravessam a experiência temporal, a autora afirma:

É diferente o tempo para quem anda de transporte público, pra quem não acumula jornadas de trabalho, pra quem mora no centro urbano, pra quem não cuida de alguém. (PRAZERES, 2023)

Conforme discute a autora⁷⁸, a aceleração tem sido uma condição da vida contemporânea e a velocidade passa a ser, a depender do prisma, uma forma de violência. Como mencionado de forma pertinente: “Como dizer ‘acorde mais cedo para se exercitar’ para aquele que dorme 3h por noite?” Não se trata apenas de escolhas individuais. A aceleração é sistêmica e os adoecimentos a ela vinculados também o são. Não se pode responsabilizar o indivíduo e é preciso, por uma questão de saúde pública, encarar o descanso, o tempo livre e o cuidado de si como um direito universal que deve ser promovido e garantido por ações públicas que visem mitigar as desigualdades a esse tema relacionadas.

É por isso que este trabalho tem a intenção de contribuir para uma discussão sobre o direito ao tempo. E de como esse tempo pode ser vivenciado de uma forma mais equânime, mais justa e mais prazerosa do que aquilo que se faz dele no formato de vida contemporâneo.

⁷⁸ Entrevista dada ao podcast Impacto na encruzilhada, episódio nº 102.

Conclusão

“Não precisamos de mais tempo,
precisamos de um tempo que seja nosso”.

Mia Couto

As reflexões aqui compartilhadas em formato de trabalho acadêmico não tinham, desde o início, a ambição de concluir alguma coisa a respeito daquelas pessoas, tampouco a respeito de como se “bem viver” e, muito menos sobre o renomado senhor tempo. Não há nada de concreto, definitivo, indiscutível a dizer após o mergulho que vem sendo dado há uma pá de anos naquele contexto compartilhado. O que se tem a oferecer é uma perspectiva que se pretendeu reflexiva a respeito das condições de saúde daqueles que se propõem à prática de dedicarem um tempo de seus dias a atividades específicas, realizadas em um lugar específico, que tenham como foco o alcance do seu próprio bem-estar.

Os interlocutores reconhecem um aumento na qualidade de suas vidas em virtude do hábito que incluem como importante em suas rotinas. Enquanto se percebe fortemente, na sociedade na qual estão inseridos, o adoecimento em diferentes aspectos, questiona-se a relação entre o bem-estar daquelas pessoas e escolha diária pelo acesso àquela “heterotopia”. E é nesse contexto que a destinação de tempo é o que se mostra relevante. Todos os dias, há muitos anos. A escolha de modular o tempo de forma a incluir um período que seja para si é o que se apresenta como destacado entre eles no formato e no ritmo de vida contemporâneo em que estão inseridos.

A maneira como aquelas pessoas concebem o tempo parte do entendimento de que se trata de algo que é destinado conforme as necessidades que são dadas no contexto construído em volta de si. A depender da circunstância de vida, tem-se mais ou menos tempo disponível às suas próprias escolhas. Mas, independentemente da disponibilidade do tempo, nas diferentes fases, com menor ou maior ênfase, houve, ao menos, a vontade, o intuito de dedicar tempo ao cuidado de si. Essa intenção assumiu e assume tal significância que modula a arquitetura temporal de suas atividades diárias.

A noção de cuidado de si também oscila a depender da circunstância em que se está imerso e, também, da fase de vida em que se está. Em outras palavras, a concepção

de si e sobre suas próprias necessidades se transforma com o passar do tempo. O que se apresenta quase como uma constante é a ideia de que é preciso dedicar algum tempo a atividades que promovam saúde e bem-estar, e daí estão incluídas aquelas relacionadas ao âmbito físico, mental e emocional. O cuidado de si é assumido como, em grande medida, ação de competência própria e individual, como evidente na fala “a saúde é minha, cabe a mim cuidar dela. Até porque eu viverei as consequências de não o fazer”.

As noções de práticas benéficas, igualmente sujeitas a mudanças no tempo, coincidem, nos interlocutores, com aquelas amplamente aceitas e disseminadas socialmente. Aquelas pessoas reproduzem o entendimento predominante a respeito da recomendação da prática de exercícios físicos regular, da alimentação balanceada, da qualidade do sono, entre outras. O que se percebe entre elas é que tais pressupostos não são considerados apenas no plano teórico e discursivo, mas se refletem nas práticas e ações assumidas em suas dinâmicas de vida diária, sem que a justificativa sobre a falta de tempo inviabilize a conduta.

A relação com o tempo que é imposta socialmente é de agilidade, pressa, imediatismo. Faz-se cada vez mais em cada vez menos tempo. Busca-se, constante e intensamente, por versões mais ágeis, por maiores índices de produtividade em uma menor medida de tempo, pelas mais novas atualizações. Aprende-se hoje o que não será mais aplicável daqui a 3 anos. Consume-se hoje o que já será obsoleto amanhã. Nessa dinâmica do efêmero, do simultâneo, as pessoas deixam de ter domínio sobre o seu próprio tempo. Dedicam cada vez mais tempo a projetos alheios à sua realidade particular e passam a assumir como suas necessidades aquelas forjadas em um contexto externo, distante e, muitas vezes, que atende a interesses diversos daqueles que lhe dizem respeito. O tempo é consumido sem que se tenha a impressão de que tenha sido proveitoso ou, muito menos, aproveitado. Vive-se a chamada “sociedade do cansaço”⁷⁹.

Não se trata de negar o desenvolvimento, os avanços tecnológicos, os ganhos e conquistas que a vida contemporânea apresenta. O que se questiona é lugar do indivíduo. Qual é a sua margem de escolha? Ele é sujeito das escolhas que se referem ao seu próprio tempo? Lamenta-se muito sobre a falta de tempo e daí extraem a justificativa do afastamento de si, de suas necessidades e desejos próprios. Mas a própria dinâmica social

⁷⁹ O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2015), no ensaio intitulado “A sociedade do cansaço”, afirma que o cansaço como resposta do corpo para o excesso de positividade e cobrança que a sociedade impõe tem sido uma enfermidade típica da sociedade atual.

atual confere novas configurações sobre o tempo. As tecnologias e as novas tendências trouxeram a flexibilização das jornadas de trabalho, formatos como *home office*, modelos *online* e híbridos de trabalho, facilidades de acesso a serviços que antes demandavam maiores esforços. Mas, mesmo aos que usufruem de tais facilidades, não sobra tempo. Como afirmou o escritor moçambicano Mia Couto em aula magna feita em 2014 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

Não precisamos de mais tempo. Precisamos de um tempo que seja nosso. Não é uma questão de quantidade, é uma questão de soberania. E nesse tempo que seja nosso nós precisamos encontrar a intimidade com as coisas que nos são próximas. Com as pessoas que nos são próximas. Isso requer um vagar. Um tempo próprio. (Mia Couto, 2014)

Apesar da ênfase dada às escolhas realizadas por aquelas pessoas, resta evidente que o tempo não é o mesmo para todos. As diferenças dadas pelos marcadores sociais são produzidas e reproduzidas nessa relação. Apenas uma parcela específica da sociedade pode cuidar de si. Não são todos que podem escolher adotar uma prática diária de exercício. O contato com a natureza de forma segura e contemplativa é, em grande medida, um privilégio de uma minoria. Fala-se de um extrato socioeconômico, de um perfil, de uma cor. Foi notável nos discursos, ainda, o momento de vida em que isso se dá a depender do gênero. As práticas de cuidado do outro, predominantemente atribuídas às mulheres, afetam a dinâmica que assumem com o tempo de forma significativa. A dedicação a si, no caso delas, muitas vezes só é viabilizada a acontecer depois de terem cumprido alguns papéis sociais e/ou alcançado a aposentadoria.

É nesse contexto em que se sobressai a urgência de se discutir o direito ao tempo. Se a constatação relativa às ótimas condições de saúde daquelas pessoas está, em alguma medida, relacionada à dedicação de um tempo ao cuidado de si, de descanso do ritmo de vida imposto, é imprescindível que se amplie a discussão para alcançar a questão do adoecimento físico, mental e emocional que se vivencia em um espectro social mais amplo. Faz-se necessária a promoção de uma relação com o tempo mais justa e equânime. Se a saúde, prevista constitucionalmente como um direito de todos e um dever do Estado, tem na relação com o tempo uma de suas condicionantes, é preciso que se inclua tal questão na pauta das políticas públicas que abordem sua promoção, proteção e recuperação.

Outro aspecto a respeito do tempo questionado na pesquisa foi o seu transcorrer nas vidas e nos corpos das pessoas. Ao imergir naquele contexto tendo como foco de reflexão o tempo, o envelhecimento foi colocado em um lugar de questionamento. O que é envelhecer? Quais dessas características são irreduzíveis, quais são negociáveis? O que nos é dado como fato e que pode ser totalmente diferente ao contrastar situações distintas? O que se presencia naquele ambiente é um envelhecer que pode se dizer diferenciado. A disposição física daquelas senhoras e senhores com média de 80 anos não corresponde àquela que se tem como reconhecida socialmente como sendo de uma pessoa octogenária, setuagenária, ou mesmo sexagenária a depender do caso em comparação. O que é possível observar nesse fato para além de boas condições genéticas e um bom punhado de sorte?

A ação do tempo nas pessoas acarreta transformações que são percebidas tanto no âmbito individual, personalíssimo, como, por exemplo, nas noções de “meu corpo”, “minhas limitações”, quanto no contexto social no qual estão inseridas, havendo consequências também no que tange às relações sociais vivenciadas. Ao se envelhecer, tem-se mudanças de ordem biológica, materiais e corporificadas, e tem-se mudanças na posição assumida nas teias relacionais construídas até ali, havendo uma espécie de prescrição social no que diz respeito à passagem do tempo nos corpos. Esse contexto social não apenas reage frente ao envelhecimento, mas formula, modula, condiciona a forma de vivenciar esse envelhecer.

Contudo, o que os interlocutores de pesquisa demonstraram ser um ótimo exemplo, é que há uma flexibilidade a respeito das consequências do tempo nas pessoas e isso permite uma ampla diversidade de experiências de envelhecer. Faz-se necessário ampliar a discussão sobre o passar do tempo nos indivíduos, no que tange tanto aos aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais, de forma a ressignificar os estigmas relacionados ao passar do tempo. Considera-se, não apenas pelo convívio com aquelas pessoas, assim como por diversos outros exemplos como o dado aqui dos idosos de Beijing, que é possível conceber o declínio advindo com o tempo como passível de atuação e intervenção que promovam o controle de sinais negativos relativos a esse período da vida.

O que se considera é que algumas práticas que fazem parte das escolhas dos frequentadores assíduos do parque, reconhecidas por eles próprios e socialmente como sendo um dos elementos constituintes de suas ótimas condições de saúde, refletem, para além daquilo que se mostra mais óbvio, como a adoção de atividade física frequente e o

contato com a natureza, uma forma específica de enxergar a vida. A começar pela noção de autocultivo. Lidam com suas vidas a partir de uma noção de que essas são suscetíveis de formação e elaboração dos quais eles próprios são os sujeitos. Nesse lugar, optam por dedicar cuidado a si, o que envolve, necessariamente, a modulação do tempo em suas vidas individuais.

Mas, para além disso, e esse foi o aspecto mais sensível do presente trabalho, sobre o qual teme-se por não saber transpor em palavras, a forma como os idosos do parque enxerga a vida parece incluir outros aspectos menos objetivos. Haveria uma disposição a percepções mais sutis. Ou uma disponibilidade ao encantamento. Ou um interesse pelos ditos “bioensinamentos”⁸⁰. Ou uma abertura ao que é leve e bom. Um jeito de ser e estar no mundo que reconhece a importância de se estar ali, no meio daquele ambiente preservado. As alternativas podem não caber ou não serem suficientes. Além disso, não se sabe qual fato vem antes. Se eles já eram assim e adotaram o hábito, ou adotaram o hábito e passaram a ser assim. Mas o que se tenta demonstrar é que se expor àquele lugar diariamente por muitos anos leva a um estado (agora pedindo licença ao formalismo acadêmico), poético que se contrapõe ao ritmo de vida contemporânea e suas consequências. O que ali se vivencia pressupõe, inequivocamente, um vagar.

A perspectiva a respeito do lugar também se mostrou relevante no contexto de pesquisa. O acesso e o contato com a natureza demonstrou ser, de diferentes formas, um fator relevante na construção das escolhas daquelas pessoas, como também nas elaborações feitas por elas sobre o tempo. Mesmo fora do contexto do parque, percebe-se que o contato com o ambiente natural é fator que busca se manter entre outras práticas. Quando não se pode ir ao parque⁸¹, é provável que se encontre muitos dos interlocutores em outros lugares alternativos que guardem a mesma característica. Os aspectos naturais se mostram, ainda, muito presente nas falas e narrativas.

Ali, percebe-se em algumas pessoas e em algumas circunstâncias, que se fala mais sobre a névoa, sobre a choca dos ovos dos quero-queros, sobre a quebra da semente do jatobá, do que da última notícia veiculada no Instagram. O exato momento em que se

⁸⁰ Noção apresentada por MACHADO (2019) como sendo o aprendizado sobre outras formas de vida que não só as humanas.

⁸¹ Atualmente, as piscinas são fechadas às segundas, mas é possível acessar as trilhas. Além disso, o parque é mantido fechado em alguns poucos feriados e em situações excepcionais, como nos incêndios ocorridos neste ano de 2024. Nessas situações, é possível encontrar muitos dos interlocutores de pesquisa no Parque Olhos D'água, localizado na Asa Norte.

chegou é, muitas vezes entre os interlocutores, informado pela presença ou ausência da luz do sol e, também entre eles, define-se o cedo ou tarde pela temperatura que se enfrenta na ladeira. O celular, meio pelo qual se controla as horas e compromissos atualmente, muitas vezes fica no carro e as mensagens “urgentes” de *WhatsApp* ficam para um outro momento.

Em um momento de catástrofes ambientais e colapsos climáticos que se vive, a experiência que ali se presencia de aproximação e de conjugação com elementos naturais se mostra como um contraponto. A consciência ecológica, não garantida, mas fortemente incentivada ali, é uma medida imprescindível no combate às práticas tão usuais quanto nocivas ao meio ambiente que se tem como recorrente na dinâmica social vigente. O engajamento consciente com a natureza e a relação de comunidade solidária ali desenvolvidos talvez contribuam não apenas com as condições de saúde e bem-estar daquelas pessoas, mas também no chamamento a se repensar a forma como lidar com os recursos que ainda temos disponíveis e qual a relação que se quer e se pode ter com o meio ambiente.

Por fim, é preciso dizer que os ensinamentos tidos pela pesquisadora no convívio com aquelas pessoas vão muito além do que foi elaborado aqui. Tentou-se converter alguns deles em argumentos racionais. Alguns, contudo, ainda não são reconhecíveis pela academia. Não há nenhum dado objetivo apresentável em um exame de sangue que demonstre o que é e em que termos se dá a qualidade de vida promovida por aquele hábito. Mesmo assim, o presente trabalho é um convite a quem venha a lê-lo a experimentar alguma experiência similar. E, por último e mais importante, o que aqui se escreveu foi uma declaração de amor aos amigos da Água Mineral e de agradecimento pelos anos de convívio.

Referências bibliográficas:

BARROS, M. M. L. de. TEMPO DE VIDA, TEMPO DE FESTAS. *Revista Feminismos*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30389>.

BOURDIEU, P. 1983. *Questões de Sociologia*. São Paulo: Marco Zero.

CARDOSO de OLIVEIRA, Luiz Roberto. 1993. As categorias do entendimento humano e as noções de tempo e espaço entre os nuer. *Série Antropologia*

CASTRO, Leonardo Levi de Souza. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n11-211 Recebido em: 26 de Outubro de 2023 Aceito em: 27 de Novembro de 2023

CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de. 2013. Outros espaços e tempos, heterotopias. 1º Congresso Espaços Públicos: FAU Mackenzie, São Paulo.
Acessado em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807535/mod_resource/content/1/Castro.pdf

CHO J, Martin P, POOL LW. The older they are, the less successful they become? Findings from the Georgia centenarian study. *J Aging Res.* 2012;1-8.

COLLINS, Patricia Hill. “Aprendendo com a outsider within”. *Sociedade e Estado*, 31(1), pp. 99–127, 2016.

DaMATTA, Roberto. 1997. *A casa e a rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rocco: Rio de Janeiro.

DESCOLA, Phillipe. 2016. *Outras naturezas, outras culturas*. Tradução: Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34.

DIAS, Mônica. 2007. “A pesquisa tem “mironga”: Notas etnográficas sobre o fazer etnográfico”. In: *Entre Saias Justas e Jogos de cintura / organizadoras Alinne Bonetti e Soraya Fleischer – Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNIS.*

DUMAZEDIER, Joffre. 2001. *Lazer e cultura popular*, São Paulo: Perspectiva, 2001, p.94.

DURKHEIM, Emile. 1973. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Editora Abril Cultural, São Paulo.

- EVANS-PRITCHARD, Edward. 1993. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva
- FARQUHAR, Judith e Zhang, Qicheng. Ten Thousand Things.
- FOUCAUL, Michel. 1984. De espaços outros. In *Architecture, Mouvement, continuité*, n.5, outubro 1984, p.46-9
- GUATTARI, Félix. 1992. *Caosmose: Um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão.
- HAN, Byung-Chul. 2015. *Sociedade do cansaço / Byung-Chul Han ; tradução de Enio Paulo Giachini*. – Petrópolis, RJ : Vozes.
- INGOLD, Tim. 2000. *The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, Taylor & Francis Group.
- JANUZZI. 2021. Vinicius Prado *Em Brasília, as superquadras: vida cotidiana, escolas e segregação no espaço urbano de Brasília / Vinicius Prado Januzzi; orientador Cristina Patriota de Moura*. – Brasília.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- KNAPPE, Maria de Fátima e outros. 2015. *Envelhecimento bem-sucedido em idosos longevos: uma revisão integrativa*. Artigo (internet).
- LOBO, Andrea de Souza. 1998. *Parque Nacional de Brasília: uma tentativa de análise sócio-antropológica de um espaço artefactual*. Monografia de graduação. Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais – UnB.
- LUPIEN SJ, Wan N. *Successful ageing: from cell to self*. Phil Trans R Soc Lond B. 2004;359(1449):1413-26.
- MACHADO, Igor José de Renó. 2023. *A memória como um campo etnográfico: antropologia ex post facto*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições.
- MACHADO, Mariana e Silva. 2019. *Compartilhando espaços, aprendendo a coabitar: etnografia sobre as relações entre humanos e macacos-prego no Parque Nacional de Brasília (PNB)*. Monografia de graduação. Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais – UnB.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “*De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*”. Revista brasileira de ciências sociais, v. 17, n.49.

MAGNANI, J.G.C. 1998. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Editora Hucitec.(2a. edição)

(org) 2018. *Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica* /Organização de José Guilherme Cantor Magnani; Enrico Spaggiari. – São Paulo: Edições Sesc São Paulo.

MINAYO, MCS., and COIMBRA JUNIOR, CEA., orgs. *Antropologia, saúde e envelhecimento* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Antropologia & Saúde collection, 209 p. ISBN: 978-85-7541-304-3. Available from SciELO Books

NADOLNY, Sten. 1996. *A descoberta do vagar*.

PATRIOTA, Cristina e JANUZZI, Vinicius. 2018. “*Brasília classificada: novos espaços de classe média na capital federal*.” Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 31, n. 1

PEREIRA, Luena. “*Alteridade e raça entre África e Brasil: branquidade e descentramentos nas ciências sociais brasileiras*”. Revista de Antropologia, 63(2), 2020

REIS, Rodolfo Moraes. 2012. *O notável envelhecimento: imagens e narrativas midiáticas do envelhecer contemporâneo*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília.

ROCCO, Gabriela Favero. 2005. *Um mergulho na Mineral*. Monografia de curso de especialização. Centro de Excelência em Turismo – UnB.

ROSA, Hartmut. 2018. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade*. Editora UNESP.

ROWE JW, Kahn RL. 1998. *Successful Aging*. New York: Pantheon Books.

SALGADO, G. S. M. 2000. *Economia e Gestão de Áreas Protegidas: o caso do Parque Nacional de Brasília*. Brasília, 2000, 124 p. Dissertação (Mestrado em Gestão Econômica do Meio Ambiente), Universidade de Brasília – UnB, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Economia.

SIMMEL, Georg. 1921. *The sociological significance of the “stranger”*. In: PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest W. (Eds.). Introduction to the science of sociology. Chicago: University of Chicago Press, 1921

TEIXEIRA, Ilka e NERI, Anita. *Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida*. Artigo (internet). Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. (<https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000100010>)

VELHO, Gilberto. 2013. *Um antropólogo na cidade*. Ensaios de Antropologia Urbana. Hermano Vianna, Karina Kuschnir, Celso Castro (orgs). Rio de Janeiro. Zahar.

VERAS, R. 1994. *País Jovem de Cabelos Brancos: a saúde do idoso no Brasil*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, Uerj.

VIEIRA, Wilson. 2010. *Vestígios no Parque Nacional de Brasília e na Reserva Biológica da Contagem: do campo da invisibilidade aos lugares de memória*. Dissertação de mestrado defendida no Departamento de Arquitetura e Urbanismo – UnB.

<https://www.scielo.br/j/ea/a/zz6cfdQBcxskMtMXDHPqT4G/#>

Apêndice 1 – Roteiro de entrevistas (idosos)

- 1) Faça uma apresentação de si. Quem é vc?
- 2) Onde vc mora atualmente? Quanto tempo leva pra chegar até aqui?
- 3) Há quanto tempo frequenta a Água Mineral? Me conta um pouco desse início da relação com o Parque?
- 4) Com que frequência vc vem?
- 5) Que horário vc costuma chegar e costuma ir embora?
- 6) A duração da sua vinda é programada? Vc define antecipadamente o horário de chegar e de ir embora?
- 7) O que costuma fazer no Parque? Quais atividades pratica?
- 8) Vc conhece outras pessoas que frequentam o parque diariamente? Se conhece, há quanto tempo se conhecem? Conte-me sobre sua relação com as pessoas que aqui frequentam.
- 9) Quais são as suas atividades ao sair do Parque?
- 10) Vc leva uma vida apressada? Sempre foi assim?
- 11) Vc já deixou de vir ao Parque por “falta de tempo”?
- 12) Pra vc, o que é ter saúde?
- 13) Como está a sua saúde?
- 14) A que fatos, práticas, escolhas vc atribui a sua saúde?
- 15) Qual é a relação do Parque com a sua saúde?
- 16) Por que vc escolheu o Parque e não um outro lugar?
- 17) O que vc aprecia no Parque?
- 18) Vc frequenta outros Parques além da Água Mineral?
- 19) Vc considera que as pessoas, em geral, adotam práticas como essa no seu dia a dia. Se não o fazem, quais são os motivos de não fazerem, na sua opinião?
- 20) Fale-me sobre a sua relação com o tempo, atualmente. E como essa relação se dava em outros momentos da sua vida.
- 21) Como vc pensa que é a forma ideal de gestão de tempo na vida de uma pessoa.
- 22) Em relação à passagem do tempo na vida de uma pessoa, quais aspectos vc considera como sendo benéficos e quais aspectos vc considera maléficos?
- 23) Como as novas gerações lidam com o tempo, a seu ver?

Apêndice 2

Folder circuito histórico